

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL  
FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE  
LINGUAGENS**

**LUIS HENRIQUE PEREIRA DE PAULA**

**FATO, IMAGINAÇÃO E PÓS-HISTÓRIA:  
UMA ANÁLISE SEMIÓTICA DE *VAMPYROTEUTHIS  
INFERNALIS* À LUZ DA TIPOLOGIA SIMBÓLICA VITORIANA**

**Campo Grande, MS**

**2019**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL  
FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE  
LINGUAGENS**

**LUIS HENRIQUE PEREIRA DE PAULA**

**FATO, IMAGINAÇÃO E PÓS-HISTÓRIA:  
UMA ANÁLISE SEMIÓTICA DE *VAMPYROTEUTHIS  
INFERNALIS* À LUZ DA TIPOLOGIA SIMBÓLICA VITORIANA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação e Mestrado em Estudos de Linguagens (PPGEL), da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Estudos de Linguagens.

Área de concentração: Práticas e Objetos Semióticos.

Orientador: Prof. Dr. Geraldo Vicente Martins.

**Campo Grande, MS**

**2019**

**LUIS HENRIQUE PEREIRA DE PAULA**

**FATO, IMAGINAÇÃO E PÓS-HISTÓRIA:**

UMA ANÁLISE SEMIÓTICA DE *VAMPYROTEUTHIS INFERNALIS* À LUZ  
DA TIPOLOGIA SIMBÓLICA VITORIANA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens da Faculdade de Artes, Letras, e Comunicação, da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) para a obtenção do grau de Mestre em Estudos de Linguagens.

Área de Concentração: Linguística e semiótica  
Linha de Pesquisa: Práticas e Objetos Semióticos  
Orientador: Prof. Dr. Geraldo Vicente Martins.

Campo Grande, MS, 9 de setembro de 2019.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Geraldo Vicente Martins (UFMS) - Orientador/Presidente

---

Prof. Dr. Marcelo Fernandes Pereira (UFMS) - Membro Titular

---

Profa. Dra. Sueli Maria Ramos da Silva (UFMS) - Membro Titular

“Porque, agora, vemos por  
espelho em enigma...”

*(I Coríntios 13:12)*

## DEDICATÓRIA

À Alinne que, com seu amor, sorriso e cuidado, tem me ensinado a reconhecer a beleza da vida debaixo do Sol. Companheira dedicada e fiel, conforto e consolo necessário para as dificuldades em meio à esta pesquisa.

À Luísa, pequeno pedaço de mim, que tem me ensinado a dançar.

Ao Lucas, que se preparava para enfrentar o mundo ainda dentro do ventre, enquanto escrevia essas linhas. Hoje celebra a vida e descobre o mundo.

Aos meus pais. Fonte inesgotável de amor e exemplo. A mente e o coração mais robustos e vigorosos que conheci. Aprendi a *vertigem filosófica*, o conhecimento enciclopédico, e o envolvimento apaixonado com o mundo, antes de conhecer Flusser, com eles.

A YHWH, Deus dos judeus – como Flusser –, meu único sustento e esperança na condição – também de Flusser – de exilado.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço aos familiares, amigos, professores e em especial, ao meu orientador, pelo apoio até aqui prestados. Sem o investimento de vocês, de diversos modos, o presente trabalho não seria possível.

À CAPES pelo apoio a pesquisa deste projeto no período de mestrado.

## RESUMO

O presente trabalho visa a colocar em perspectiva, instrumentalizando noções semióticas, a obra de Vilém Flusser, *Vampyroteuthis Infernalis*, e a tipologia bíblica do período vitoriano – método interpretativo que tensionou a dicotomia fato/imaginação imposta pelo mundo moderno. Através da cisão fato/imaginação, desencadeada na tensão entre materialismo e idealismo, objetivo e subjetivo dos séculos anteriores, ou na busca da reconciliação, iniciamos um ponto de contato entre a obra flusseriana, em seu *corpus* filosófico e ficcional, e a tipologia bíblica vitoriana conforme apresentada por George P. Landow, Paul Korshin e Herbert Susmann. Na análise da obra de Flusser, identificamos oposições fundantes e contraposições que ilustram aspectos diversos dessa dicotomia e propõem sua superação por meio de uma estrutura de significação que se manifesta em sua escrita ficcional e filosófica. O ponto de contato com os polos epistêmicos, Cila classicista e Caribe confessional, da própria narrativa de *Vampyroteuthis Infernalis*, espelha as visões distintas da semiótica e da tipologia simbólica vitoriana e sua relação com o binômio fato-imaginação. Fazemos ainda uso instrumental do conceito de cosmovisão, para refletir sobre a obra e sobre nosso instrumental teórico. A fábula vampirotêutica ordena a apresentação do pensamento de Flusser e sua dissolução da dicotomia, fundamentando, então, a avaliação dos métodos encontrados na tipologia simbólica da Inglaterra do séc. XIX. Recorremos a conceitos da semiótica discursiva, em sua versão clássica e seus desdobramentos plásticos e tensivos, bem como ao cotejamento das concepções de mundo da tipologia bíblica vitoriana e do *Vampyroteuthis Infernalis*.

Palavras-Chaves: Vilém Flusser, *Vampyroteuthis Infernalis*, Semiótica Discursiva, Tipologia Bíblica

## ABSTRACT

The present work aims to put into perspective, using semiotic notions, the work of Vilém Flusser, *Vampyroteuthis Infernalis*, and the biblical typology of the Victorian period - an interpretive method that has tensioned the fact/imagination dichotomy imposed by the modern world. Through the fact/imagination split, triggered by the tension between materialism and idealism, objective and subjective of previous centuries, or the quest for reconciliation, we initiate a point of contact between the Flusserian work in its philosophical and fictional corpus and the Victorian biblical typology as presented by George P. Landow, Paul Korshin and Herbert Susmann. In the analysis of Flusser's work, we identify founding oppositions and contrapositions that illustrate different aspects of this dichotomy and propose its overcoming through a structure of meaning that manifests itself in his fictional and philosophical writing. The point of contact with the epistemic poles, classicist Scylla and confessional Charybdis, of *Vampyroteuthis Infernalis*' narrative, mirrors the distinct visions of semiotics and Victorian symbolic typology and their relation to the fact-imagination binomial. We also make instrumental use of the concept of worldview to reflect on the work and our theoretical instrumental. The vampyrotheutic fable orders the presentation of Flusser's thought and its dissolution of the dichotomy, thus grounding the evaluation of the methods found in the symbolic typology of England's 19th century. We use the concepts of discursive semiotics, in their classic version and its plastic and tensive developments, as well as the collation of the world conceptions of the Victorian biblical typology and the *Vampyroteuthis Infernalis*.

Keywords: Vilém Flusser, *Vampyroteuthis Infernalis*, Discursive Semiotics, Biblical Typology

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>1</b>
<b>1. DESCENDO AO ABISMO</b> .....	<b>9</b>
1.1. A criatura abissal e o mergulho teórico .....	9
1.2. Nossas redes de pesca: a semiótica e a tipologia simbólica vitoriana.	12
1.3. Emergindo com as obras de Flusser .....	17
<b>2. LANÇANDO AS REDES</b> .....	<b>19</b>
2.1. Entre Flusser e Greimas .....	24
2.2. Entre Flusser e Floch.....	28
2.3. Entre Flusser e Zilberberg .....	43
<b>3. ENTRE CILA E CARIBDE</b> .....	<b>47</b>
3.1. Cila e Caribde na pós-história .....	51
3.2. A tipologia simbólica vitoriana: a Caribde confessional em contraponto. ....	52
3.3. Redes teóricas e visões de mundo: desvendando a Cila classicista....	61
3.3.1. Flusser e cosmovisões.....	61
3.3.2. Semiótica e cosmovisões.....	75
3.4. Fato e imaginação.....	79
3.4.1. A visão do Vampyroteuthis: a realidade infernal .....	80
3.4.2. A visão de Pisga: a realidade celestial.....	100
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>107</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>112</b>

## LISTA DE FIGURAS E QUADROS

Figura 1.1. <i>Vampyrotheon Eukelampro</i> .....	29
Figura 1.2. <i>Vampyromelas Enedraropalon</i> .....	31
Figura 1.3. <i>Upopetoma Artagepargogon</i> .....	32
Figura 1.4. <i>Akroato Hadal F.</i> .....	33
Figura 1.5. <i>Akroato Hadal F.</i> .....	34
Figura 1.6. <i>Lumantes Fusagrion</i> .....	35
Figura 1.7. <i>Vampyroteukis Upomenepisteme</i> .....	36
Figura 1.8. <i>Vampyroptusso Poikilon</i> .....	37
Figura 1.9. <i>Vampyropelida Kampto</i> .....	38
Figura 1.10. <i>Lalokamo Semaforóida</i> .....	39
Figura 1.11. <i>Vampyroteuthis Infernalis G. e Ormetaira Tapakegenon</i> .....	40
Figura 1.12. <i>Biotekmerions</i> .....	41
Quadro 1 Homologações da semiótica plástica. ....	43
Quadro 2 Aspectos da retórica tensiva em <i>Vampyroteuthis Infernalis</i> . ....	45
Quadro 3 A visão do “real” da biologia. ....	87
Quadro 4 A visão “infernalis” do romantismo. ....	89

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 Plano de expressão em <i>Vampyroteuthis Infernalis</i> . .....	42
Tabela 2 Plano de conteúdo e expressão do barroco histórico e pós-histórico em <i>Vampyroteuthis Infernalis</i> . .....	52

## INTRODUÇÃO

As teorias de Vilém Flusser, filósofo tcheco-brasileiro de vasta produção na teoria da comunicação, semiótica e mídia, conseguiram antever com impressionante precisão as tendências a mudanças que se manifestaram claramente algumas décadas depois de seu aparecimento em ensaios<sup>1</sup> e livros. Sua obra ainda desperta interesse; seus *insights* e hipóteses, levantados em muitos escritos e obras já publicadas e outras que ainda estão sendo traduzidas e editadas em novos volumes, continuam a demandar maior avaliação e desenvolvimento. Nesse aspecto, tomamos o potencial teórico da semiótica discursiva como aporte para uma investigação que assuma os conceitos e arcabouço expressos em sua, assim considerada, obra de ficção filosófica *Vampyroteuthis Infernalis*.

A escolha não é casual, pois é nessa obra que Flusser retoma a concepção de bestiário comum à Idade Média, como modelo para sua ficção, que é também um panorama de suas teorias e de uma visão de mundo aplicada em forma de fábula. O molusco que dá nome à obra é real, mas entremeado na escrita e análise do autor por múltiplos conceitos e classificações, que servem para analogias diversas com o ser-humano. Nas palavras de Flusser: “A presente fábula é mais ou menos informada pela biologia” (Flusser; Bec, 2011, p. 131). A explanação teórica, nesse sentido, assume o uso da alegoria e da analogia, o campo pouco usual da *ficção filosófica*.

Assumindo a condição ficcional de todo discurso, como aponta Krause no prefácio à obra *Natural:mente*, Vilém Flusser “escreve filosofia como quem faz ficção”. Tal método, ensaístico por natureza, tem finalidade dentro do quadro de significação de sua obra e não se apresenta como casual. Em seus escritos, mesmo filosóficos, Flusser

Mostra mais que demonstra. Provoca mais que esclarece. Dribla mais que afirma. Alude mais que aponta. Suspende mais que pontifica. Prefere o signo da compreensão ao signo da explicação... (KÜNSCH; MENEZES, 2016, p. 74).

---

<sup>1</sup> Sobre sua predileção pelo ensaio, cf. KUNSCH, D.A.; & MENEZES, J. E. O. **Ficção filosófica, ensaio e compreensão em Vilém Flusser**. Líbero, São Paulo, v. 19, n. 37, p. 71-80, jul/dez. de 2016.

*Vampyroteuthis Infernalis* nos parece ser uma deliberada manifestação do conceito de ficção filosófica, dos dribles e suspensões do método de engajamento de Flusser contra as ideologias em favor da dúvida (conforme sua carta para Maria Lília Leão), sendo uma maneira de vencer o “império absoluto da razão na Modernidade”, que ignora a qualidade fracionada e ficcional das nossas especulações (Künsch; Menezes, 2016, p. 75). Esse é o tipo de filosofia que preserva a dúvida, mantém o mistério e a capacidade de maravilhar-se e espantar-se, evitando uma histeria interpretativa generalizada que ignora e não desenvolve, até as últimas consequências, o *cogito* cartesiano. É também uma postura de combate à falta de imaginação, que, segundo Flusser, é a própria sentença de morte da academia.

Partindo desse conceito fundamental, que organiza o pensamento de Vilém Flusser, iremos destacar a sua abordagem teórica para o problema da dicotomia entre fato e imaginação, especialmente na obra *Vampyroteuthis Infernalis*, assim como sua investigação seminal acerca da relação entre língua e realidade (Flusser, 2004) e sua ampla teoria da escalada da abstração (Baitello, 2006), e outros de seus conceitos, como, por exemplo, o de “pós-história”, período civilizacional no qual estamos inseridos. Para Flusser, os avanços da revolução industrial, sobretudo o surgimento da fotografia, marcam essa transição que rompe com o fluxo linear da escrita e passa a caminhar para a codificação numérica e a abstração pura. Apesar de não encontrarmos menções diretas em *Vampyroteuthis Infernalis*, ensaios e textos de Flusser, como “Da ficção” (1966) e “Nova Imaginação” (2007), trazem luz sobre a narrativa vampiroteutíca e seu simbolismo intrincado. Permeando os conceitos de Flusser, é necessário aqui situar a posição teórica de nossa abordagem e objetivo final de uma visada comparatista que inclua aquilo que chamamos, seguindo Landow (1980), de “tipologia simbólica vitoriana”.

Assumimos, assim, a semiótica proposta por Algirdas Julian Greimas como uma reflexão possível sobre o estudo científica da significação. Com o desenvolvimento de uma semântica estrutural, Greimas fundou um projeto de ciência calcado no estudo do sentido construído pelo texto, sendo ela uma semântica gerativa, sintagmática e geral, uma busca nas perspectivas gramaticais de um modelo para a compreensão semiológica. Compreende-se por *gerativa* essa estrutura vertical na qual diversas categorias mais simples, subjacentes à superfície

do texto, se articulam na geração do sentido, cabendo, então, diversos níveis e componentes provisórios, de uso operacional e descritivo, utilizados de forma inter-relacionada para a análise semiótica. O que pretendemos, em um primeiro momento, é operar dentro de alguns níveis do percurso gerativo do sentido, tomando *Vampyroteuthis Infernalis* como objeto, articulando de forma inicial, pontual e investigativa a relação entre a teoria semiótica discursiva e o livro de Flusser, visando expor seus contrastes fundamentais e sua narrativa entremeada por afirmativas que expõem dicotomias contemporâneas.

Em nossa análise semiótica inicial, observaremos os níveis fundamental, narrativo e discursivo. Iremos recorrer, sobretudo, ao nível discursivo: espaço sintagmático em que temos as formas abstratas assumindo uma posição concreta por meio de temas e figuras e através dos quais temos, também, a criação do efeito de sentido de verdade e falsidade, bem como de proximidade e distanciamento, de realidade e referente. Analisaremos a instância de enunciação em sua relação com o texto-enunciado e os recursos discursivos diversos que produzem algum efeito de verdade, especialmente no emergir dos temas e figuras.

Nesse sentido, os modos figurativos de Flusser se darão como representação do mundo e seus seres, como revestimentos concretos de percursos temáticos que apresentam, interpretam, explicam e classificam as coisas e os seres do mundo, comentando relações e propriedades. Observaremos, assim, como o encadeamento de percursos em *Vampyroteuthis Infernalis* (especialmente das figuras e temas) gera conjuntos organizados e temáticos nos quais é possível encontrar uma unidade programática maior e subjacente.

Ademais, outras ferramentas semióticas – decorrentes de desenvolvimentos posteriores de linha discursiva – visam a avaliar os textos verbais e visuais e conectá-los com trechos importantes da obra, buscando alcançar uma correlação semiótica das estruturas de significação de Flusser e Louis Bec (artista plástico, coautor e responsável pelas ilustrações de *Vampyroteuthis Infernalis*). Para esse fim, teremos o aporte teórico de Floch (1987) e Greimas (1984), na investigação da oposição semântica e estrutural fundante nos textos de Bec, correlacionando, em nossas conclusões, com uma dimensão tensiva, conforme proposto por Lucia Teixeira (2004) e Claude Zilberberg (2011), e que se articula com a abordagem da crítica literária de Auerbach (2013).

A partir dessa compreensão, pretendemos analisar nossa obra visando a reconhecer estruturas e procedimentos de produção de sentido que nos permitam contrapor-lhe o processo de significação elaborado pela hermenêutica da tipologia simbólica vitoriana. Obtendo uma análise da prática semiótica de Flusser, abordaremos a tipologia simbólica enquanto método particular documentado por Landow (1980) e Sussman (1979). Ao avaliarmos um método hermenêutico contextualizado do séc. XIX, experimentaremos o quadro vívido de avanço tecnológico e industrial de uma potência global, assim como a manifesta ruptura com o mundo e a civilização da “história linear” na expressão de Flusser.

Para nossa pesquisa, partiremos de um breve panorama de *Vampyroteuthis Infernalis* e, a partir desse reconhecimento exploratório, assumiremos nosso objetivo geral: analisar questões figurativas segundo o viés da semiótica discursiva, na relação fato/imaginação desenvolvida pela fábula, tendo em perspectiva o arcabouço teórico-filosófico de Vilém Flusser e a tipologia simbólica vitoriana.

Nosso mergulho no mundo da obra é também um encontro com algumas teorias de Flusser, evocadas em *Vampyroteuthis* e aprofundadas alhures, por meio da análise discursiva, plástica e tensiva em nossa discussão mais aprofundada. Faremos uma análise qualitativa de obras importantes sobre o assunto, em recorte temático, que apresentem um panorama geral das principais publicações de Vilém Flusser, e de artigos que nos auxiliem a relacionar o tema da ficção filosófica com o *Vampyroteuthis Infernalis*. É nosso interesse ressaltar os principais aspectos das teorias do autor que se relacionam e se manifestam no texto em questão, desenvolvendo uma retórica com simbolismo próprio que busca dissolver a dicotomia fato/imaginação.

Especificamente, em pormenores, estabelecido nosso fundamento teórico através da semiótica e dos conceitos da tipologia simbólica vitoriana, buscaremos compreender e avaliar a relação entre fato/imaginação a partir de *Vampyroteuthis Infernalis* com trechos elucidativos de outras publicações de Flusser e de seus comentaristas (Capítulo 1). Nossa pesquisa também buscará reconhecer aspectos da teoria flusseriana fazendo uso instrumental da semiótica discursiva e do conceito de figuratividade, das oposições fundantes por meio de semiótica plástica e das análises tensivas relacionadas à retórica (Capítulo 2). Em um último momento, iremos contrapor a concepção flusseriana (partindo de seus conceitos de

fato/imaginação e da análise semiótica anterior) à metodologia hermenêutica da tipologia simbólica, conforme síntese e definição de Landow (1980) e Sussman (1979), em seu contexto, viés histórico e possíveis desdobramentos (Capítulo 3).

Em nossa análise, além da mera comparação e avaliação de similaridades de abordagem, tomaremos como objetivo a valorização dos temas em comum, tanto à figura vampirotêutica de Flusser quanto à tipologia simbólica vitoriana: da religiosidade, da solução epistêmica para as dicotomias modernas, da valorização do fenômeno, do contexto de ruptura histórica, da valorização da subjetividade, da imaginação, do relacionamento entre o simbolismo e uma cosmovisão ampla que se identifica nos signos, entre outros mais.

Nossas conclusões envolvem a análise que busca a síntese e reafirma os contrastes. Para isso, como método, tomaremos a análise semiótica da narrativa flusseriana como o horizonte amplo que pode abarcar, explicar e compreender a tipologia simbólica vitoriana em seus próprios termos e ressignificar seus usos em uma abordagem contemporânea que nos ajude a entender, da aurora da pós-história aos *insights* de *Vampyroteuthis Infernalis*, como a leitura e decodificação das alegorias de Flusser podem ampliar nossa compreensão do mundo e dos desafios epistêmicos que ainda permanecem hoje, até mesmo dentro de nossos instrumentais teóricos com suas devidas limitações.

A presente dissertação se organiza de modo a contemplar o desenvolvimento adequado de nossas proposições. Na Introdução do trabalho, buscamos apresentar nossas motivações mais básicas da pesquisa: o porquê da obra *Vampyroteuthis Infernalis* ter sido escolhida, assim como o uso instrumental da semiótica discursiva e as questões norteadoras que envolvem a relação entre fato e imaginação no texto do autor.

No capítulo 1, é nosso objetivo apresentar, de maneira mais detalhada, nossos fundamentos teóricos e alguns pormenores da semiótica discursiva, porém não nos esquecendo das questões da própria narrativa que atravessam o texto. Faremos também uma breve menção a alguns termos importantes da semiótica plástica e tensiva que se mostram úteis para reconhecer, ainda que inicialmente, a estrutura fundante (com seus eixos opositivos) que perpassa a obra e, também, os primeiros apontamentos acerca da tipologia simbólica vitoriana enquanto método hermenêutico que produziu uma abordagem da relação fato/imaginação. Ali nos será útil fazer algumas correlações iniciais entre os conceitos de semiótica padrão, da

semiótica plástica e das relações desenvolvidas por Claude Zilberberg entre extensidade e intensidade, em sua visada tensiva, exemplificada por meio de movimentos da história da arte, sobretudo na relação entre clássico e barroco, por exemplo. Finalizaremos o capítulo apresentando de forma mais ampla as questões semióticas que surgem ao longo de todo o livro.

No capítulo 2, temos a análise semiótica mais detalhada de *Vampyroteuthis Infernalis*, em discussão teórica pormenorizada e esquematizada nos eixos discursivos, plásticos e tensivos que se relacionam diretamente com figuras e temas que assumem eixos contrários na narrativa de Flusser. A estrutura opositiva fundante que constrói a significação será estabelecida em um momento inicial.

No nível discursivo, poderemos explorar as várias marcas da enunciação que tornam manifestos os sentidos de aproximação e distanciamento, como se estivéssemos diante de um ensaio que se converte em descrição científica, que se transmuta em filosofia, que retorna para a fábula (e vice-versa) de modo intermitente. E, além do eixo figurativo e temático do texto e de suas marcas de enunciação, buscaremos os contrastes plásticos e as categorias plásticas que se apresentam nas pranchas de Louis Bec. Se, na abordagem verbal, assumimos o nível fundamental, narrativo e discursivo, nas proposições plásticas de Floch e Greimas, buscaremos, nos três grandes níveis iniciais de análise (*topológico, eidético e cromático*), fundamentar nossa análise.

É desse confronto entre o visual e verbal que tomaremos algumas imbricações que nos remeterão a uma retórica tensiva. Reconhecendo as homologações do eixo sintagmático verbal e visual e fazendo uso da semiótica tensiva, encontramos um aporte instrumental adicional muito útil para um novo nível de análise. Caminharemos, assim, em direção à intensidade para desvendar a vertigem filosófica, termo próprio de Flusser, ilustrada nas pranchas de Bec. E observaremos como, em *Vampyroteuthis Infernalis*, não somente as ilustrações de criaturas submarinas monstruosas, detalhadamente construídas, mas sua revisão filosófica e fabulatória operam. Conectar tal retórica com o mundo do desconhecido é o nível mais profundo, como pretendemos mostrar, da ficção-filosófica flusseriana.

Quando tal leitura se faz percebida, sobrepondo-se à extensidade característica de uma narrativa esquemática, cheia de fatos e dados clarificados pela visão científica, nos encontramos com um tipo de retórica complexa. Se na descrição linear de uma ilustração científica parece não haver espaço para os contrastes, isso

nos é tirado de súbito pela leitura mais profunda, obscura e dramática. Por isso nos reportaremos aos modelos renascentista e barroco, invocados pela semiótica tensiva em Zilberberg (2011), observando uma relação opositiva que se assemelha com o Cila classicista e a Caribde confessional invocados por Flusser no capítulo final da obra, e que nos indicam os dois eixos nos quais vemos a narrativa de *Vampyroteuthis Infernalis* espaçar as dimensões e acinzentar as definições daquilo que consideramos, veridictoriamente, fato e imaginação. Assim, com a discussão presente no capítulo 3, procuramos estabelecer uma passagem entre a semiótica tensiva e seus dois eixos (intensidade e extensidade) em correlação com Cila e Caribde da obra. Nosso percurso buscará evidenciar como certas visões de mundo se constroem sobre esses dois eixos, dentro da obra, reconhecendo o papel das teorias de Flusser para a compreensão do conceito de “pós-história” e suas implicações, de modo intertextual e discursivo. Nosso foco, então, prosseguirá rumo a uma consideração do modelo da tipologia bíblica vitoriana como um contraponto, ou como religiosidade antipodal à do *Vampyroteuthis*.

As considerações finais deste trabalho resumem os resultados da pesquisa apontando para novas possibilidades e implicações no campo da pesquisa a respeito do tema e seus desdobramentos, revelando aberturas epistêmicas e metodológicas de nosso instrumental teórico-metodológico para avaliações posteriores.

Toda a investigação presente surge a partir de inquietações pessoais iniciadas em um trabalho de conclusão acadêmica, ao lidar com as teorias estéticas do artista pós-moderno Joseph Beuys, ainda no campo das Artes Visuais. Sua estética simbólica e sua visão de mundo sinalizavam uma tentativa de regeneração de sua própria chaga existencial, ao superar o envolvimento pregresso do artista com o Nazismo na juventude. Temáticas cristãs, místicas, românticas e espirituais se materializam em suas obras, que tratavam de uma nova relação humana com o mundo, a partir de uma dimensão estética de reconstrução social, encarnada no cotidiano e na vida humana.

O interesse por Flusser vem também de um trauma correlato, mas do campo adverso. Ele foge com a família da namorada da Alemanha de Hitler, vive como exilado – existencial e epistemologicamente: um apátrida naturalizado brasileiro, escrevendo e pensando como poliglota. Sua pós-história é um recontar do desespero pós-Auschwitz. Sua inquietação envolve o tema do desenvolvimento

tecnológico, da comunicação, dos *media*, e do abismo epistêmico de nossa crise de confiança em Deus, no homem, na ciência. Enquanto designer gráfico e artista visual, o autor da dissertação reconhece que há um âmbito de crença humana em toda teoria humana que almeja compreender o mundo e transformá-lo. Na esteira dessa crença, o presente trabalho é uma análise semiótica das chagas que articulam visões de mundo, surgem delas e estão presentes em todo labor artístico, teórico e literário.

É preciso desenvolver aqui uma compreensão mais profunda de nossos postulados, mergulhando em alguns aspectos de nossa narrativa, bem como esclarecendo nosso aporte teórico mais amplo. Para isso, teremos de tomar os principais conceitos que, de forma inicial, nos permitem desenvolver nossa leitura e análise da obra. Optamos por mesclar o rigor acadêmico de nossa incursão com segmentações (intra)capitulares que reflitam aspectos da estrutura narrativa de *Vampyroteuthis Infernalis*.

O caminho sem volta que nos é aberto é o único possível para que não sejamos muito fascinados por nossas redes de pesca, um alerta do próprio Flusser, na tentativa de pescar o *Vampyroteuthis*. O projeto imaginativo e filosófico da obra só pode ser captado enquanto se assume como uma convocação à superação das estruturas modeladoras das ciências e das epistemes vigentes. É grande o desafio de saber contrapor o abismo do *Vampyroteuthis* e a superfície em que habitamos.

É necessário reconhecer que há ciladas epistêmicas em ambos os lados. Mas, neste momento, precisamos descer com Flusser e com nosso instrumental auxiliar em busca de uma criatura abissal. O principal desafio é distinguir que também estamos limitados às nossas redes e sistemas de compreensão, e que nossa incursão pode acabar falando mais do instrumental utilizado que da própria criatura da fábula. Nossa pesca pode dizer mais sobre a rede do que sobre aquilo que foi pescado. A teoria pode se *objetificar* e transformar a criatura viva em um cadáver a ser manipulado.

É preciso fazer o *Vampyroteuthis* emergir vivo e, nessa tentativa, precisamos estar conscientes de alguns perigos de nossas redes teóricas. Estamos mergulhando em um abismo, rumo a uma criatura abissal, mas isso significa também mergulhar em nossas compreensões teóricas e estar conscientes de suas limitações para poder apreendê-las e superá-las.

### 1.1. A criatura abissal e o mergulho teórico

O livro de Flusser, objeto deste trabalho, foi escrito em parceria com o cientista e artista francês Louis Bec, que escolheu a espécie *Vampyroteuthis Infernalis* ou lula-vampira-do-inferno, um octópode real e habitante das densas e mais profundas regiões submarinas, como seu protagonista. O fato é que tanto Bec

quanto Flusser, amigos próximos e ambos conhecedores dos métodos da ciência, não se limitaram às descrições puramente científicas. Bec, biólogo por formação, primeiramente inspirou-se no molusco, mas desenhou uma criatura com características fantásticas, à qual Flusser dedicou um ensaio fenomenológico. A abordagem flusseriana busca no seu “objeto” vampirotêutico simular, em forma de fábula, um espelho distorcido para a humanidade. 10

A obra foi publicada em alemão em 1987, mas também, como diversas outras do autor, foi datilografada em português. A versão brasileira “é posterior com algumas diferenças importantes”, conforme ressalta Gustavo Bernardo Krause. Ele mesmo nos dá o grande propósito da obra:

‘Vampyrotheutis Infernalis’ é considerado o único romance do filósofo que se esmerou em escrever filosofia como ficção. Aqui ele faz ficção como filosofia, reconhecendo no seu animal vários traços da nossa própria existência no mundo. Suas sentenças fazem um jogo com espelhos deformantes, um oposto ao outro. Esse jogo reflete reflexões, mas de fora para dentro, e reviravoltas aninhadas, levando-nos a descobrir nossa própria estrutura existencial pelo ponto de vista mais distante possível. O filósofo-ficcionista pretende criticar a nossa existência vertebrada, mas do ponto de vista molusco. (Krause *in* Flusser, Bec, 2011, p. 8).

A obra divide-se em seis capítulos, sendo os cinco primeiros para a narrativa e o último dedicado à compilação das imagens desenhadas e assinadas por Bec. Nessa seção final, o francês apresenta-se, inicialmente, por carta, relatando as pesquisas e as ilustrações seguintes na posição de presidente do *Institut Scietifique de Recherche Paranaturaliste*.

Flusser inicia o primeiro capítulo, intitulado “Octópoda”, descrevendo a classificação científica e a posição da espécie dentro da taxonomia biológica, situando, inclusive, seu grau de parentesco com os seres humanos na escala da evolução. E aqui já reconhecemos um desafio duplo proposto pela narrativa ao relacionar fato e ficção de forma intercambiável, e jogar com a problemática semiótica do referente externo, ao manifestar aproximações e distanciamentos epistêmicos: a familiaridade científica é rapidamente removida por problematizações teóricas. Tal dificuldade ainda se soma aos saltos analógicos das leituras propostas

por Flusser, que atravessam e conectam a biologia, filosofia, teologia, sociologia, psicologia, entre outros campos de discursos.

11

Em “A gênese do *Vampyroteuthis*”, o segundo capítulo, as descrições da criatura se tornam individuais e corpóreas, estabelecendo uma compreensão dialética (homem x *vampyroteuthis*; evolução x revolução; esquerda x direita; abismo x terra firme; horizontal x vertical; etc.), que segue nos demais capítulos como fundamento da proposta fenomenológica de Flusser.

Depois de classificar e descrever o organismo molusco, no terceiro capítulo, encontra-se “O mundo do *Vampyroteuthis*” como a proposta de uma inter-relação entre as leituras de mundo e o modo como os modelos de compreensão humanos e vampyrotêuticos se dão apenas como projeções: “Ambientes são tanto espelhos do organismo, quanto o organismo é espelho do ambiente. Abstrações extrapoladas de relações concretas” (Flusser, Bec, 2011, p. 65).

O modo de pensar vampyrotêutico é apresentado no capítulo 4, sob o título “A cultura do *Vampyroteuthis*”, tomando como fundamento a filosofia grega na base da elaboração cultural do ocidente, apresentando, então, a sua vida social e sua arte. Esse é o capítulo mais longo e no qual podemos ver os espelhos de Flusser funcionando de forma mais profunda, uma vez que as principais questões civilizacionais e filosóficas estão reveladas nos espelhos retorcidos de suas reflexões.

No capítulo cinco, que trata da emergência do *Vampyroteuthis*, Flusser apresenta o desfecho final da fábula, mostrando que “não pode haver síntese ‘homem-*Vampyroteuthis*’” (Flusser, Bec, 2011, p. 129). Nas palavras de Bernardo, ecoando a conclusão do livro já no prefácio:

*Vampyroteuthis* surge sob a forma de esparsos cadáveres no mar da China, de serpentes devoradoras de navios nos mitos da humanidade, de ornamentos nos vasos fenícios e gregos, de ideologias sangrentas nos programas políticos da direita, de anseio de orgasmo permanente, da revolução permanente, nos programas políticos da esquerda. Em todos esses lugares, *Vampyroteuthis* surge como nosso próprio espelho. Precisamos contemplá-lo a fim de nos reconhecermos nele. Esse reconhecimento é o propósito dessa fábula, como de toda fábula. (FLUSSER, BEC, 2011, p. 11).

É desse modo que, inicialmente, conseguimos nos inserir no mundo 12 de *Vampyroteuthis Infernalis*, sob a narrativa de Flusser. É preciso pois, agora, além de reconhecer o abismo e sua criatura, avaliar nossas *redes de pesca* para a presente investigação.

## 1.2. Nossas redes de pesca: a semiótica e a tipologia simbólica vitoriana

Como já se adiantou na seção introdutória, a semântica estrutural de Algirdas Julian Greimas fundou um projeto de ciência calcado na preocupação de se estudar o sentido construído pelo texto. Estamos diante de uma abordagem semântica cujos eixos centrais estão no fato de ser gerativa, sintagmática e geral, uma busca de perspectivas gramaticais de um modelo para a compreensão semiológica. Se Flusser precisa descer ao abismo por meio da biologia para encontrar o *Vampyroteuthis*, nós precisamos “descer” ao sentido do texto por meio dos procedimentos semióticos.

Na semiótica discursiva, se estabelece o percurso gerativo, no qual lidamos com níveis para o reconhecimento do processo de significação. No nível fundamental, temos como fator predominante a diferença e oposição que se apresenta por meio de traços comuns. Nesse sentido, é preciso reconhecer as oposições semânticas que constroem o sentido do texto, sendo estas classificadas como positivas (eufóricas) ou negativas (disfóricas), e a análise deve relacionar o percurso entre os termos identificados (euforia – não-disforia – euforia). O nível narrativo envolve as estruturas narrativas, e não mais a afirmação ou negação dos conteúdos, mas focaliza a ação do sujeito. Essa ação é encontrada na sintaxe narrativa como mudanças de estados (conjunção e disjunção) que estabelecem a relação de um sujeito com o objeto. Reconhecemos, nesse patamar, com Fiorin (1999), os enunciados elementares de estado de fazer: o estado é indicado pelo verbo *ser*, ou por sua negação; o enunciado de fazer atesta uma transformação de um enunciado a outro, uma passagem de um estado inicial para um final. As narrativas, então, podem ser definidas, de acordo com o estado final de conjunção ou disjunção pela privação (no caso de disjunção final) ou de liquidação da falta (conjunção final).

Considerando a importância narrativa do *ser* e *fazer* na análise, temos uma organização hierárquica do texto que se compõe pelas fases de *manipulação, competência, performance e sanção*.

As quatro etapas acima, conhecidas como sequência canônica, nos ajudam ainda a compreender as modalizações do sujeito na narrativa. De um sujeito virtual estabelecido pela manipulação enquanto modalidade que o virtualiza (manipulado por um querer e/ou um dever fazer), para o atualizado dotado de competência (saber ou poder fazer), constituindo-se como realizado ao executar uma ação (fazer ser) e sendo, então, sancionado ao final de forma positiva ou negativa.

Adicionamos aqui, que o campo atuacional, marcado pelas oposições sujeito x objeto e destinador x destinatário, tem qualidade fundacional para a significação. Essas duas categorias atuacionais se relacionam dentro do âmbito mais amplo (estatuto sintático + estatuto semântico), nos quais os actantes sintáticos (sujeito e objeto) se articulam segundo uma investidura semântica a partir do desejo.

Dentro do programa narrativo a ser realizado pelo sujeito, as categorias de *adjuvantes* e *oponentes* apresentam-se nos modelos figurativos gerados dentro do discurso, como seres animados que ajudam (o poder-fazer) ou dificultam-no (o não-poder fazer a tarefa a ser realizada). A situação final tem como resultado a conjunção ou disjunção do sujeito com seu objeto de desejo.

No nível discursivo, vemos as formas abstratas assumindo uma posição concreta por meio de temas e figuras, em que temos também a criação do efeito de verdade e falsidade, de proximidade e distanciamento, de realidade e referente. Analisa-se aqui a instância de enunciação em sua relação com o texto-enunciado e os recursos discursivos diversos que produzem algum efeito de verdade. Surgem os temas e as figuras, e, nesse sentido, os textos figurativos se dão como significação do mundo e seus seres, enquanto os textos temáticos apresentam, interpretam, explicam e classificam as coisas e os seres do mundo, comentando relações e propriedades. Seu encadeamento em percursos (figuras e temas) gera conjuntos organizados e percursos temáticos, nos quais é possível encontrar uma unidade temática maior e subjacente.

É com a contribuição de Jean-Marie Floch que a semiótica francesa desenvolve uma metodologia robusta em direção a uma abordagem plástica sistematizada. Tomando por base os conceitos teóricos inaugurados pela semiótica discursiva, desenvolve-se uma análise que, também de forma imanente, assume o

texto visual como um todo de significação articulado por estruturas e valores semânticos. Greimas partira, para descrever uma semiótica visual, do postulado de que os elementos que cobrem a superfície constituem “conjuntos significantes” que, por sua vez, conduzem a “sistemas significantes” (1984, p. 20). Assume-se a distinção entre plano de conteúdo e de expressão e um percurso gerativo de sentido que se estabelece nas relações internas do texto enquanto simulacro metodológico do processo que o leitor realiza ao ler um texto. 14

Se, na abordagem verbal, encontramos o nível fundamental, narrativo e discursivo, nas proposições de Floch e Greimas, para o visual, evidenciam-se três grandes níveis iniciais de análise: *topológico*, *eidético* e *cromático*. Assim como a topologia avalia a superfície de um terreno, assume-se, na camada topológica, a estrutura visual conforme dada no suporte, em sua distribuição e ocupação do espaço, seu enquadramento (como base para o estabelecimento de um todo de sentido); em uma dimensão formal, temos o nível eidético que nos oferece condições de avaliar as percepções gráficas e o modo como estas se articulam visualmente nas estruturas; por último, o eixo cromático descreve a composição de cor em suas nuances.

Para a visualidade, toda a investida teórica é, nos três níveis indicados, meramente descritiva e preparatória, ou taxonômica, como postula Greimas. Cabe ao plano de conteúdo desenvolver os conceitos, ou o discurso, enquanto preenchimento do simulacro teórico-metodológico supracitado. Podemos então, a partir desse catálogo dado pelos três dispositivos, reconhecer as unidades disponíveis para a seleção ou o eixo paradigmático explicitado na relação “ou...ou” das partes. A partir daí, temos base para identificar a co-presença de termos e figuras que, na superfície-texto, constituem o eixo sintagmático. É por meio de *contrastes plásticos* de termos opostos, contrários ou contraditórios dentro da mesma *categoria plástica*, que encontramos uma organização textual, também operando nos discursos narrativos.

No nível fundamental, encontramos uma oposição básica que caracteriza a instrumentalização da abordagem semiótica discursiva: os eixos opositivos representados no quadrado semiótico. Os termos aplicados nesse esquematismo, na forma *a vs b*, utilizam categorias semânticas universais, como morte vs vida, cultura vs natureza e opressão vs liberdade. A busca por essa dimensão fundante é operada, no texto pictórico, pelos *formantes* (Greimas, 1984; Floch, 1987). É por

meio de termos de uma mesma categoria plástica, nos diversos níveis do plano de expressão, que encontramos os formantes responsáveis por correlações com termos do plano de conteúdo. 15

Podemos situar nossa abordagem geral recorrendo à dimensão tensiva, que avaliaremos nesse texto sincrético, que articula o verbal ao visual. Fazendo uso da leitura dos eixos intensivo e extensivo, de acordo com a proposta da vertente tensiva da teoria semiótica, encontramos um aporte instrumental complementar muito útil, tanto pelo viés de maior abstração que o direciona, quanto pelo novo nível de análise que podemos traçar.

As oposições do plano de conteúdo e de expressão, somadas a uma dimensão retórica tensiva, produzem um acúmulo de significação, entrecruzando os eixos sintagmáticos e paradigmáticos. Algo que nos parece análogo à proposta narrativa de Flusser e nos remete à oposição entre uma visada clássica e barroca, emprestada de Wolflin por Zilberberg (2011).

Considerando essa oposição reconhecida pela semiótica tensiva, podemos nos lançar em um panorama vitoriano, com os ideais iluministas sendo levados a cabo na disputa entre idealismo e materialismo, subjetividade e objetividade, dessacralização e ímpeto religioso -- disputas estas que dão pano de fundo à tipologia simbólica como um modelo interpretativo do mundo da época que influencia, grandemente, todas as áreas daquela sociedade – para o qual nos deslocaremos.

Nosso objetivo final está na dupla aproximação do conceito flusseriano de pós-história e na dicotomia fato-imaginação que se apresenta em nosso objeto de investigação, conforme fundamentado em nossa análise semiótica. Não ignoramos as profundas diferenças de abordagem de Flusser para a tipologia vitoriana, mas, para além dos pressupostos particulares, nos apegaremos à intenção latente da superação da dicotomia por meio de uma simbólica própria do século XIX, que carrega uma

ênfase simultânea acerca de dois polos de significado, ou dois níveis de existência... que combina um estilo realista com complexas intenções simbólicas como uma maneira de reconciliar fato e

Do mesmo modo, Herbert Sussman também enfatiza a simultaneidade da visão tipológica:

O mais elevado poder de imaginação, então, não está nem na percepção acurada do fenômeno, ou na visão imediata do transcendente, mas na sensibilidade integrada que pode ver com a maior acuidade o fato fenomenal enquanto simultaneamente lê o fato como um sinal de uma realidade maior (SUSSMAN, 1982, p. xvii).<sup>3</sup>

Tanto Landow quanto Sussman serão úteis para a percepção panorâmica da tentativa de conciliação que permeou o mundo vitoriano e influenciou diretamente a literatura, a poesia, a política, e, especialmente, as artes dos pré-rafaelitas e do crítico de arte John Ruskin, por exemplo. Tomaremos suas definições, tanto da hermenêutica em si quanto de apresentações das soluções que esta oferece à dicotomia fato/imaginação, como o aporte para nossa abordagem comparativa. Sem ingenuidade, em nosso fundamento teórico, na figura de Flusser, reconhecemos um judeu mais interessado na sacralização do mundo fenomênico (Teixeira, 2011; Bernardo, 2013) e que, por meio de seu *Vampyroteuthis Infernalis*, apresenta “tentativas sucessivas de congelar, para fins explicativos e exemplares, um gigantesco fluxo natural, cultural, histórico, teológico” (Miguel, 2013, p. 788).

Nossa tarefa é a de reconhecer, no âmbito atual da pós-história do *Vampyroteuthis* de Flusser, um mundo dividido em dicotomias, às quais os espíritos de outros tempos buscavam amenizar por meio de uma hermenêutica simbólica imbuída do mesmo espírito de sua fábula alegórica. Além de avaliar uma metodologia histórica e sua relação direta com o processo semiótico que estrutura a obra de Flusser, poderemos talvez, na compreensão do *Vampyroteuthis*, reavaliar *ficções e realidades* de nosso tempo.

---

<sup>2</sup> “This simultaneous emphasis upon two poles of meaning, or two levels of existence, appears again in Ruskin’s notions of an ideal art that combines a realistic styles with complex symbolic intentions as a way of reconciling fact and imagination, materialism and idealism.”

<sup>3</sup> “The highest power of the imagination, then, lies neither in the accurate perception of the phenomenal nor in the unmediated vision of the transcendent, but in the integrated sensibility that can see with the greatest acuity the phenomenal fact while simultaneously reading the fact as sign of a higher reality.”

### 1.3. Emergindo com as obras de Flusser

Vampyrotheuthis Infernalis é uma enigmática obra de Flusser que nos convida para leituras de mundo próprias, através de um intrincado simbolismo que aponta para os demais ensaios e escritos teóricos do filósofo. De acordo com Miguel (2013), encontramos uma teia que se desenvolve e serve também como um guia introdutório para as leituras críticas da fábula de Flusser e sua relação com sua bibliografia.

Introdutoriamente, quanto aos pesquisadores que tem se debruçado sobre Flusser, vemos que Bidlo (2016) aponta para a construção da subjetividade e do Eu na compreensão da cosmovisão (*Weltanschauung*) de Flusser, bem como sua revisão da teoria clássica da subjetividade. Assim, é interessante, para nossa análise, recorrer ao conceito filosófico de cosmovisão, uma vez que ele mesmo é evocado por Flusser (1966, 2002) e nos dá condições de avaliar os recursos semióticos de veridicção, tendo o texto um apelo para campos do saber que se entrecruzam e criam pontos de intertextualidade, sem comprometer nossa (e dele) visada imanente. Künsch e Menezes (2016) fornecem um panorama da ideia de ficção filosófica em Flusser e sua importância na aquisição de conhecimento, sua rejeição do empirismo e do academicismo (à semelhança da tipologia simbólica vitoriana) e do valor que ele atribuía para a dúvida e a imaginação, mesmo partindo de uma afirmação da realidade (inalcançável, exceto pelas palavras) do fenômeno. Também com Menezes (2010), temos uma revisão de parte da bibliografia do autor, apresentando um importante panorama dos escritos de Flusser de forma sintetizada e conectada com os principais tópicos de seu pensamento filosófico. Alguns destes conceitos, brevemente formulados a partir das obras mais importantes de Flusser, servirão de balizamento para os próximos capítulos desta dissertação.

Considerando algumas obras *in loco*, observamos que *Língua e Realidade* (Flusser, 2004) esboça a leitura seminal de Flusser acerca da língua como única maneira de apreensão dos dados brutos; portanto, as visões de mundo estão presas à própria língua, criando e propagando realidade. Sua definição fenomenológica de realidade nos dá, para os capítulos de análise, o espaço para a relação fato/imaginação. Há também, nesta obra o importante o postulado da criação de sentido (informação) como finalidade do diálogo, que será estruturado posteriormente em sua teoria da pós-história.

*A história do Diabo* (1965) e *Da religiosidade* (2002), traçam um panorama teórico que é fundamental para a compreensão de *Vampyroteuthis Infernalis* e nos conduzem à definição de realidade de Flusser, que envolve um engajamento religioso com o mundo, pela “sensação do irreal” e por um senso novo de realidade (Flusser, 2002, p. 13), e nos auxilia com as implicações religiosas de *Vampyroteuthis* e, posteriormente, com a hermenêutica da tipologia simbólica vitoriana.

Considerando que a obra de Flusser vai em direção à cultura, à filosofia da ciência, da história e das questões epistemológicas, um importante elo de nosso trabalho se dá com o livro *Pós-história: Vinte instantâneos e o um modo de usar* (2011). Encontramos neste escrito o desenvolvimento amplo e histórico da “escalada da abstração”, o conceito flusseriano para uma imersão em virtualidades e nas quais as imagens técnicas substituem os textos, em um “processo circular que retraduz texto em imagens” (Bernardo, 2002, p. 77). Tal discussão é fundamental para nossa compreensão do esvaziamento dos conceitos que marcam o abandono das ideias e, conseqüentemente, da imaginação. A crise de valores de nossa sociedade pós-histórica é traçada com certo acento para uma crise da humanidade que o *Vampyroteuthis* se ocupa em refletir.

O tema da “pós-história” em Vilém Flusser, de Tauchen (2015), será de grande importância para a compreensão da interseção do pensamento flusseriano entre o conceito de pós-história e os demais temas de suas obras que surgem como importantes textos e coletâneas de ensaios para preencher lacunas em nossa compreensão da filosofia flusseriana que circunda *Vampyroteuthis Infernalis*.

Tendo considerado este *corpus*, ainda que panoramicamente, do terreno conceitual de nossa pesquisa, precisamos começar a implicar o abismo e a superfície, os instrumentais teóricos e nosso objeto, as redes de pesca e o *Vampyroteuthis*, Vilém Flusser e nossos outros autores, tarefa a que nos dedicamos no próximo capítulo da Dissertação.

## 2. LANÇANDO AS REDES

É preciso desvendar a estrutura e a narrativa vampyroteuthica, reconhecer os contrastes enigmáticos de Flusser que nos colocam em imediata reflexão e em investigação crítica sobre a dimensão significativa da obra. Para isso, tomamos como ponto de partida o conceito de *cosmovisão*, citados alhures por Flusser e que podemos definir, com o auxílio do filósofo Mário Ferreira dos Santos,

como um conjunto de intuições que domina não só as particularizações teóricas e um tipo humano e cultural, mas, como sustenta Scheler, condiciona toda a ciência, como também abarca as formas normativas, tornando-se ela uma norma para ação, observa Ferrater Mora. (SANTOS, 2015, p. 134).

Na coletânea de ensaios “Ficções Filosóficas” (1998), encontramos a fábula germinal para a narrativa de *Vampyroteuthis Infernalis*. O conto “Um mundo fabuloso”, publicado no jornal O Estado de São Paulo, em novembro de 1964, é a apresentação de um diálogo entre uma solitária, um feto e um octópode. A disputa é para estabelecer qual deles seria o mais elevado na cadeia evolutiva. É nesse breve ensaio que encontramos, além da própria ideia inicial que deu origem à obra que analisamos, a utilização por parte do autor do conceito de cosmovisão: “Que o octópode seja darwiniano é uma cosmovisão que lhe compete” (Flusser, 1998, p. 26-27). O propósito de Flusser, desde o princípio, parece ser evidenciar um interesse nas “ciências específicas”, conectando-as por meio de sua fábula e “atribuindo-lhe às vezes a função de unificar as ciências ou de reunir seus resultados numa *visão de mundo*” (Abbagnano, 2007, p. 446).

Nesse sentido, a proposta de Flusser é demonstrar tal esquema precário e propor um despertar mais que epistêmico e teórico, mas, em última análise, profundamente humano. Sua convocação é para uma revisão das cosmovisões reinantes que criam cisões e dicotomias e desqualificam o outro sob a égide de pretensa objetividade ou profundidade.

Ressaltamos, na sequência, algumas passagens nas quais podemos identificar a importância do conceito de cosmovisão para dialogarmos com Flusser e apreendermos o *Vampyroteuthis*, para o bem ou para o mal. Assim, o que segue é uma pequena coletânea de incursões teóricas e filosóficas que permeiam a escrita

flusseriana, trazendo visões de mundo diversas para a análise do comportamento humano e vampyroteuthico.

A partir do segundo capítulo, depois de uma taxonomia biológica anteriormente dada, descreve-se a origem da criatura retornando ao filo *Mollusca*. E os conceitos teóricos se multiplicam, conectado e explicando os “fatos” científicos (Flusser, Bec, 2011):

- Para o autor, a filogênese nos esclarece a fenomenologia do nojo: quanto mais distante, evolutivamente, um animal de nós, maior a repugnância que sentimos (p. 21).
- É preciso opor um Darwin Humano ao Darwin Vampyroteuthico (p. 22).
- Considera-se uma dialética da espiralidade, as três direções da evolução, os pontos antipodais nos quais estamos nós e o *Vampyroteuthis* (p. 28).
- O problema da objetividade e distanciamento surge como uma dificuldade para a fenomenologia (p. 29).
- Põem-se à mesa uma busca pela intersubjetividade e o abandono da pretensa objetividade (p. 30).
- A fantasia exata de Leonardo da Vinci é referida (p. 37).
- Constata-se que a estrutura da sociedade octopodal não é a economia, mas o sexo (p. 38).
- Reconhecemos o homem e o *Vampyroteuthis*, em seu atual estágio evolutivo, almejando a verticalidade, mas em situações de alienação análogas (p. 39-40).
- O pensamento humano e o vampyroteuthico são contrapostos (p. 41-42).
- As virtualidades do programa da vida são dados limitadores (p. 42), e afetam o jogo permutatório (p. 43).
- Encontramos homens e vampyroteuthes em exílio, situação limite de existência (p. 44): são espíritos opostos que negam o mesmo mundo (p. 45).

É no capítulo três que a reflexão de Flusser no campo filosófico se torna mais intensa e os modelos interpretativos se tornam mais presentes na avaliação dos “fatos” científicos levantados. A leitura de Reich acerca do espírito

(comportamento) nos informa sobre o comportamento do *Vampyroteuthis* (p. 47). O recalque freudiano e o inconsciente de Jung são seus modelos explicativos (p. 48). Reconhecemos nele e em nós um segmento cefálico e as duas posturas: avanço e recuo (p. 49). A dialética “eros-tanathos” e a eternalização da informação são nossos dilemas comuns (p. 51). Surgem os conceitos de metajogo, transcendência, morte e *imitatio diaboli*. (p. 52). Os modelos dos hereditaristas e ambientalistas (p. 53) são reconhecidos como herança do cientificismo, e, especialmente presentes em Darwin e Lamarck (p. 54). Flusser trata do problema epistemológico que surge das falsas classificações (p. 56). Novamente, Reich é trazido para a leitura, relacionado com o recalque e a teoria dos jogos (p. 57). As teorias são postas como instrumento (p. 58) e a fenomenologia proposta no lugar das abstrações (p. 59), sendo o método intuitivo asseverado (p. 60). Contrapondo os *habitats*, vemos a perspectiva humana sobre o *Vampyroteuthis*: o inferno (p. 64, 65). A modificação do mundo pelas mãos são temas de uma nova análise fenomenológica (p. 67): Merleau-Ponty e Bachelard são evocados, trata-se da visão próxima e da visão ampla (p. 68). O fato evolutivo humano da cabeça erguida e do gesto de andar são associados com o conhecimento e a temporalidade (p. 68). O contato, a metáfora e a fábula são apresentados como um salto de mundo em mundo (p. 69). O propósito do homem ao conhecer o mundo é atravessá-lo, como numa floresta (*erfahren* = “viajar por”); o do *Vampyroteuthis*, usando seus tentáculos como extensão do aparelho digestivo, ao redor da boca, é digeri-lo (p. 70).

Percebemos, ainda, que a epistemologia humana e a vampyroteuthica são diametralmente opostas. A cultura, no homem, envolve os obstáculos que são apalpados, surgem à mão; para o *Vampyroteuthis*, cultura são as impressões incorporadas. No primeiro caso, cultura é “remoção” da natureza; no segundo, é digestão, incorporação e crítica da “natureza” (p. 71). Nosso mundo aparece pela emissão de raios solares, e o homem investiga para trazer iluminação (“aletheia”); o *Vampyroteuthis* *emite* raios de luz para que os objetos apareçam. Seus órgãos perceptivos, que controlam a emissão de luz conforme sua intenção, são suas categorias perceptivas. A atitude ingênua do homem perante o mundo é platônica, a do *Vampyroteuthis* é kantiana (p. 71). A distância entre nossas mãos, aparelho genital e cérebro (que controla ambos) cria contradições na percepção do mundo, e nos deixa em dúvida. A coordenação dos tentáculos, olhos e demais órgãos estão próximos do cérebro no *Vampyroteuthis*, enviando informações compactas, sem

contradição e com colorações sexuais: “A nossa atitude fundamental perante o mundo é a dúvida cartesiana, a atitude vampyrotêuthica perante o mundo é admiração” (Flusser, Bec, 2011, p. 72).

Na cisão entre “sujeito” e “objeto” no homem, encontramos a passagem do primata para o hominídeo: as mãos não somente apalpam, mas criam instrumentos. Os olhos não apenas enxergam copas de árvores, mas se levantam sobre a tundra observando o horizonte. O homem produz, então, seus instrumentos de osso e pedra, como “mediações” com um mundo do qual se sente alienado. No caso vampyroteuthico, apenas intuímos o processo envolvendo sua mudança de molusco “lento e viscoso” para “animal feroz, rápido e versátil”. Ele não se viu como sujeito ativo, da mesma forma que o homem, em seu mundo, mas, antes, como aquele que passivamente deveria absorvê-lo.

Se o mundo é “campo de ação” para o homem, para o *Vampyroteuthis*, é “esfera de vivências”. No primeiro caso, projeta-se a existência para além e encontra-se um sujeito ativo, transcendente, Deus; no outro, um sujeito passional transcendente, o diabo. Tal esquema implica em uma concepção ontológica diversa, e em estruturas opostas. Somos nós sujeitos da clareza do dia, enquanto ele, da paixão da noite. Ele romântico, nós iluministas, mesmo que em nenhum dos dois casos sejamos puramente uma coisa ou outra: tanto nós como ele raciocinamos e sonhamos. Nossa constituição corpórea dispôs cabeça e barriga, no homem e no *Vampyroteuthis*, de maneira inversa. Assim:

Se o *Vampyroteuthis* analisa o mundo, está fazendo ‘análise de profundidade’, e se analisa seu próprio estar-no-mundo, está fazendo “crítica da razão”. Seu Newton é Freud, seu Jung é Einstein. (FLUSSER, BEC, 2011, p. 74).

O mundo do *Vampyroteuthis* é experimentado sexualmente e não há para ele coisas neutras (*neutral stuff*), mas, tendo ambos os sexos, masculino e feminino, tudo deve ser sintetizado. O homem neutralizou tudo para reunir as contradições do mundo em edifícios teóricos; o *Vampyroteuthis* busca sua síntese pela vertigem do orgasmo. Essa é uma característica diversa da nossa; é relacionada à maneira como raciocinamos: nosso cérebro, com sua bilateralidade, desenvolveu muito mais o lado direito; o dele é esfera dividida, que funciona em roda, de forma não-oscilatória,

dialética circular. O nosso é linha reta que une duas metades cerebrais, e pensamos linearmente e silogisticamente; ele, em roda e involuntariamente.

Para nós, o mundo é planície; para ele, os planos são abstrações. Ele se lança na terceira dimensão. Nós negamos o mundo perpendicularmente; ele, em espiral: “Nossas dialéticas são diferentes uma da outra” (p. 76). A existência do *Vampyroteuthis* é retorção, a do homem é a estrutura interna de um plano cartesiano. Para nós, a menor distância entre dois pontos é a reta; para ele, “é a mola que faz coincidir os dois pontos quando retraída”. Conforme atesta o autor, não há conciliação entre nossa estrutura e a dele.

Sua geometria é dinâmica. Não pode haver, para ele, forma imutável. Não é platônico, é orgástico. Não realiza a contemplação filosófica, mas a vertigem filosófica é a sua atitude. (FLUSSER, BEC, 2011, p. 76).

Para Flusser, então, estamos, nós e ele, em situações de existência distintas. O homem vê o mundo, planeta Terra, como planície habitável; o *Vampyroteuthis*, como furo habitável. São Terras distintas. Nós queremos percorrê-lo; amamos o mundo, embora lutemos com ele. Ele abraça o mundo para incorporá-lo, e, portanto, odeia o mundo, embora o goze.

A instrumentalidade da fenomenologia nos conduziu até aqui utilizando as diversas teorias como instrumento de apreensão do *Vampyroteuthis Infernalis*. Entretanto, aqui, percebemos que não há espaço para conciliação entre as visões de mundo. Para Flusser, o jogo de contrastes excludentes, não de opostos complementares, é que está em cena:

Não somos complementares, somos opostos. Somos opostos, como espelhos. Toda tentativa de transformar o *Vampyroteuthis* em complementaridade humana é traição da existência humana. Romantismo perigoso. Não adianta querer minimizar: o *Vampyroteuthis* é nosso inferno. ‘*Vampyroteuthis Infernalis*’. O resto da viagem será convite a viagem ‘ad inferos’: ‘*Acheronta movebo*’ (FLUSSER, BEC, 2011, p. 77).

É especialmente no último capítulo que podemos assumir a dimensão da crítica de Flusser. Se ele tece breves alusões nos capítulos anteriores, ao falar agora da emergência do *Vampyroteuthis*, reconhecemos a contundência do seu desnudar de visões de mundo organizando os fatos científicos e se tornando os filtros autoritários de compreensões infernais: os programas de direita e da esquerda, o ímpeto evolutivo (da *fábula* da biologia): da entropia para a organização, para complexidade evolutiva e rumo a entropia novamente, os projetos de poder, entre outros, são desnudados. O *Vampyroteuthis* é o desafio de todas as navegações do conhecimento humano. Em nosso caso, buscaremos apreendê-lo, inicialmente, pelas redes da semiótica discursiva padrão.

### 2.1. Entre Flusser e Greimas

Uma análise semiótica da obra de Flusser poderia assumir diversos recortes. O que se pretende aqui é apenas descrever, em breves parágrafos, alguns caminhos possíveis que, ao mesmo tempo, permitem vislumbrar desenvolvimentos posteriores, mas também já apresentam, em algum sentido introdutório, o potencial a ser obtido dos níveis de percurso enquanto instrumental de análise. Desse modo, as descrições são tópicas e resumidas e não se pretende formular uma análise descritiva rigorosa em cada nível do percurso a ser levantado, mas tão-somente implicar nossa abordagem teórico-metodológica naquilo que podemos encontrar panoramicamente em *Vampyroteuthis Infernalis*.

Logo de início, nos deparamos com estado de disjunção manifestada no enunciado por uma distância, simbolicamente definida pelo abismo submarino, que separa o *Vampyroteuthis* do homem e de sua compreensão. Até mesmo as hábeis tentativas da ciência parecem falhar: “A classificação taxonômica da espécie é difícil. É difícil captarmos o *Vampyroteuthis* nas redes de pesca e nas do conhecimento” (Flusser, Bec, 2011, p.13-14).

Um recorte de análise bastante fecundo poderia ser dado ao observarmos o modo como as competências são atualizadas. Conforme a narrativa aborda novas questões relativas à criatura e às capacidades humanas de compreendê-la e de compreender as limitações da humanidade, podemos reconhecer diversas atualizações de competências modais. Flusser estabelece uma proposta de reconhecimento da criatura e de nós mesmos, que só se faz possível e se efetua

tomando posse de diversas analogias e afastamentos, possibilidades e impossibilidades, assumindo uma compreensão dialética e fenomenológica que se atualiza conforme novos conceitos são evocados e outros abandonados.

No nível fundamental, o texto pode ser explorado a partir da categoria que articula *euforia* e *disforia*. Ao recortar os diversos elementos semânticos que compõem o quadro axiológico da obra, determinando valores positivos e negativos que se alternam na comparação vampirotêutica proposta por Flusser, podemos encontrar categorias em abundância. A proposta da obra toma como fundamento as oposições e o conceito de distanciamento como fio condutor. Desde o princípio do texto, somos desafiados pela ideia dos espelhos da fábula, assim como a ferramenta epistêmica adotada por Flusser, que é sua fenomenologia, nos indica uma direção na qual o único modo de não estarmos implicados subjetivamente naquilo que buscamos descrever objetivamente, e sem termos de apelar para alguma concepção transcendente, é enxergarmos de modo distanciado o fenômeno. É preciso estar livre dos condicionamentos para falar sobre o mundo:

... o homem é ente mergulhado no mundo e condicionado pelo mundo, e não pode pois, falar 'sobre' o mundo.

Por certo: a objetividade pode ser concebida sem transcendência do mundo. Quanto mais afastado está determinado fenômeno do nosso centro de interesse, tanto mais objetivamente podemos estudá-lo (FLUSSER, BEC, 2012, p.).

A partir dessa ótica, encontramos diversas oposições constantes que nos separam e criam visões de mundo totalmente diversas para nós e os vampyroteuthes: vida e morte, direita e esquerda, preservação e revolução, ou amor e guerra no nível discursivo, etc. E, invariavelmente, ao nos depararmos com as oposições que encontramos em ambos, sentimentos opostos, *eufóricos* e *disfóricos*, simultaneamente emergem:

Tentando estabelecer a relação entre os dois seres, Vilém percebe o *Vampyroteuthis*, de nosso ponto de vista como existência odiosa, assim como supõe que, do ponto de vista vampyrothético, o homem é existência chata. (BERNARDO in FLUSSER, BEC, 2011, p. 10).

Outro caminho possível é o da análise do modo como texto lida com os mecanismos de veridicção ao fazer a seleção de um campo lexical e ao criar um recorte de linguagem em seu próprio ato enunciativo. O dizer de Flusser se apresenta como verdadeiro ao evocar conceitos e terminologias, estabelecendo a intertextualidade como eficaz efeito de veridicção. Assim, temos conceitos da biologia, filosofia, psicologia, teologia, política, epistemologia, entre outros (Flusser, Bec, 2011):

- “Somos, o *Vampyroteuthis* e nós, Eucolomata.” (p. 15).
- “Embora o *Vampyroteuthis* esteja muito afastado de nós, está não obstante conosco no mundo. Trata-se de um ‘ser-conosco’” (*Mitsein*) (p. 19).
- “A seguinte leitura de Wilhelm Reich é possível.” (p. 47).
- “A *imitativo diaboli* não nos é possível.” (p.52)
- “Tal contenda pode servir como um dos critérios para a distinção entre as posições de ‘direita’ e ‘esquerda’” (p. 53).
- “... há *feedback* entre ideologia e realidade, e as teses parabiológicas que originalmente serviam apenas de pretexto para lutas econômicas e sociais reais passaram a ter consequências reais, sobretudo na Alemanha nazista e na Rússia stalinista...” (p. 53).
- “Convém considerar rapidamente a dificuldade inerente à noção de ‘espécie’...” (p. 54).

No nível discursivo, podemos explorar as várias marcas da enunciação que tornam manifestos os sentidos de aproximação e distanciamento, como se estivéssemos diante de um ensaio que se converte em descrição científica, que se transmuta em filosofia, que retorna para a fábula de modo intermitente. Por meio dessas intercorrências, identificamos, conforme postula Fiorin, as debreagens enunciativa e enunciva, que “criam, em princípio, dois grandes efeitos de sentido: de subjetividade e de objetividade” (2007, p. 84). Podemos observar, no trecho a seguir, a primeira pessoa instaurada por Flusser, que descreve na terceira pessoa o *Vampyroteuthis* e os homens, mas que, fazendo o uso de recursos do espaço e do tempo da enunciação, da representação actancial, espacial e temporal do enunciado, ao mesmo tempo, estabelece e rejeita a ilusão da neutralidade e o efeito de sentido de verdade objetiva para manifestar-se como juiz epistêmico daquilo que

pretensamente se diz objetivo: “Esse problema epistemológico se manifesta em todas as ciências, não apenas na biologia. [...] Não é assim que conseguiremos reformular o problema...” (Flusser, Bec, 2012, p. 56). Se, na primeira frase do parágrafo, conseguimos distinguir uma linguagem puramente científica, na última sentença do mesmo trecho, vemos o enunciador implicado pessoalmente na busca por uma solução. Essas alternâncias perpassam várias partes da obra. Somam-se ainda aqui os diversos referentes externos, como locais, datas e nomes e a noção de tempo e espaço.

Observando ainda os percursos temáticos e figurativos, podemos avaliar alguns propósitos do texto, reconhecendo os traços semânticos recorrentes (*isotopias*). Na unidade fixa do discurso, podemos encontrar uma estabilidade narrativa e figurativa a partir do conceito de *motivo* enquanto reconhecemos, no enunciado, um programa que visa a uma implicação mútua do *Vampyroteuthis* no homem, e do homem no *Vampyroteuthis*:

De maneira que... todas as expedições... [v]ão e encontrar o *Vampyroteuthis* e vão encontrar-se no *Vampyroteuthis*. É que ele habita todas as nossas profundidades, e nós o habitamos. E este encontro de si próprio no outro extremo do mundo é o derradeiro propósito de todas as explorações humanas. Porque, “no fundo”, o único tema do homem é o próprio homem. (FLUSSER, BEC, 2011, p. 126).

Pelo conceito semiótico de *ator*, podemos avaliar os diversos papéis actanciais desenvolvidos na obra, com destaque àqueles de fundo figurativo, especialmente os recorrentes apelos aos antropomorfismos e zoomorfismos. Se lidamos com um jogo de implicações entre a criatura e seres humanos, isso é possível apenas porque Flusser toma a relação de espelhamento até as últimas consequências, podendo, portanto, no último capítulo da obra, tratar de forma mais profunda a respeito da cultura, da sociedade e das artes do *Vampyroteuthis*, por exemplo. Do mesmo modo, nosso narrador recorre à biologia extensamente para dispor o homem lado-a-lado com a criatura, enxergando que o que nos separa, nós e *Vampyroteuhis*, no jogo cego do acaso e da evolução, é apenas a escolha evolutiva.

Por implicação, com o conceito semiótico do *papel temático*, podemos observar em Flusser o uso de um tipo de discurso científico anteriormente citado, ao qual ele se reporta constantemente, em suas críticas filosóficas e epistêmicas dos modelos que dispomos para ‘acessar’ a realidade, mas que se apresenta como o único disponível para nossa imersão rumo à descrição da criatura enquanto ser do nosso próprio mundo. O *Vampyroteuthis*, em suas funções actanciais, cumpre o papel de desmascarar as concepções já estabelecidas daquilo que poderia ser considerado “real”. Assim, Flusser justifica:

A razão pela qual a fábula recorreu à biologia (malgrado a pouca cultura biológica do fabulador) é dupla. A primeira é que o *Vampyroteuthis* no fundo do mar é uma espécie biológica, e que o homem é, ele próprio, animal nas profundezas onde o *Vampyroteuthis* o habita. A segunda razão da escolha é que esta, no seu presente estágio de desenvolvimento, nos proporciona visão do real, que é a visão do *Vampyroteuthis*. (FLUSSER, BEC, 2011, p.131)

Isso nos leva a encerrar nossa abordagem da semiótica discursiva padrão para entrever, por meio da semiótica plástica, a relação possível entre esses conceitos e a abordagem de Floch.

## 2.2. Entre Flusser e Floch

Bec contribuiu com a fábula de Flusser por meio de suas pranchas que serão analisadas a seguir pelo viés semiótico em seu desenvolvimento visual dado pelo semioticista Jean-Marie Floch. Nosso objetivo é partir do pressuposto flusseriano, que permitiu a Bec desenvolver sua pesquisa fantástica, de que as redes da ciência são denunciadas na análise do cadáver vampyroteutico, e atentar para o quanto as lentes do conhecimento humano se manifestam nos textos sincréticos das pranchas do *Instituto Científico de Pesquisa Paranaturalista*.

Nossa análise é imanente como a de Flusser, mas visa a opor e expor o contraste entre os dois perigos deflagrados pelo *Vampyroteuthis*: o da Cila do tipo classicista e o da Caribde confessional, os dois lados através dos quais esbarramos no terror da criatura abissal, sem poder apreendê-la (Flusser; Bec, 2011, p. 129-

130). Essa é a grande metáfora da obra, que se assume como bestiário contemporâneo, e coloca as investidas epistêmicas humanas em questão.

Em *Vampyrotheon Eukelampro* (prancha 1 e 1A), encontramos um padrão geral de representação plástica que estabelece um modelo esquemático – salvo poucas exceções –, em que as demais pranchas são articuladas. Dois terços ou mais do espaço em branco das duas pranchas são ocupados pela oposição entre desenhos curvilíneos, orgânicos que expressam certa característica irregular e aparentemente manual. As figuras são rodeadas por textos que se conectam com partes da imagem, ligando-se traços e nomenclaturas. Há no lado superior uma estrutura tabular, de linhas retas verticais e horizontais, compondo um espaço para diagramação textual, com informação verbal e, invariavelmente, outra forma retangular, na maioria das vezes, ao topo, outras ladeando a figura central, ocupado em geral com aquilo que se deduz ser a nomenclatura científica da criatura ilustrada. Há ainda dois parágrafos explicativos, com mais textos verbais, que estão na primeira prancha, no lado superior (variando também em outras pranchas quanto à sua disposição). Considerando a dimensão *eidética*, temos figuras curvilíneas, onduladas e profusamente detalhadas: texturas, curvas e padrões se repetem.

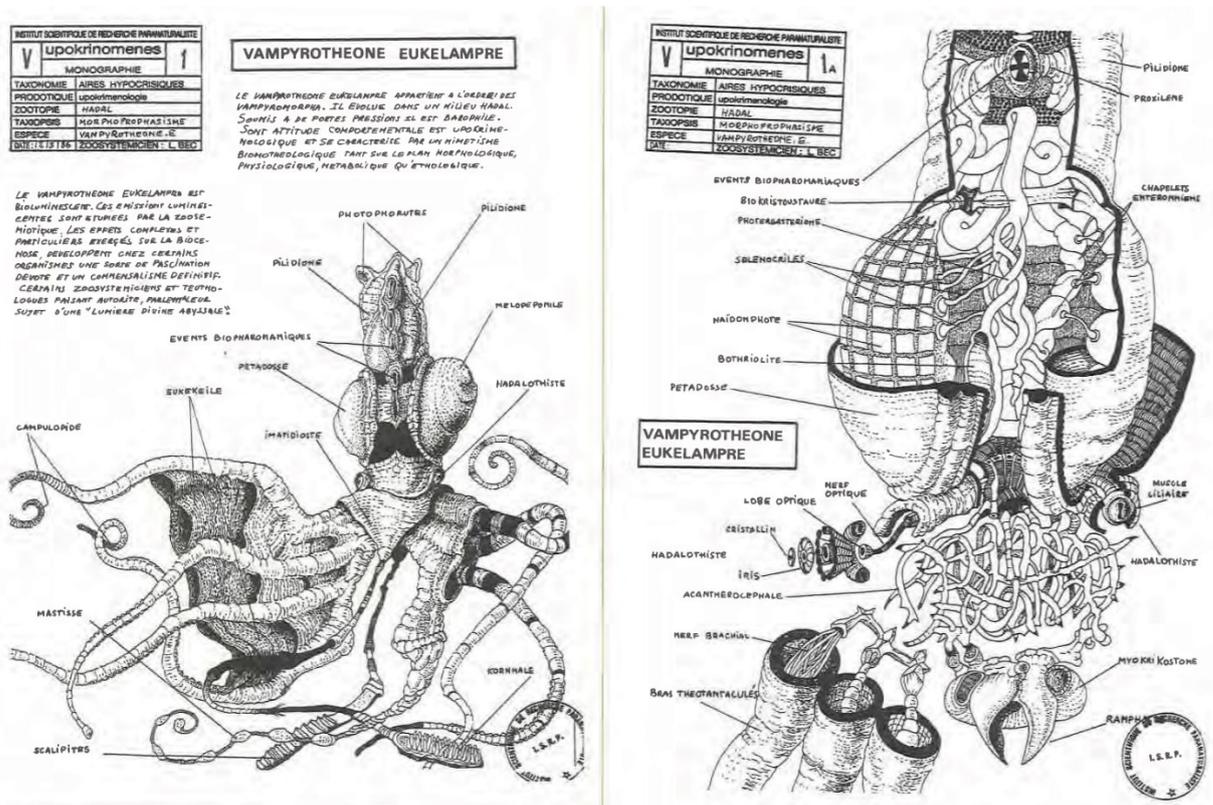


Figura 1.1. *Vampyrotheon Eukelampro*

Identifica-se também a predominância de traços para contorno (desenho linear), sem difusão de linhas ou sombras tonais. Observando ambas as pranchas (estão em aberto de página), identificamos uma constante contraposição de curvas orgânicas com linhas retas -- verticais e horizontais --, assim como de textos em disposição linear horizontal. Diversas linhas perpendiculares conectam a ilustração ao texto, nomeando e descrevendo partes, fazendo descrições de forma diagramática. Há ainda um círculo na base, com a sigla e o nome do Instituto, com a aparência de registro de um carimbo. A dimensão cromática nos permite reconhecer, no texto pictórico, o uso exclusivo do preto e branco, com o recurso de grafismos e hachuras para produzir gradação de tonalidades óticas, ou a impressão de tonalidade.

Tudo se projeta sobre um fundo branco. A presença de partes totalmente pretas marca obscuridades ou cor, como na prancha 1, ou espessura de tecido no caso da prancha 1A. A variação, nos três níveis, parece-nos regular e esquemática na maioria das pranchas. Pouco mais poderíamos acrescentar acerca de *Vampyromelas Enedraropalon* (prancha 2), por exemplo, exceto que, em sua dimensão topológica, ele ocupa apenas uma página do livro, enquanto as duas páginas anteriores compunham duas pranchas que trabalhavam em composição. Dessa forma, quando enquadradas juntas, ampliam o todo de significado, criando uma inter-relação e dependência entre as duas imagens. O que segue é uma incursão que passa a tomar alguns pontos do nível de conteúdo para avaliar nossa análise geral.

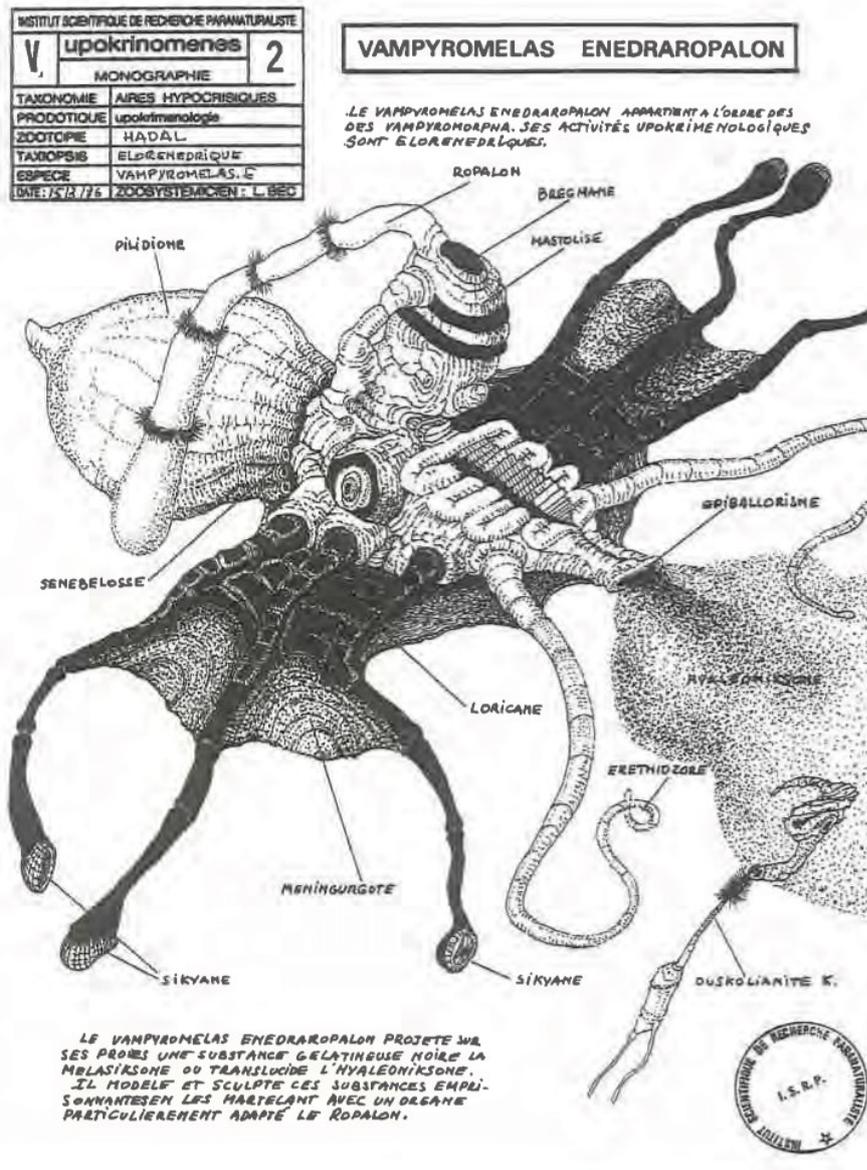


Figura 1.2. *Vampyromelas Enedraropalon*

Na segunda criatura (prancha 2), encontramos uma maior predominância da cor preta em sua coloração corporal. Avaliando de maneira sincrética o texto plástico e sua dimensão verbal e descritiva, podemos deduzir um sinal de compreensão dessa diferença. O *Vampyrotheon Eukelampro* (pranchas 1 e 1A), menos escuro, “é bioluminescente” e suas emissões de luz “são estudadas pela zoosemiótica”; já o *Vampyromelas Enedraropalon* “projeta sobre suas presas uma substância gelatinosa e escura” (Flusser, Bec, 2011, s/p). Os dois conceitos são explorados na fábula de Flusser para contrapor tendências humanas e vampyrotêuticas. A dimensão bioluminescente é uma oposição à epistemologia do mundo atmosférico humano:

absorvemos e enxergamos luz refletida passivamente, para compreender; já o *Vampyroteuthis* projeta luz para se relacionar com seu mundo de trevas.

Por sua vez, a substância escura e gelatinosa é tratada dentro do aspecto da cultura (cap. 4) e da arte do molusco (p. 108), contrapondo e opondo-se à cultura, vida social e arte humana. De maneira geral, a quantidade de textos verbais que se conectam à figura central (nomenclatura) é pequena em relação às duas pranchas anteriores; a quantidade de texto nos parágrafos explicativos é menor também. A superfície visual total dessa prancha segue diversos padrões da anterior.

Topologicamente, há uma grande área na qual se projetam as formas curvilíneas orgânicas, dois terços ou mais da superfície. Há uma predominância da linearidade: retas, curvilíneas, perpendiculares, traços, hachuras e pontos. Toda a composição cromática é feita pelo preto total ou por linhas e pontos (criando gradações). A imagem toda é rodeada por textos que se conectam com a ilustração. Um retângulo, que projeta uma tabela classificatória, e outro com o nome da criatura fazem parte da estrutura topológica total.

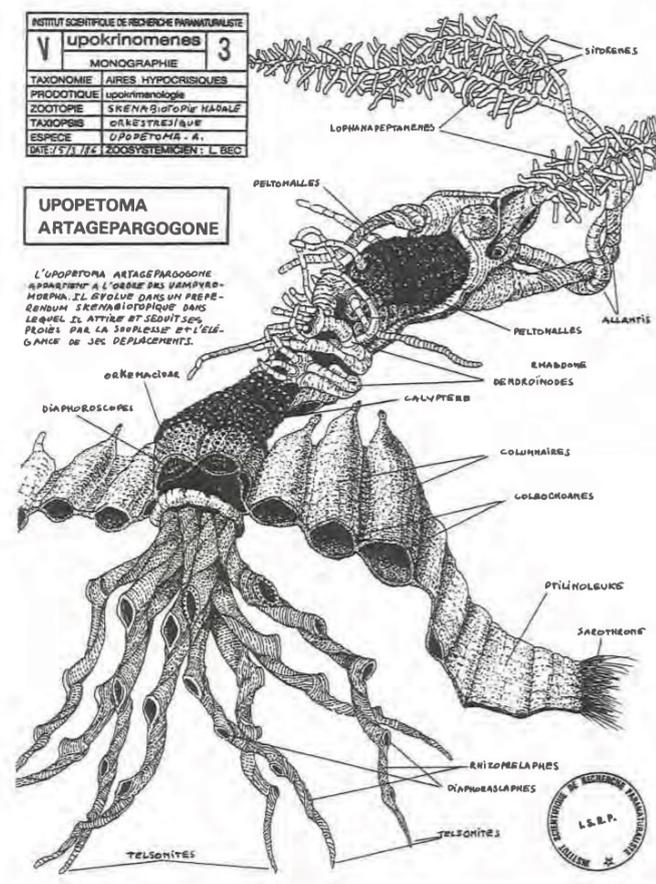


Figura 1.3. *Upopetoma Artagepargogon*

Em seguida, o *Upopetoma Artagepargogon* (prancha 3) apresenta-se na página seguinte como criatura mais distinta das duas anteriores. Seu aspecto formal é mais disperso e com diversas capilaridades que se projetam em formas lineares que saem de uma área que consideramos o tronco, ou corpo da criatura. A predominância da cor preta em algumas partes do corpo é notável, com a ocorrência de pequenos pontos brancos (hachuras) que surgem em meio ao preto total. Sua estrutura esticada, lânguida, parece reforçar a análise verbal de Bec, de que “ele seduz suas presas pela suavidade e elegância de seus deslocamentos” (Flusser, Bec, 2011, s/d).

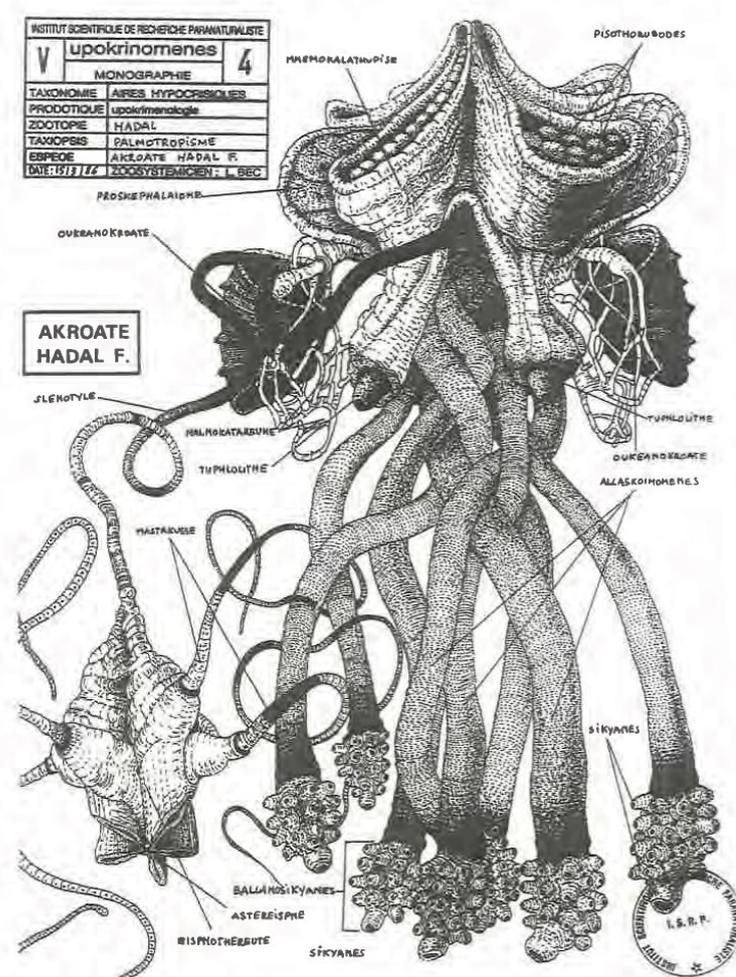


Figura 1.4. *Akroate Hadal F.*

É no *Akroate Hadal F.* (pranchas 4 e 4A) que encontramos uma estrutura corpulenta em representação gráfica. Bec parece ter explorado a dimensão da

criatura ao ocupar, na primeira prancha (4), um espaço bastante amplo e sem parágrafos textuais ao redor, sendo estes relegados à prancha seguinte (4A). Sua estrutura corpulenta é marcada por seus tentáculos grossos, extensos e com pontas em formato de bastonetetes perfurados.

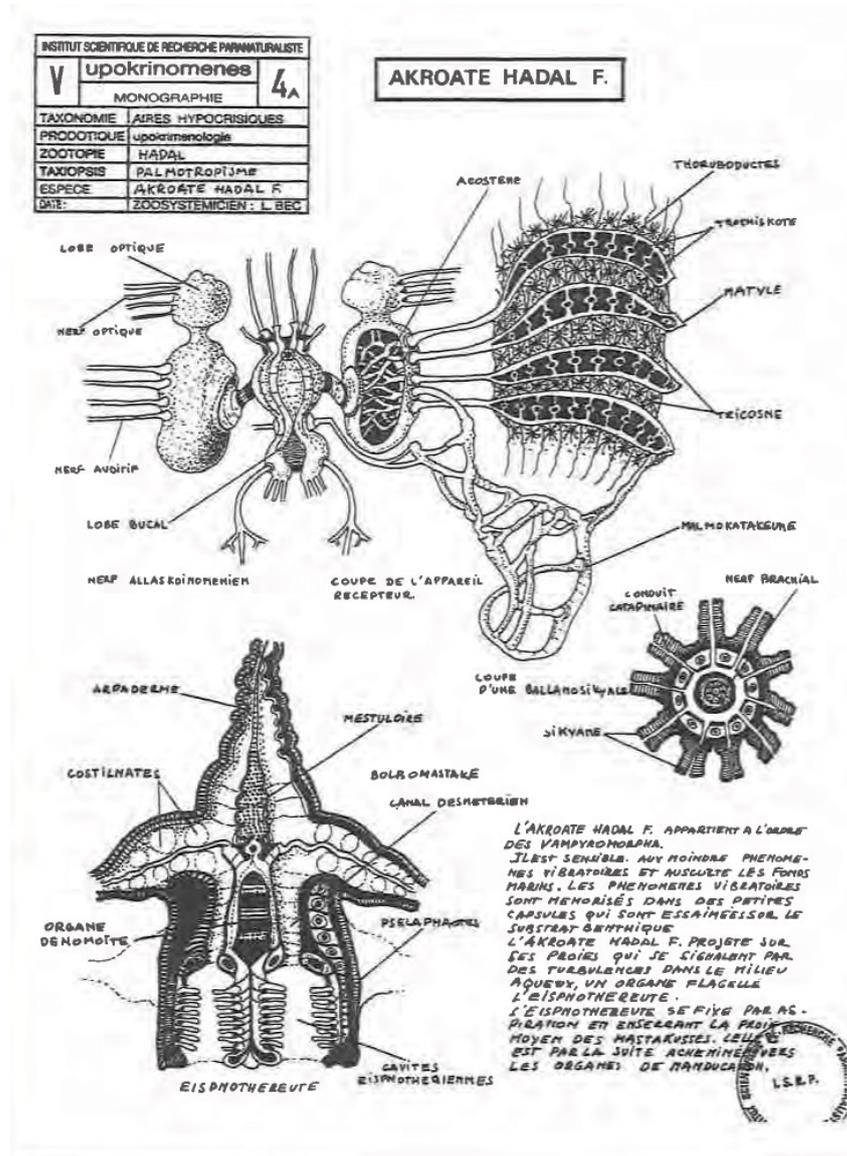


Figura 1.5. Akroato Hadal F.

Na página seguinte (4A), temos recortes planejados de partes de sua estrutura corporal. É interessante notar, nessa prancha, na descrição de canto inferior direito, o alerta de que parte de sua estrutura visa a abraçar a presa para devorá-la. Podemos também reconhecer a intertextualidade entre os textos de Bec e Flusser quando, nas páginas anteriores, o *Vampyroteuthis* é tratado com uma compreensão de mundo diversa da nossa. Nós, homens, tateamos o mundo e

andamos por ele; nosso conhecimento visa a atravessá-lo e superá-lo; a concepção vampyrotêutica, submersa no oceano, não vê o mundo como oposição, mas deseja abraçar e sorver o mundo.

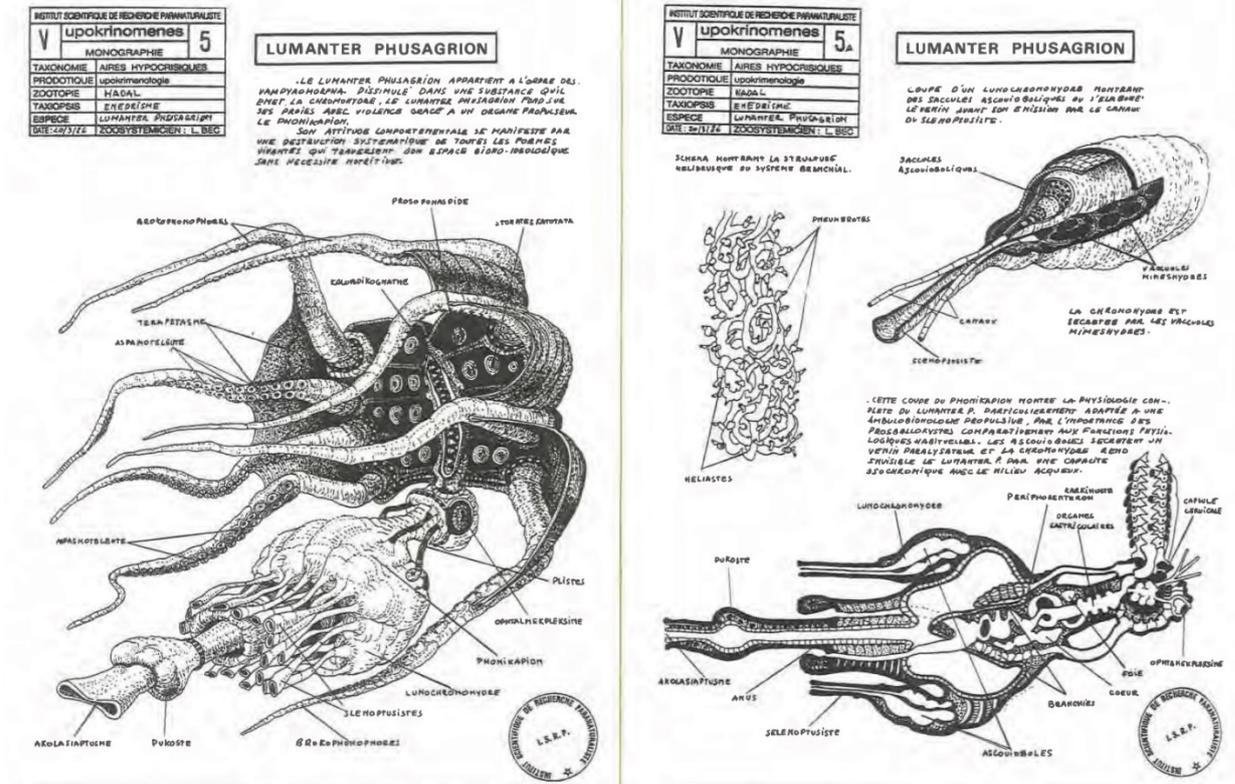


Figura 1.6. *Lumantes Fusagrion*.

Nas pranchas 5 e 5A, encontramos *Lumantes Fusagrion*, que se projeta em duas páginas. A predominância do preto é novamente utilizada na coloração do corpo do animal. Certa tendência para o afilamento nas extremidades dos tentáculos parece alinhar-se com uma visível boca ao centro do corpo abarrotada de dentes serrilhados. Tal aspecto de agressividade é reforçado pelo texto descritivo:

Sua atitude comportamental se manifesta pela destruição sistemática sem necessidade nutricional de todas as formas vivas que atravessam o seu espaço biomorfológico. (FLUSSER, BEC, 2011, s/n).

Na prancha paralela (5A), encontramos alguns recortes e detalhes de estrutura do *Lumanter*.

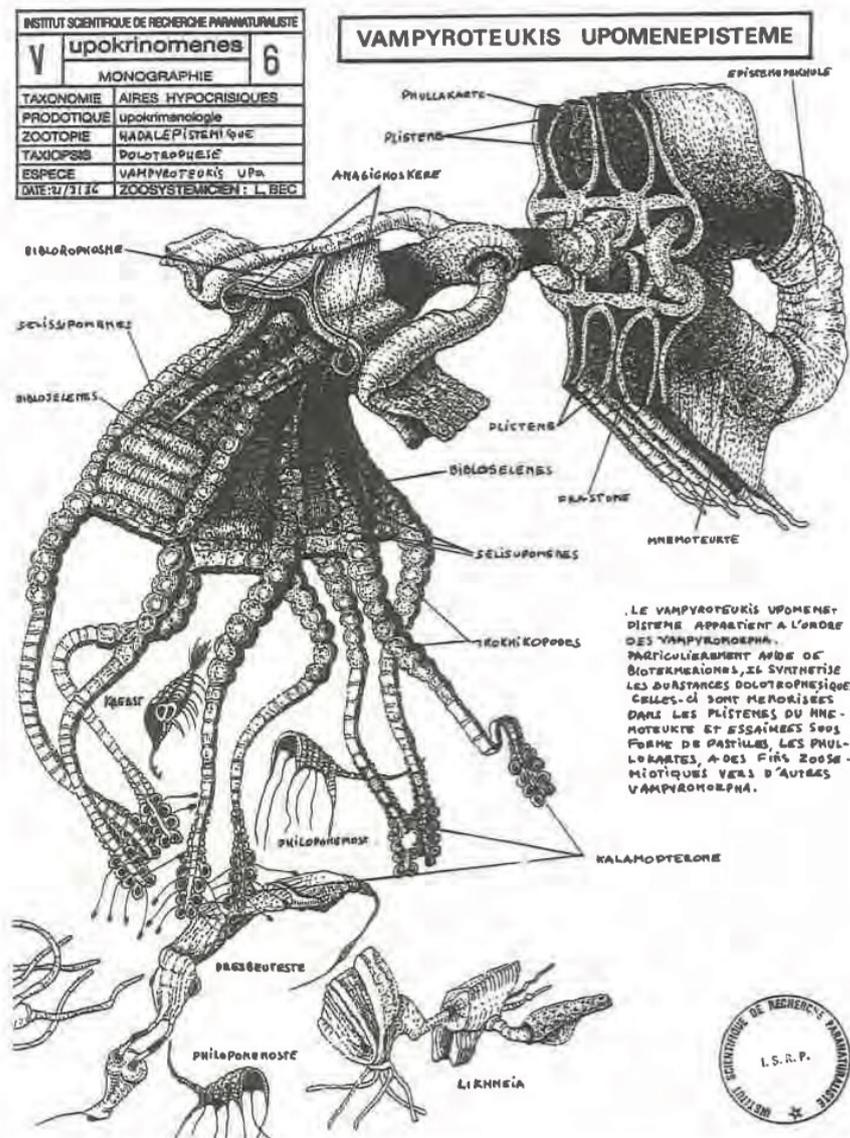
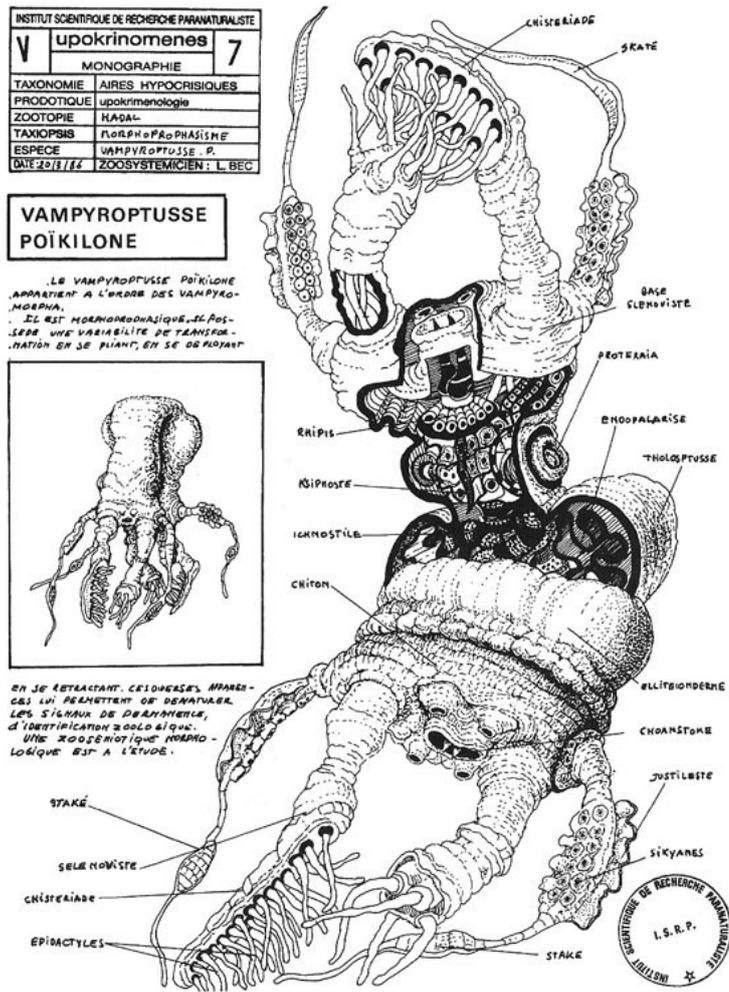


Figura 1.7. *Vampyroteukis Upomenepisteme*

O *Vampyroteukis Upomenepisteme* (prancha 6) apresenta a estrutura mais detalhada por meio de recorrências de traços e hachuras em seu corpo. Sua estrutura geral é bastante diversa das anteriores em alguns aspectos, apesar dos tentáculos e uma estrutura corporal estarem presentes: na parte superior, no *mnemoteukto* e nos *fulokartos*, “na forma de pastilhas que têm fins zoosemióticos para com outros Vampyromorpha” (Flusser, Bec, 2011, s/p).



The *Vampyroptus poikilon* belongs to the order Vampyromorpha. It is morphodrophasic and possesses the ability to transform in a variety of ways, namely, by folding, bending, and retracting into itself. This diversity of appearances allows it to erase all signs of its permanence and zoological identity. Its zoosemiotic morphology remains to be studied at length.

Figura 1.8. *Vampyroptusso Poikilon*

Em contraste com o anterior, o *Vampyroptusso Poikilon* (prancha 7) tem uma estrutura visual bastante clara, e a recorrência de pontos e hachuras que se manifestam é nitidamente menor que no espécime anterior. Algo interessante é o fato de haver uma amostra menor do animal, inserida em um retângulo no canto esquerdo, enquanto uma versão ampliada aparece com alguns recortes de tecido no corpo, exibindo partes de sua estrutura interna e ilustrando sua capacidade “morfodrofásica”, “uma variabilidade de transformação ao se dobrar, se desdobrar, retrair” (Flusser, Bec, 2011, s/p).

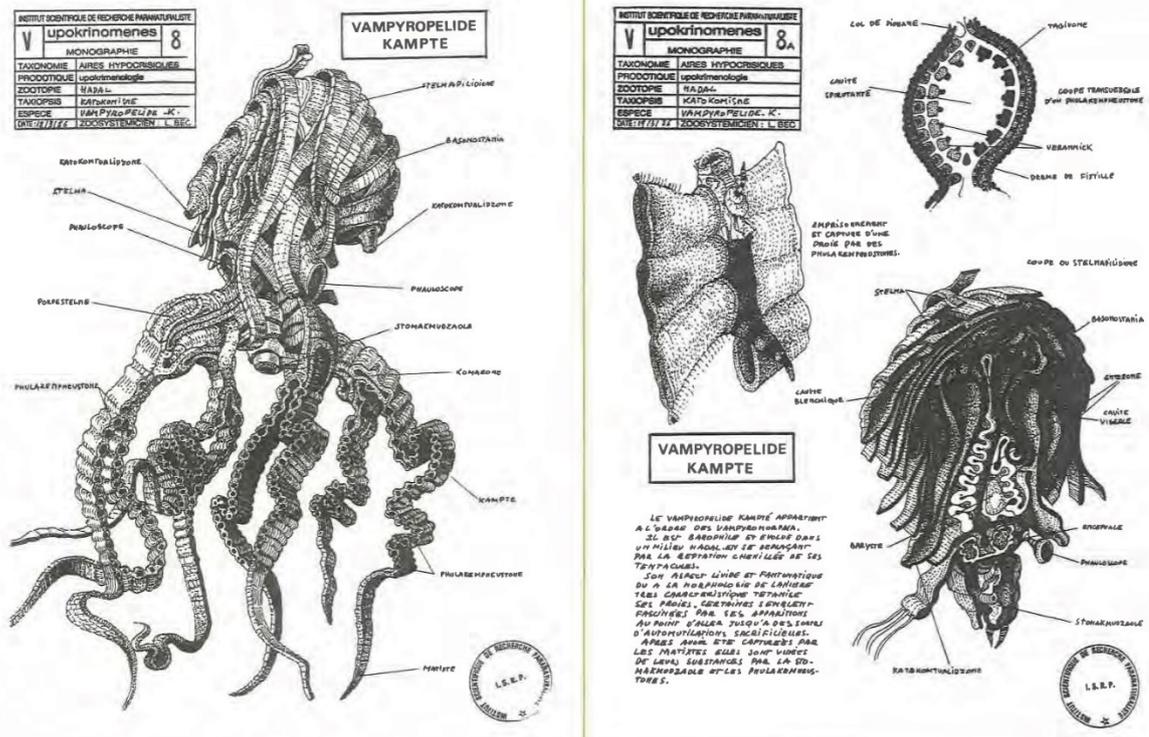
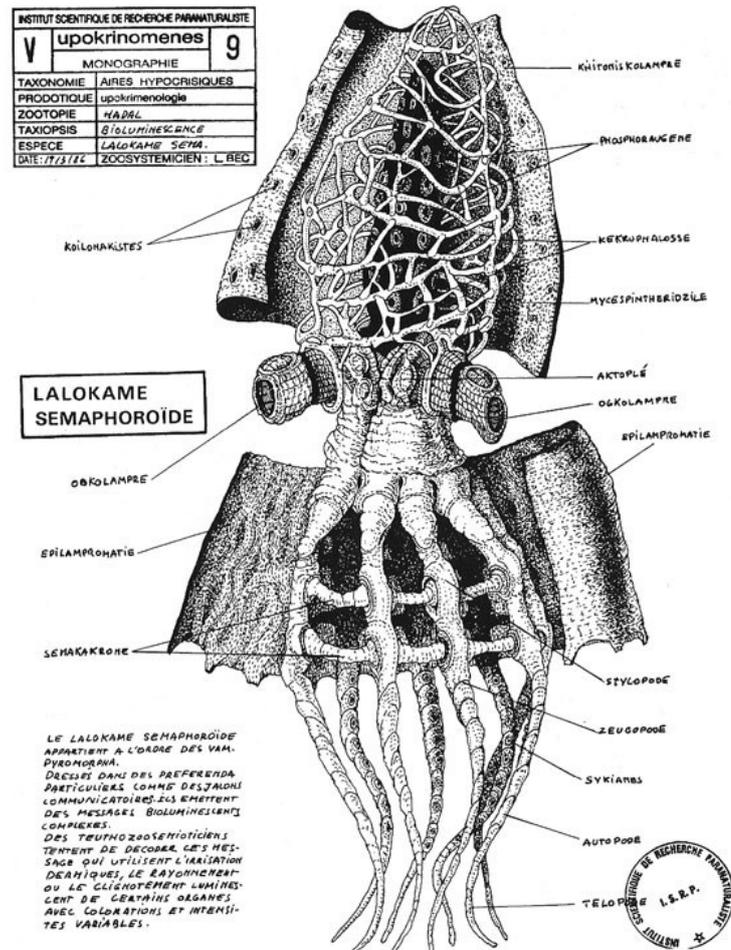


Figura 1.9. *Vampyropelida Kampto*

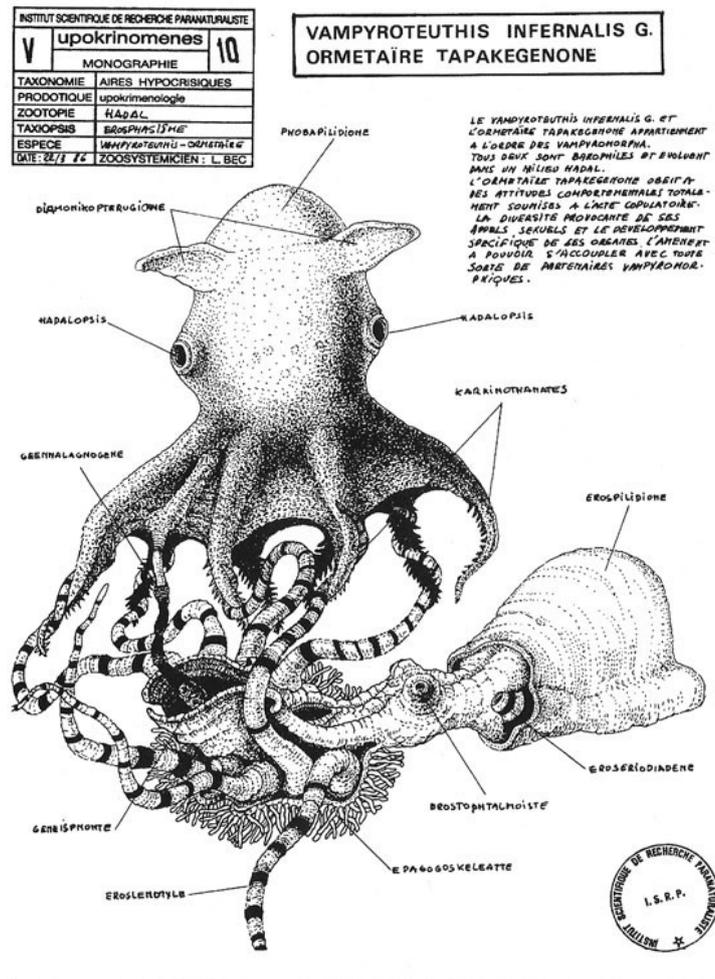
Nas pranchas seguintes (8 e 8A), encontramos o *Vampyropelida Kampto*, com seu “aspecto lívido e fantasmático, devido à sua morfologia característica (em tira)” (Flusser, Bec, 2011, s/p). São essas formas sobrepostas de tiras e cobertas por hachuras e traços caracterizando uma densa textura que ressaltam a aparência ímpar desse espécime. Uma tendência de cores rumo ao escurecimento e ao preto total parece decorrer de sombreamento intenso, e entrecruzamento de traços (aqui vemos que o recurso linear de Bec é limitado nesse sentido). Há certo encanto mágico nas aparições do *Vampyropelida Kampto*, sobretudo por sua descrição esclarecer que elas produzem fascinação e, até mesmo, “automutilações sacrificiais” (Flusser, Bec, 2011, s/p). Tal recobrimento por tiras parece se articular sua característica ritualística, como se houvesse algo de *xamânico*, mágico ou sacerdotal em sua “vestimenta”. A prancha ilustra algumas de suas partes e recortes de sua estrutura interna (8A).



The *Lalokame semaphoroïde* belongs to the order Vampyromorpha. Like communication towers within their particular preferenda, they emit complex bioluminescent messages. Teuthozoosemioticians have attempted to decode these messages (produced in varying colorations and intensities by dermal iridescence) by radiation or by the luminescent flashes of certain organs.

Figura 1.10. *Lalokamo Semaforóida*

O *Lalokamo Semaforóida* (prancha 9) surge como a estrutura corpórea mais estática e de simplificada composição frente aos demais. Sua ênfase na emissão de “mensagens bioluminescentes complexas”, utilizando a “irritação dérmica, o brilho ou o cintilar luminescente de certos órgãos com colorações e intensidades variadas”, inspira estudos teutozoosemióticos (Flusser, Bec, 2011, s/p). Partes do seu tecido aparecem abertas, expondo-lhe a estrutura interna. A comunicação vampyroteutica utilizando sua luminosidade corporal é explorada por Flusser no capítulo 4 (p. 114ss).



The *Vampyroteuthis infernalis* g. and the *Ormetaire tapakegenone* belong to the order Vampyromorpha. Barophiles both, they inhabit the hadopelagic zone. In the act of copulation, the *Ormetaire tapakegenone* adopts a behavioral attitude of complete submissiveness. The provocative diversity of its sexual appeal and the particular development of its sexual organs enable it to mate with any type of vampyromorphic partner.

Figura 1.11. *Vampyroteuthis Infernalis* G. e *Ormetaira Tapakegenon*

A antepenúltima prancha (10) é a dos espécimes *Vampyroteuthis Infernalis* G. e *Ormetaira Tapakegenon*, que parecem representados em possível situação de cópula. Pouca informação é dada sobre o *Vampyroteuthis*, enquanto o *Ormetaira* é descrito como um tipo de espécime que pode acasalar com “toda sorte de parceiros vampyromórficos”. A estrutura de representação de ambos é diversa: *Vampyroteuthis* é corporalmente bastante simples quando comparado com *Ormetaira*. O primeiro tem corpo mais ovalado e tentáculos proporcionalmente curtos; o segundo, estrutura esquia, tentáculos mais extensos e listrados. A posição do *Vampyroteuthis* é ereta e sobreposta; o *Ormetaira* é exposto horizontalmente e subposto.

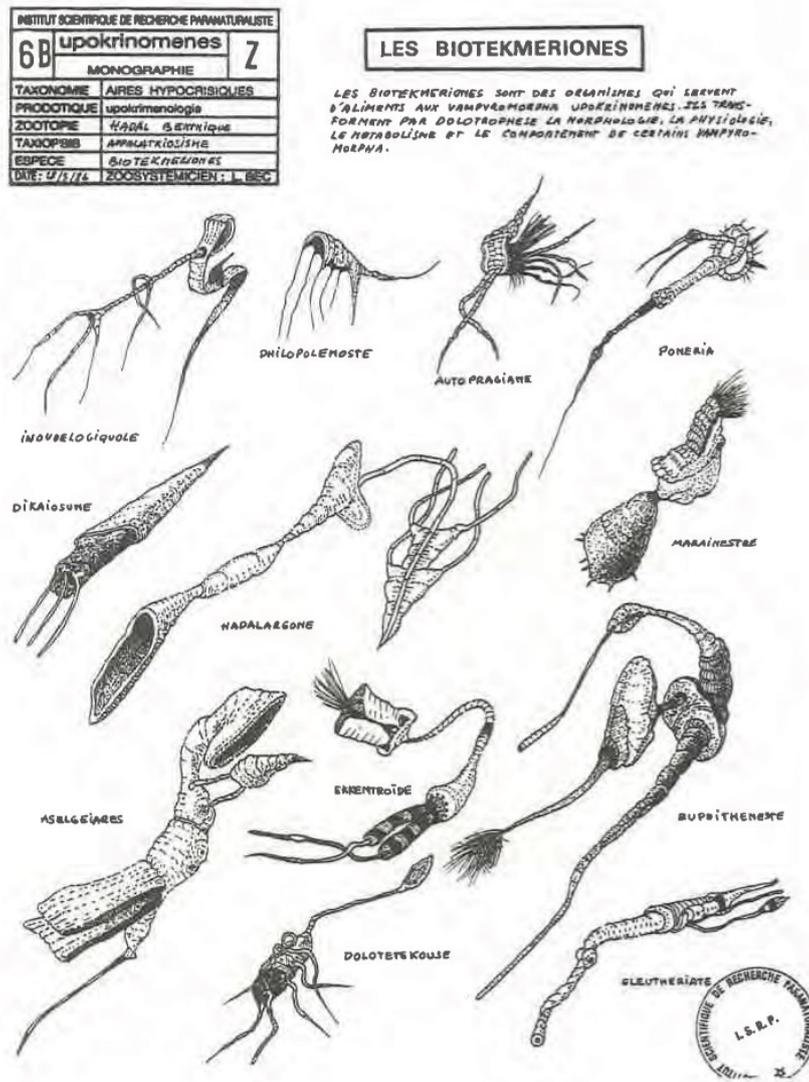


Figura 1.12. *Biotekmerions*

A última prancha é dedicada a diversos espécimes, os *Biotekmerions* (6B). São estes os diversos alimentos dos *Vampyromorpha*. Sua estrutura representativa é bastante diversa da dos anteriores, em bastante quantidade de entes, bem como de seu tamanho reduzido. Mas há uma aproximação formal entre tais corpos e seus superiores na cadeia alimentar: a de fios, ou de partes de seus corpos com filamentos estendidos. A recorrência dessas estruturas corpóreas lânguidas e com extensões que se assemelham a tentáculos está em todas as criaturas dispersas pela página.

Como síntese, podemos anotar alguns aspectos. Observamos, na camada topológica das imagens, a estrutura visual conforme dada, em sua distribuição e ocupação do espaço, seu enquadramento (como base para o estabelecimento de

um todo de sentido); retomamos, no nível formal, o *eidos*: as percepções gráficas e o modo como estas se articulam visualmente nas estruturas. Por último, ainda na dimensão formal, o eixo cromático nos deu a composição de cor em suas nuances: gradações, cores puras, oposições cromáticas e tonais, etc. Toda a investida teórica foi, nesses três níveis, meramente descritiva e preparatória, ou taxonômica, como postula Greimas.

É, agora, em nosso plano de análise do conteúdo que poderemos esquematizar os conceitos, ou o discurso. A partir desse catálogo dados pelos três dispositivos, podemos reconhecer as unidades disponíveis para seleção, ou o eixo paradigmático explicitado na relação “ou...ou” das partes encontradas nas pranchas de *Vampyroteuthis Infernalis*, que se articulam com aspectos discursivos de nossa análise verbal. Temos, assim, base para identificar a co-presença de termos e figuras que, na superfície-texto, constituem o eixo sintagmático, e por meio de *contrastes plásticos* de termos opostos, contrários ou contraditórios dentro da mesma *categoria plástica*, reconhecemos uma mesma organização sintagmática também operando nos discursos narrativos.

Tomando por análise as imagens de Bec, podemos estabelecer inicialmente esse quadro esquemático do plano de expressão em *Vampyroteuthis Infernalis*:

Tabela 1 Plano de expressão em *Vampyroteuthis Infernalis*.

<b>Dimensão</b>	<b>Formante</b>	<b>Sintagma</b>
Topológica	Espacialidade	Esquemático e disperso
Eidética	Linearidade	Orgânico/curvilíneo, geométrico/linear.
Cromática	Coloração e gradação tonal	Preto total e branco total, Hachurado/pontilhado e branco total.

O seguinte quadro é um breve resumo das oposições fundamentais que encontramos nos planos de expressão e conteúdo, utilizando a semiótica plástica, reconhecendo que sua homologação se dá na oposição entre a dimensão visual do eixo *biológico /classicista/*, e a dimensão textual do eixo */confessional/ romântico*:

	DIMENSÃO VISUAL	DIMENSÃO TEXTUAL
EXPRESSÃO	Composição Geométrica ou Esquemática	Composição Irregular ou Dispersa
HOMOLOGAÇÃO	Biológico /classicista/	Romântico /confessional/
CONTEÚDO	Tabelas e linhas diagramáticas	Descrição clarificada
	Espécimes ilustrados	Interpretação obscura
		Nomenclaturas e taxonomias
		Leituras e análises filosóficas

Quadro 1 Homologações da semiótica plástica.

Essa breve incursão analítica nos prepara o terreno para uma investigação tensiva que aprofunde nossa compreensão do que os textos de Flusser e Bec fazem das dimensões visuais e verbais da obra.

### 2.3. Entre Flusser e Zilberberg

Caminhamos, assim, em direção à intensidade para desvendar a vertigem filosófica de Flusser ilustrada nas pranchas de Bec. E o grande assombro que nos toma em *Vampyroteuthis Infernalis* não são as ilustrações de criaturas submarinas monstruosas, detalhadamente construídas, mas sua revisão filosófica e fabulatória sobposta. Conectar tal retórica com o mundo romântico dos sonhos e do desconhecido é o nível mais profundo da fábula. Quando tal leitura é percebida, o espanto assume nossa leitura, sobrepondo-se à extensidade característica de uma narrativa esquemática, cheia de fatos e dados clarificados pela visão científica.

Se na descrição linear de uma ilustração científica parece não haver espaço para os contrastes – e aqui nos reportamos aos modelos renascentista e barroco, invocados pela leitura na esteira da semiótica tensiva em Zilberberg (2011), pelos

quais, no primeiro, tudo ocupa a cena com clareza, sem áreas obscuras para a apreensão humana – isso nos é tirado de súbito pela leitura mais profunda.

Logo em sua primeira prancha (1), o *Vampyrotheon Eukalampro*, biologicamente ilustrado e classificado, embrenhado nas trevas do oceano, emite luzes, de modo que “alguns zoosistemizados e teutólogos de autoridade falam a seu propósito de uma ‘luz divina abissal’” (Flusser, Bec, 2011, s/p). Estamos diante da conjugação concessiva, da clareza renascentista e do alto contraste barroco, em níveis distintos, mas articulados no texto sincrético. As duas dimensões se articulam, mas é deixado ao leitor a árdua tarefa de conjugá-las em sua leitura, após o assomo inicial. Flusser e Bec não se preocupam em deixar uma repostagem, tampouco nós o faríamos. O processo se torna mais importante que o produto; a compreensão se manifesta na tensividade recorrente.

Podemos tomar aqui os conceitos análogos de contraponto e *reiteração*:

Pensar em *contraponto* e *reiteração* significa, portanto, incluir a intensidade e a gradação na teorização sobre o modo de produção do sentido. Se contraponto supõe a simultaneidade de contraste e identidade, ele pode variar numa escala que vai do máximo de identidade ao máximo de contraste. O sentido não advém, nesse caso, de uma ruptura constante, mas de uma extensividade sobressaltada, intensificada aqui e ali, podendo ora retomar extenso, ora constituir nova extensão. (TEIXEIRA, 2004, p. 234).

Partindo dos conceitos de *fraturas* e *escapatórias*, urdidos por Greimas no livro *Da imperfeição*, Teixeira demonstra que a construção do sentido pode partir de um gesto que represente uma ruptura, mas que tem finalidade de aprofundamento gradual e contínuo por meio de acúmulos, aos quais ela chama de *reiteração* e *contraponto*. Tais *reiterações* são recorrentes em *Vampyrotheuthis Infernalis* quando as camadas da retórica classicista e romântica se sobrepõem; ora reiterando-se, ora opondo-se ao longo de todo.

Aqui apresentamos um enquadramento final, levando em consideração os dois percursos de nossa análise: o esquematismo da semiótica plástica e uma compreensão tensiva da retórica elaborada pelos discursos sincréticos de *Vampyrotheuthis Infernalis*.

Quadro 2 Aspectos da retórica tensiva em *Vampyroteuthis Infernalis*.

<p style="text-align: center;"><b>RETÓRICA TENSIVA</b> (lógica concessiva)</p>	<p style="text-align: center;">Linearidade dos contornos, escrita classificatória esquemática. <i>Reiteração</i> do discurso científico clarificador e objetivo. <i>Contraoposição</i> do mergulho crescente ao abismo romântico.</p>	<p style="text-align: center;">Linearidade dispersa do organismo pulsante e escrita obscura. <i>Reiteração</i> da leitura fabular, romântica e confessional. <i>Contraoposição</i> da exposição clarificadora, mas desumana e inerte, da superfície científica.</p>
--	---	---

Mesmo nesse ponto, o texto de Flusser e Bec continua enigmático e desafiador em muitos sentidos. Se assumirmos uma ótica implicativa, pouco avançamos ou extraímos da obra em que se pretende, desde o início, entrecruzar visões de mundo por meio de estruturas de significação que se articulam, reiterando-se e contrapondo-se sucessivamente em suas páginas.

De maneira geral, podemos observar, nos níveis fundamental, narrativo e discursivo, um instrumental teórico-metodológico bastante significativo. Com a investida da semiótica plástica, ganhamos uma “visão” aguçada de seus significados, ainda mais aprofundada pelas questões tensivas. Sabemos que não estamos simplesmente “aplicando” um método, mas adotando uma teoria que é tomada como ponto de partida para uma análise de um texto que é nos dado como narrativa e suporte também teórico de seu autor.

As questões inerentes a essa justaposição, contraoposição e superposição teórica podem ainda se manifestar mais claramente em um estudo mais aprofundado, e as contribuições nesse sentido seriam duplas: tanto para o desenvolvimento semiótico quanto para o reconhecimento e a ampliação das proposições filosóficas e até mesmo semióticas do autor. Podemos tomar as formulações de Greimas e de Flusser no sentido vampyroteuthico de espelhos opostos, com a expectativa de que, ao final, o que se busca é uma ampliação do sentido e aprofundamento das compreensões. A precariedade dessa busca inicial ocorre mais pela limitação imediata do que pelas possibilidades inerentes de ambos os lados.

A comparação realizada pode ser ampliada e aprofundada em diversos âmbitos e direções. O que ressaltamos como conclusivo, neste momento, é o fato de podermos amplificar e ressoar a construção do sentido da obra *Vampyroteuthis Infernalis*, como uma porta de entrada para uma filosofia fenomenológica que

conecta o texto às próprias teorias de seu autor e que nos levará, inevitavelmente, para formulações ainda mais promissoras. Enquanto abordagem dissertativa, cumpre-se o papel de interconectar Greimas, Floch e Zilberberg, por meio da semiótica, com Flusser e seu *Vampyroteuthis*. O que se espera, a partir deste ponto, é o refinamento da investigação minuciosa, ressaltando o grande eixo opositivo que poderá conectar as partes fragmentárias dessa incursão inicial em um todo mais amplo e significativo.

O presente capítulo visou a desnudar, brevemente, tais articulações por meio de uma abordagem que conjugou a semiótica padrão, semiótica plástica e algumas noções tensivas, em proposta que parece fazer jus ao intento dos autores. Na análise, podemos encontrar eco das dicotomias levantadas pelo texto em dois campos com os quais se articulam os instrumentais semióticos: de um lado, um desenvolvimento da tradição estruturalista herdada de Saussure, calcada em uma visão de mundo científica e de viés imanente, metodologicamente estruturada, em busca de objetividade de análise; de outro, o modelo tensivo e sua proposta mais contemporânea, concessiva, aberta e voltada para a dimensão dos afetos e do impacto na apreensão do leitor.

Tentamos escapar da Cila classicista da biologia estrutural e da Caribde romântica assombrosa. Nesses dois eixos, reside a resposta flusseriana, evidenciada pela análise estrutural e tensiva, para a superação da dicotomia fato/imaginação. Entre a superfície clarificadora e o abismo infernal, desafios terríveis para a existência e a episteme humanas, observamos, semioticamente, o alerta de Vilém Flusser belamente ilustrado por Louis Bec. *De te fabula narratur*.

### 3. ENTRE CILA E CARIBDE

Em nossa análise semiótica, reconhecemos que o método de Flusser é deliberado quanto a entrecruzar dois modos distintos de estabelecer a significação em sua narrativa. Como dizíamos ao final do capítulo anterior, a busca pela criatura submarina ocorre entre dois perigos opostos: o de Cila classicista e o de Caribde romântica. A primeira lança clara luz do dia sobre o *Vampyroteuthis* e o destrói; a segunda é sugada por ele ao se lançar de maneira nostálgica em seus braços e submerge.

Ambas as figuras são metáforas escolhidas por Flusser para o lado superficial, do intelecto crítico e desperto, do tipo científico para a Cila; e para o oposto, emotivo, onírico e vertiginoso da expedição “confessional” do lado Caribde (Flusser, Bec, 2011, p. 130); são estes, segundo ele, os dois únicos modelos de que dispomos: científico e confessional. São estes também os eixos da intensidade e extensidade em Zilberberg, reconhecidos pela análise de H. Wölflin do clássico e do barroco (2011, p. 42-44). E nesse aspecto podemos identificar que tais díades, extensidade-intensidade e clássico-barroco, encontram eco na proposta tipológica de Auerbach (2013), quando este reconhece, na literatura do ocidente, duas vertentes principais que referenciam a realidade maneiras distintas.

A proposta de Flusser é de uma superação, mais almejada do que existencialmente possível, talvez potencializada e inalcançável, mas estabelecida pela sobrevivência e através da negação dos dois polos entre os quais a “realidade” é descrita. Tal superação seria a única maneira de fazer o *Vampyroteuthis* emergir (trazê-lo à luz descritiva) sem que exploda, uma vez que a pressão da profundidade é removida na superfície. Caso isso aconteça, transformamos uma criatura viva em um cadáver que, ao ser analisado pela rede de pesca da ciência, fala mais sobre a rede do que sobre o fenômeno pescado. Ou, de outro lado, de correremos o risco de mergulhar em um abismo vertiginoso, obscuro e inacessível para o homem (teorizá-lo sob a penumbra dos sonhos e desejos humanos), o que seria uma experiência sufocante *ad inferos*. Não somente o conhecimento se perde na fábula de Flusser, mas também a própria humanidade, ou, em sua redundância proposital e necessária, a humanidade humana. É no dilema dos dois opostos que encontramos os espelhos para uma nova investida.

Nesse sentido, caminhar entre Cila e Caribde é tarefa análoga a andar entre *Ulisses* e *Abraão*, na leitura auerbachiana. Assim como a síntese *vampyroteuthis*-homem é impossível, a síntese entre “intelecto desperto” e “sonho” deve ser coordenada pela fábula. As redes da ciência “são os únicos órgãos dos quais dispomos” para a análise e devem estar a serviço de pesadelos e sonhos, para que a criatura venha para a superfície. Para as questões relacionadas à representação literária, há uma ampla possibilidade de análise de tópicos da contemporaneidade, sobretudo do risco de se perder humanidade concreta ao submeter-se em jogos dicotômicos que são fruto de estruturas de pensamento dominantes, de um lado ou de outro.

Abraçar o ceticismo ou o niilismo intelectual, como observa Flusser em *Língua e Realidade* (2004), é mergulhar no caos todo o edifício do conhecimento humano e da civilização; do mesmo modo, negar a verdade pelo misticismo religioso é impraticável, tanto quanto os anteriores. Ceticismo, niilismo e misticismo são as três objeções frequentes do legado grego, e da civilização ocidental, objetivado em tentar encontrar uma ordem no mundo. Tal legado consiste em reconhecer que essa ordem existe e que o espírito humano pode avançar da “aparência” para a “realidade” das coisas. Sendo assim, os fenômenos são reconhecidos nas aparências; há uma realidade acessível (*onta*), e tal realidade é compreensível (*noumena*). Este é o processo de descobrimento da verdade (*aletheia*) que nos foi legado. Nesse sentido:

A filosofia, a religião, a ciência e a arte são métodos pelos quais o espírito tenta penetrar através das aparências até a realidade e descobrir a verdade. O esforço abrange, portanto, todo o território da civilização humana. As civilizações não dependentes dos gregos estão empenhadas no mesmo esforço, embora o formulem de maneira diferente. (FLUSSER, 2004, p. 33)

Desnuda-se aqui, também, a proposta epistêmica de Flusser em seu modelo narrativo de representação. Sua fenomenologia bebe de diversas fontes, mas, segundo Batilickova (2008), tem sua formação a partir da relação com outros filósofos contemporâneos (cf. Flusser, 1976). O que se pode perceber na narrativa é que, ao contrapor estruturas narrativas que denunciam modelos distintos de compreensão do mundo, Flusser está, na realidade, fazendo emergir as dicotomias

reinantes. E uma delas é especialmente alvo da fenomenologia: a difícil relação contemporânea com a questão do sujeito e objeto. Até que ponto a busca por objetividade não significa identificar as próprias estruturas da mente humana naquilo que se descreve? Do lado oposto, negando-se a objetividade do conhecimento das coisas, como não cair no ceticismo e ausência de significado (o que seria, em si, a própria negação da semiose)? A busca fenomenológica, que procura a verdade na relação concreta entre sujeito e objeto, é desnudada de diversas formas na narrativa. Tal abordagem também esbarra nas questões linguísticas e semióticas contemporâneas de modo não incidental, conforme se busca ampliar a compreensão semiótica fazendo uso da fenomenologia.

É interessante notar como a emergência do *Vampyroteuthis*, no capítulo cinco do livro, está relacionada com os diversos programas epistêmicos e matizes ideológicos do mundo moderno. Uma das dificuldades apontadas por Flusser é a tentativa de salvar o Homem no *Vampyroteuthis*, e não o *Vampyroteuthis* no Homem. Sob o prisma da clareza absoluta ou profundidade teórica, colheram-se frutos sangrentos, com as primeiras dicotomias apontadas se tornando programas de destruição; em busca de uma humanidade *vampyroteuthica*, perde-se a humanidade humana. E, talvez, o maior preço, ao se considerar a escrita literária, seja perder sua própria noção de liberdade criativa. E esta é a proposta primordial de Flusser ao propor sua ficção filosófica e convocar-nos para escrever mais fábulas que sigam o mesmo caminho.

Na via de Flusser, encontramos sua mescla de dois modelos, que, metaforicamente, são apresentados como o “esqueleto inanimado” e a “carne do sofrimento humano” (Bec, 2011, p. 132). O texto trata de nos conduzir para um caminho diverso da mera análise de laboratório científico para o campo do laboratório filosófico e existencial. Tanto para a prosa literária quando para a não-literária, o desafio é o mesmo: as fronteiras são diluídas e as zonas cinzentas são espaçadas. É nesse campo que a especulação científica e o ato criativo parecem se desenvolver sem perder a autonomia humana. A mente humana pode levar às últimas consequências os programas ideológicos que descrevem o mundo com clareza objetiva, lançando sua pretensa descrição homérica de um mundo desnudado e simples para a complexidade existencial que caracteriza a própria humanidade.

Sem esse alerta, a travessia entre Cila e Caribde é impossível. Opte-se por fazer o *Vampyroteuthis* vir à superfície, pescado pelo cientificismo e somente dissecaremos seu cadáver, sem seu terror abissal, inerte para ser catalogado; não somos desafiados por sua existência. Mergulhemos em seu *habitat* sufocante, lançando nossas redes epistêmicas e confessionais mais espessas com toda a pretenciosa doutrina humana, vertiginosamente, e nos perderemos sob a pressão. É preciso contar fábulas, dotadas do único órgão atual de que dispomos para apreensão de mundo, a ciência, para que o *Vampyroteuthis* possa emergir. Segundo ele, somente assim, o esqueleto cartesiano poderá ser revestido pela carne do sofrimento humano.

Toda a análise anterior nos conduz para o foco central de nosso interesse de investigação e se relaciona com o conceito de pós-história e sua relação com o binômio fato-imaginação, dentro da obra de Flusser e em oposição a um método interpretativo extensamente utilizado no período vitoriano. Aquilo que é chamado de *tipologia simbólica vitoriana* aqui, ou simplesmente tipologia bíblica, encerra, conceitualmente, alguns aspectos análogos aos propostos pela leitura alegórica de Flusser. Porém, antes de nos atermos às possibilidades de confluências e contraposições pertinentes, cabe uma consideração breve sobre tal concepção e seu lugar de diálogo e antítese dentro da leitura do *Vampyroteuthis*, considerando o porquê tal conceito é útil para a obra e para a compreensão do modelo de interpretação vitoriano, em espelho. Evocaremos o conceito de cosmovisão como um quadro de referência semiótico (ou pré-discursivo) e mais adiante, em nossa abordagem semiótica, demarcaremos a maneira como Flusser usa, figurativamente, sua criatura na produção de sentido de seu texto.

O que faremos a partir de agora, depois de considerar vários aspectos semióticos e de reconhecer o sentido do texto ancorado em diversas variantes e invariantes, é seguir por uma outra vertente complementar. Conforme assevera Fiorin,

o discurso deve ser visto como objeto linguístico e como objeto histórico. Nem se pode descartar a pesquisa sobre os mecanismos responsáveis pela produção do sentido e pela estruturação do discurso nem sobre os elementos pulsionais e sociais que o atravessam. Esses dois pontos de vista não são excludentes nem metodologicamente heterogêneos. A pesquisa hoje precisa

aprofundar o conhecimento dos mecanismos sintáticos e semânticos geradores de sentido; de outro necessita compreender o discurso como objeto cultural, produzido a partir de certas condicionantes históricas, em relação dialógica com outros textos. (FIORIN, 1990, p. 177).

É nesse terreno movediço e complexo, das grandezas semióticas que compõem a significação, tornando possíveis as diversas configurações discursivas, que buscaremos encontrar um lugar de conciliação para a difícil problemática que este trabalho se propõe a discutir.

### 3.1. Cila e Caribde na pós-história

*Vampyrotheuthis Infernalis* é a alegoria de Fusser, dentro de seu arcabouço teórico, do tema da pós-história ou, em terminologia afim, da sociedade pós-industrial (Flusser, 2011). O que podemos perceber é que sua leitura do período posiciona as principais rupturas paradigmáticas do presente momento histórico, especialmente pela crise de uma sociedade pós-industrial e pós-*Auschwitz*.

Os dois eixos limites aqui traçados, Cila e Caribde, são aludidos (se podemos assim dizer), logo de início, em sua obra “Pós-história: vinte instantâneos e um modo de usar” (2011). Flusser faz referência a

numerosos traços na atualidade que evocam o barroco. Somos marcados pelo mesmo racionalismo sombrio (logicismo, informática, cibernética), e pelo mesmo irracionalismo mágico e fanático (*mass media*, ideologias fantasiosas). (FLUSSER, 2011, 19).

Apenas para nossa consideração, corrobora-se essa afirmação com a grande tensão sobre a qual sua criatura é discursivizada, mas com uma diferença clara entre a atual tendência barroca e aquele momento histórico que lamenta a perda de fé medieval. Para o autor, o *contrarreformismo* presente é a luta humana com a perda da fé em si mesmo.

Em uma perspectiva inicial, podemos estabelecer um comparativo com aquilo que já dissemos a respeito da utilização por Zilberberg da obra de Wolflin, ao moderar a aridez de sua abordagem utilizando os estilos de história da arte como exemplo de caso da visada tensiva. O que queremos aqui é apenas preparar o

terreno para uma confluência e contraposição de conceitos. O quadro a seguir é uma percepção, baseada na leitura de Flusser, do comparativo entre o *barroco histórico* e o barroco *pós-histórico*. Observando a leitura articulada sobre uma analogia entre os dois períodos, podemos observar uma relação inicial a ser desenvolvida mais profundamente em nossa análise.

<i>períodos</i>		<i>barroco histórico</i>	<i>barroco pós-histórico</i>
<i>Categorias</i>			
Conteúdo	Programa narrativo [existencial/utilitário]	perda da fé no dogma/representação da fé	Perda da fé no homem/vacuidade do falso progresso
Expressão	veridicção [ser/parecer]	Disfarce teatral	Vacuidade

Tabela 2 Plano de conteúdo e expressão do barroco histórico e pós-histórico em *Vampyroteuthis Infernalis*.

O que faremos a seguir é traçar um paralelo que identifica uma abordagem interpretativa do período vitoriano como contraponto, e que caiba em nossa leitura do *Vampyroteuthis* quando “reconhecido” por uma investida confessional do conhecimento humano, como evocada na narrativa.

### 3.2. A tipologia simbólica vitoriana: a Caribde confessional em contraponto.

Em seu livro *Victorian Types, Victorian Shadows*, George P. Landow (1980), ao adentrar o papel da tipologia simbólica vitoriana, demonstra o quanto este método interpretativo trouxe implicações diversas para a sociedade vitoriana como um todo. Sua definição é de que quase dois terços do século XIX, na Inglaterra Vitoriana, tiveram uma acentuada e crescente retomada da tipologia bíblica, com forte impressão sobre a literatura, a arte e o pensamento. Sua principal característica era a alusão a textos bíblicos nesses campos diversos, a partir de um padrão interpretativo comum tanto para os homens da religião, quanto para os mais leigos, dado o acesso e conhecimento da literatura bíblica que caracterizava a época.

Podemos definir, de forma sucinta, o principal aspecto da tipologia como um procedimento interpretativo, extraído da Bíblia Sagrada, que conectava todas as partes das narrativas do Antigo Testamento como preditivas e/ou *prefigurativas* da pessoa, ensino e atividades salvadoras de Jesus Cristo. Nas palavras de Landow:

Tipologia é uma forma cristã de interpretação bíblica que reivindica descobrir antecipações divinamente estabelecidas de Cristo e sua dispensação nas leis, eventos e povo do Antigo Testamento. (LANDOW, 1980, p. 3, tradução nossa).<sup>4</sup>

Sendo assim, tanto para os fiéis leigos quanto para os clérigos, o texto apresentava duas dimensões interpretativas. Em um primeiro aspecto, mais literal e imediato, deparava-se apenas com a narrativa histórica e descritiva de um personagem, evento religioso ou código de lei; mas, em um segundo momento, eram feitas conexões com o advento messiânico e com a pessoa de Jesus, como o ponto máximo de conexão de toda a revelação cristã. Conforme pontua Landow, de acordo com a hipótese que conecta seu livro, quando o leitor moderno falha em reconhecer tais alusões no pensamento e produção vitoriana, ele priva a obra de seu contexto imediato. O risco é sub interpretar ou interpretar erroneamente, e até mesmo distorcer, as maiores produções literárias, artísticas, e todo fluxo de pensamento da época.

A grande força da tipologia simbólica está em seu poder de unificar as interpretações de arte, teorias da beleza, imaginação e ideais criativos vitorianos. É o caso, por exemplo, das teorias de Arte de John Ruskin, crítico do século XIX. Seu pensamento é permeado por tal método interpretativo e se conecta com suas discussões sobre geologia, história e estética (Landow, 1980). Especialmente ao analisar o trabalho do crítico de arte, Landow pontua:

Essa ênfase simultânea sobre *dois polos de significado*, ou dois níveis de existência, aparece de novo na noção de Ruskin de um ideal de arte que combina *estilo realista* com complexas intenções simbólicas como um meio de reconciliar *fato e imaginação, materialismo e idealismo*. (LANDOW, 1980, p. 4, tradução e grifos nossos).<sup>5</sup>

No ideário de Ruskin, assim como os tipos de Cristo se manifestam na Bíblia, por meio de outras narrativas literais, a superfície estética de uma pintura ou

---

<sup>4</sup> “Typology is a Christian form of scriptural interpretation that claims to discover divinely intended anticipations of Christ and His dispensation in the laws, events, and people of the Old Testament.”

<sup>5</sup> “This simultaneous emphasis upon two poles of meaning, or two levels of existence, appears again in Ruskin’s notions of an ideal art that combines a realistic styles with complex symbolic intentions as a way of reconciling fact and imagination, materialism and idealism.”

representação, apesar de ter sua realidade própria imediata, só pode ser lida completamente quando vista com referência a uma segunda camada interpretativa. O modelo proposto, então, é o de um estilo realista adensado com complexas intenções simbólicas, reconciliando a tensão entre fato e imaginação, materialismo e idealismo; ou, dito de outra forma, se estabelece um realismo técnico calcado em uma busca por verdades espirituais. Era esta, também, a concepção de William Holman Hunt, e dos Pré-Rafaelitas que foram influenciados pelas teorias estéticas de Ruskin, através de seu primeiro volume do livro *Modern Painters*. Para que tenhamos ainda uma demonstração mais ampla da concepção da Tipologia Simbólica e de seu uso, tomamos os versos de Elizabeth Barrett. Em *Aurora Leigh* (1856), como demonstra Landow, sua heroína estabelece:

coisas naturais  
 E espirituais, -- aquele que as separe  
 Na arte, na moral, no movimento social,  
 Rasga o elo da natureza e traz morte,  
 Pinta quadros fúteis, escreve verso irreal. (LANDOW, 1980, p. 6,  
 tradução nossa)<sup>6</sup>

A leitura em questão é proposta pelo autor ao analisar diversos campos do contexto social e cultural da Inglaterra do século XIX. Recorrendo à tipologia simbólica ou tipologia bíblica, Landow é categórico em afirmar uma “forte impressão sobre a literatura, arte e pensamento vitoriano” (idem, p. 3). Tal simbolismo tipológico influenciou os hábitos da mente e promoveu significativa e não pouco usual unidade, ao informar as interpretações da arte, teoria da beleza, imaginação e ideais criativos. Em resumo, podemos sintetizar sua fundamentação da seguinte maneira:

Tipologia (ou simbolismo tipológico) é uma forma cristã de interpretação que procede da pressuposição de que Deus

---

<sup>6</sup> “...natural things / And Spiritual, -- who separates those two / In art, in morals, or the social drift, / Tears up the bond of nature and brings death, / Paints futile pictures, writes unreal verse.”

estabeleceu antecipações de Cristo nas leis, eventos e povo do Antigo Testamento. (LANDOW, 1980, ix, tradução nossa).<sup>7</sup>

Os traços figurativos e temáticos de tal método se conectam por meio de uma pressuposição, ou visão de mundo, amplamente cristã. Podemos ampliar tal noção de forma mais acurada e dentro de um quadro histórico comparativo bastante útil:

Apesar dos escritores, antes da reforma, entenderem inteiramente tanto a tipologia quanto a tropologia, eles criam que a tropologia – alegoria moral – deveria ter um papel mais central em seus escritos. Ou, colocando de forma diferente, apesar dos escritores pós-reforma serem também completamente familiarizados com a tropologia, para eles tipologia era mais importante.... A troca na balança parece, para mim, envolver a preocupação protestante crucial com a hermenêutica, com a tentativa de todo fiel – tanto o leigo, quando o clérigo — em interpretar a Bíblia. Assim que a exegese do Antigo Testamento se tornou assunto necessário para a leitura diária das Escrituras, a tipologia se tornou um assunto de muito maior importância do que a tropologia. É claro que católicos, assim como protestantes, eram exegetas, mas ao elevar a Escritura à regra de fé e pela deposição da tradição da Igreja como serva desta, os protestantes se tornaram um grupo hermeneuticamente inclinado... Os protestantes fizeram algo mais: eles se dirigiram à descoberta de *uma ideia mais moderna da história*. Para eles, a Cristandade não era simplesmente atemporal, nem um tipo de contraste vago entre o miserável agora e o bem-aventurado porvir que requeria uma atitude de desprezo pelo mundo. (MINER *apud* LANDOW, 1980, p. 2, grifo e tradução nossos)<sup>8</sup>.

---

<sup>7</sup> “Typology (or typological symbolism) is a Christian form of biblical interpretation that proceeds on the assumption that God placed anticipations of Christ in the laws, events, and people of the Old Testament.”

<sup>8</sup> “Although writers before the Reformation thoroughly understood both typology and tropology and tropology, they believed that tropology – moral allegory – should play a more central role in their writings. Or, to put it differently, although post-Reformation writers were also thoroughly acquainted with tropology, to them typology was more important... The change in balance seems to me to involve the crucial Protestant concern with hermeneutics, with the active attempt by all the faithful – lay as well clerical – to interpret the Bible. As soon as exegesis of the Old Testament becomes an issue necessary to daily reading of Scripture, typology becomes of far greater importance than tropology. Of

Ao contrário do que se possa pensar, não se trata de uma abordagem interpretativa *sui generis* do período vitoriano. Na obra de Paul J. Korshin, *Typologies in England 1650-1820*, encontra-se a seguinte afirmação:

Tipologia é um sistema de exegese. Ela é provavelmente a técnica hermenêutica mais duradoura empregada pelos cristãos primitivos na tentativa de elucidar as relações entre os mistérios de Antigo Testamento, a revelação do texto emergente do Novo Testamento, e as perplexidades da história recente. (KORSHIN, 1982, p. 75)<sup>9</sup>.

Korshin também ressalta o duplo papel dos tipos, operando como figuras que se manifestam prefigurando as expectativas e objetivos finais da profecia, ou *pós-figurando* e representando a profecia que foi realizada. Seu uso antecede o cristianismo e já era utilizado entre a exegese rabínica. Sua discussão também trata da problemática do termo, que pode ser confundido de muitas formas, e reconhece a tipologia como sinonímica dos termos “figural” e “figuralismo”.

Tal figuralismo caminhava lado-a-lado com as sombras, alegorias ou parábolas dos métodos de interpretação não-literais do texto bíblico. Seu principal aspecto, seja para o exegeta especializado ou leitor informado, é de caráter preditivo para eventos futuros. Não se trata apenas de um símbolo ou figura que aponta para algo que estaria por vir, mas como um tipo de “nota promissória metafórica, uma figura literária parcial cujo cumprimento será revelado no futuro” (Korshin, 1982, p. 76)<sup>10</sup>. Tal estrutura, segundo ele, está fundamenta na necessidade humana de esperança para o futuro e de buscar alcançar mais do que é possível no passado e

---

course Catholics as well as Protestants were exegetes, but by elevating Scripture to the Rule of Faith and by deposing Church tradition as its handmaiden, Protestants inevitably became a hermeneutically minded group... The protestants did something else: they stumbled into discovery of a more modern idea of history. To them Christendom was not simply timeless, nor was it some kind of temporally vague contrast between the miserable now and blissful then which required an attitude of contempt for the world.”

<sup>9</sup> “Typology is a system of exegesis. It is probably the most enduring of the hermeneutic techniques employed by the primitive Christians to elucidate the relationships among the mysteries of the Old Testament, the revelation of the emerging text of New Testament, and the perplexities of recent history.”

<sup>10</sup> “...a sort of metaphorical promissory note, a partial literary figure whose fullness will be revealed afterwards.”

presente, com sua construção tornando plausível criar analogias entre predileções e escritos históricos.

A análise de Korshin avança para diferenciar, em três modos, a *tipologia convencional* da tipologia *abstrata* e *aplicada*. Seu interesse, do mesmo modo como na obra de Landow, é pontuar a relação desse método interpretativo com a sociedade britânica, mas em um período imediatamente anterior ao vitoriano. Sendo assim, Korshin apresenta a *tipologia convencional* como um método de interpretação histórico *stricto sensu* da relação entre os dois testamentos bíblicos, sendo o Novo Testamento não apenas prefigurado, mas também justificado no Antigo Testamento por meios dessa relação hermenêutica intrincada. Já a *tipologia abstrata* se ocupa das propriedades simbólicas de todas as coisas, correlacionando verdades do mundo natural com aquelas do mundo espiritual. Nesse sentido, a abordagem tipológica abstrata, reconhece:

A descoberta de correspondências entre coisas mundanas e divinas é frequentemente o resultado de uma busca piedosa por semelhanças entre o passado e o presente para justificar um corpo de doutrinas. Mas a busca pode se tornar também uma tentativa mais intrincada de desvendar vertentes de mistérios do tecido do mundo. Desse modo, um exegeta poderia facilmente implantar uma tipologia hermenêutica para explicar um texto, história, ou circunstância natural. (KORSHIN, 1982, p. 85, tradução nossa).<sup>11</sup>

Aqui, percebemos que a tipologia se move para um tipo de leitura que se assemelha ainda mais com aquilo que encontramos no *Vampyroteuthis* de Flusser. O que se percebe, segundo a análise de Landow e Korshin, é que a tipologia, especialmente a *tipologia abstrata*, observa o mundo como um livro a ser interpretado pelas lentes do sagrado, ou por uma segunda camada interpretativa, que deve se articular com a leitura mais imediata do mundo real. Este não precisa ser teorizado ou duvidado, é apenas existente sob a existência de Deus. É criado e assumido verdadeiro, e, em sentido semiótico, é um simulacro de concepções transcendentais. Desse modo, leem-se os sinais históricos do mundo natural como um livro que conta uma narrativa verdadeira, mas, incompleta, carecendo do grande

---

<sup>11</sup> “The discover of correspondences between wordly and divines things is often simply the result of a pious search for resemblances between past and present to justify and existing body of doctrine.”

livro da narrativa revelada do Deus criador. Isto nos remede ao modelo do “mundo como um livro” que é também central nas teorias de Vilém Flusser. Considerando tais conceitos, esse autor assevera:

No tempo em que o mundo era considerado um livro, *natura libellum*, e enquanto se tentava decifrá-lo, era impossível uma ciência natural sem pressuposições. E, desde que o mundo começou a ser observado, e não mais lido, passou a não ter mais significado. (FLUSSER, 2007, p. 67).

Tal comentário é feito com referência a duas posturas possíveis diante daquilo que vemos: quando as *observamos*, tomamo-las como fenômenos; quando *lemos*, estamos partindo da pressuposição de que signifiquem algo. Ao observar a construção do *Vampyroteuthis*, percebemos que Flusser encadeia uma leitura científica que descreve este mundo, e bem lhe aproveita suas observações mais imediatas para ressaltar leituras de mundo, ainda que diversas ou concorrentes. Uma camada imediata, do nível descritivo, se conecta com visões mais amplas e abstratas, por vezes extrapoladas de analogias e metáforas, que são apresentadas para que se “leia” criticamente o que se observa. Para Flusser, essa investida contra o mundo, lendo-o como texto, é fundamental para situação do homem histórico, enquanto leitor do mundo que busca conectar os sinais imediatos com compreensões mais amplas. Assim:

O homem histórico, informado por textos e com consciência estruturada “linearmente” por textos, vive em universo que exige ser “lido”: “*natura libellum*”. O universo se apresenta, ao homem histórico, enquanto série de sinais codificados que precisam ser decifrados (explicados, interpretados). O resultado de tais explicações e interpretações, de tais “discursos científicos”, é o domínio do homem histórico sobre o mundo-texto. Para o homem histórico, o mundo emite toda uma quantidade enorme de sinais (de vetores de significado) que o homem apanha para ordenar segundo os fios que codificam os sinais (por exemplo, segundo as leis da natureza). Para poder apanhar e ordenar os sinais provindos do mundo, o homem precisa assumir determinada postura diante do mundo: *adequatio intellectus ad rem*. O homem precisa inclinar-se

sobre o mundo-texto a fim de poder decifrá-lo. Tal postura de inclinação, tal postura reverencial perante o mundo é, se vista fenomenologicamente, a maneira como o homem histórico está no mundo. (FLUSSER, 2008, p.50)

Como motivação similar, mas em direção diversa, vemos o programa interpretativo da tipologia desenvolvendo-se. Herbert Sussman, em seu livro *Fact into Figure* (1979), explica a atitude da irmandade Pré-Rafaelita, ao fazer da tipologia simbólica a base de seu programa estético. Segundo ele, havia, ali, um desejo de

reconciliar por meio de sua arte o desaparecimento da crença na qualidade sacramental do mundo natural, na natureza providencial da história, com as poderosas novas atitudes geradas por uma ciência totalmente naturalista e uma história declaradamente científica. Em vez de ver o mundo visível como menos significante do que a realidade transcendente que ele simboliza, esses vitorianos viram também o fato natural e eventos históricos como figuras, como realidade simultaneamente tangível e símbolo do transcendente. (SUSSMAN, 1979, p. xvii, tradução nossa).<sup>12</sup>

Para o que pretendemos em nossa abordagem, essas breves definições são uteis e já estão integradas com o arcabouço teórico de Flusser, que, conforme entendemos, articulam algumas de suas noções. Antes de encerrarmos a presente investida pela Caribde confessional de Flusser, associada com esse método interpretativo em particular, temos considerações pertinentes. Uma para o âmbito das visões de mundo e o avanço das próprias teorias, e outra para a nossa fundamentação semiótica.

A primeira é talvez reforçadora da percepção de Flusser. Para os analistas da tipologia bíblica e sua influência, há uma percepção de que tal método interpretativo tenha causado impressões até mesmo sobre as investigações de Charles Darwin. Assim, em *Literature and Medicine in Nineteenth-Century Britain* (2004), Janis McLarren Caldwell desenvolve sua abordagem introdutória,

---

<sup>12</sup> “Like Carlyle and Ruskin, the Brothers sought to reconcile through their art the fading belief in the sacramental quality of the natural world and in the providential nature of history with the powerful new attitudes generated by a wholly materialistic science and an avowedly scientific history. Rather than seeing the visible world as less significant than the transcendent reality that it symbolizes, these Victorians saw both natural fact and historical event as figure, as simultaneously tangible reality and symbol of the transcendent.”

reconhecendo o papel da tipologia vitoriana no desenvolvimento de um *materialismo romântico*. Em suas palavras:

A tipologia tem uma longa história, mas no século XIX se tornou uma importante tradição protestante de leitura de toda a bíblia com uma dupla referência – tanto para a história humana quanto para o plano divino. [...] A tipologia tem então um dualismo construído que recusa a diminuir a importância do mundo material. A história humana nunca é descartada como uma casca da qual o centro espiritual foi retirado. (CALDWELL, 2004, p. 17, tradução nossa).<sup>13</sup>

A autora prossegue, fazendo uma citação da historiadora da ciência Susan Canon, que compara a linguagem dos “Tipos” de John Ruskin, advinda de origem protestante, e outras teorias que buscavam um relacionamento com o mundo real e “arquétipos” ou “ideias gerais”, e tiveram por base o método de interpretação bíblica. O caso de Darwin é abordado por Caldwell em dois capítulos, tratando de sua abordagem investigativa e de sua autobiografia, descrevendo neles a relação do cientista com o “materialismo romântico” desenvolvido a partir da tipologia. Nota-se que tal influência estabeleceu uma ruptura, pois o modelo interpretativo que influenciou Darwin também levou a um novo estágio das ciências naturais. A biologia passou de um ramo específico para a compreensão da natureza e começou a produzir teorias mais amplas. Para Flusser, esta foi a grande virada ou vitória do programa do Iluminismo.

Em um aspecto semiótico, podemos apenas considerar que Flusser, ao articular a sua concepção de real como língua realizada, também promove uma investigação da produção do sentido que ultrapassa o programa do texto e alcança-lhe o aspecto da estrutura anterior. Nesse caso, não estaria ele considerando apenas o eixo paradigmático dos valores e a estrutura sintagmática de toda narrativa, mas a articulação da língua em *status nascendi*. Seu *Vampyroteuthis* é, nesse sentido, uma demonstração de que tanto os valores quanto as narrativas estão condicionados por visões, que se desenvolvem dentro da língua realizada. Ou mais especificamente: do grande fluxo da língua que é a conversação civilizacional,

---

<sup>13</sup> “Typology has a long history, but by the nineteenth century it had become a popular protestant tradition of reading all of the Bible with a double reference — both to human history and to divine plan. Typology has a built-in dualism which refuses to diminish the importance of the material world. The human story is never discarded as a husk from which the spiritual kernel has been extracted.”

as teorias seguem se desenvolvendo, com uma mesma característica básica; ao se avançar a relação entre sujeito e predicado, e predicções de predicções, sucessivamente, constroem-se os discursos. Tal compreensão se dá em sua abordagem da língua e avança por toda a sua fenomenologia. Não é nosso interesse a análise de Flusser em seus pormenores, mas chama a atenção que a sua proposta epistêmica envolva as articulações das visões de mundo nesse processo de “realização”.

Para a breve apresentação da tipologia vitoriana, reconhecemos, com o *Vampyroteuthis*, que a existência de uma cosmovisão, uma dimensão anterior das teorias, influenciando-as ou até mesmo determinando sua abordagem, não é apenas um caso de extrapolação de compromissos individuais ou ideológicos, como se fez referência em alguns casos, mas uma quadro geral que pode englobar todos os casos individuais, e nos quais até mesmo as leituras individuais de mundo se realizam. Seja na construção do significado, bem como também na articulação das teorias predominantes, existem compromissos pré-teóricos ou, para nossa abordagem semiótica, se assim pudermos dizer, interdiscursivos, que estão envolvidos com o processo de geração do discurso.

O que podemos fazer, para não imergir no mundo obscuro da especulação, é avançar para a atmosfera luminescente, pescando nossa criatura, e almejando definir como tais compromissos *religiosos* – em sentido flusseriano, como veremos adiante – se articulam para formular a compreensão daquilo que se toma por fato e imaginação.

### **3.3. Redes teóricas e visões de mundo: desvendando a Cila classicista**

#### **3.3.1. Flusser e cosmovisões**

Temos de definir, não somente com Flusser e seu *Vampyroteuthis*, mas também apoiados em bibliografia filosófica, o recorte e a definição do termo *cosmovisão* que mais se apresenta coerente com a proposta de encontrar, no âmbito da obra, e de forma consistente com aplicação da teoria semiótica, as condições imanentes para a produção do sentido.

Nossa investigação precisa se lançar para outras conexões interdiscursivas, visando a reconhecer como a própria concepção de cosmovisão afeta a compreensão do próprio texto; o processo aqui envolve, então, o enquadramento das teorias, até mesmo da teoria semiótica, dentro de um conjunto mais amplo de

referências discursivas que manifestam a compreensão flusseriana de um discurso englobante da cosmovisão científica. Porém, antes, precisamos reconhecer como o conceito de cosmovisão é apresentado por Flusser, em algumas de suas obras, e ecoa recorrentemente na narrativa do *Vampyroteuthis*.

Como afirmamos, o termo *cosmovisão* aparece no artigo “Um Mundo Fabuloso” (1964), publicado no jornal O Estado de São Paulo e inserido em *Ficções Filosóficas* (1998), pela Editora da Universidade de São Paulo, uma coletânea de ensaios que exibem seu conceito próprio de um tipo de ficção que lida com questões filosóficas e utiliza jogos, metáforas e analogias para expressar e analisar visões de mundo. Já nesse texto curto, Flusser estabelece um propósito artístico e filosófico de sua empreita literária, visando àquilo que se fará ainda muito mais presente e aprofundado em seu *Vampyroteuthis*:

O propósito do presente artigo é contar uma fábula, uma história na qual os animais falam. Não será uma fábula lafontainiana, principalmente porque a moral da história não será óbvia nem para o autor, nem para os que a ouvem. A clareza das convicções morais pertence, infelizmente, ao passado. Tampouco será minha fábula um murmurar misterioso. A fogueira da caverna foi substituída, irremediavelmente, pelas lâmpadas funcionais, e as figuras nas paredes por reproduções de Picasso. Será uma fábula da atualidade. Os animais que falarão não serão, portanto, nem mamutes nem raposas. Essas são espécies de animais existencialmente extintas. Não interessam. Escolhi, para o meu diálogo, espécies mais interessantes. O octópode que habita os abismos dos oceanos, a solitária que habita os abismos dos intestinos, e o verme curioso chamado “embrião” que habita os abismos do útero, tais serão meus personagens. O tema do diálogo será o sr. Darwin, mas um Darwin um tanto anacrônico, já que será freudiano. (FLUSSER, 1998, p. 24).

O texto continua com a apresentação de três visões de mundo, que se entrelaçam com a visão biológica, a partir dos três personagens em diálogo. O octópode se posiciona primeiro e gaba-se de ser o mais evoluído dos moluscos, o ápice e “coroa da evolução”, ainda que seja curioso, nota ele, que a própria teoria da evolução tenha sido desenvolvida pelos vertebrados. Prosseguindo, ressalta a distância que possui destes últimos que estão afastados da verdadeira corrente da

vida que se desenvolve nos mares: “a correnteza principal da evolução da vida” (Flusser, 1998), local de potencialidade, élan da vida, e no qual a criatura do fundo dos mares desenvolveu impressões químicas, térmicas e eletromagnéticas, uma simetria radial e um cérebro poderoso, muito distinto do homem e de sua forma grotesca e repulsiva, ressalta o octópode.

A fábula segue com o relato da solitária nas profundezas do intestino, possuindo 1500 elos que possuem aparelhos sexuais capazes de produzir 50 mil ovos cada, e 75 milhões de ovos ao todo. Tal aparato vertiginoso de libido é caracterizado como o grande triunfo da evolução a vida, que não passa em si mesmo de um processo de reprodução irrefreada, ou da vontade de poder “como disse Nietzsche (um daqueles organismos que servem para alimentar-me)” (Ibid., p. 25). Se o homem é dono da natureza, a solitária é dona do homem e transformou os vertebrados em seus escravos. Enquanto o homem livra a solitária da necessidade da alimentação, ela se dedica à “realização da máxima força libidinosa que representa” (Ibid., p. 26); ela é decididamente darwiniana com uma dimensão freudiana.

Por fim, o embrião se apresenta repreendendo a solitária por sua desinibição, uma vez que “o amor é libido inibida”; ele se dá na separação, da barreira que se introduz entre os sexos, e na qual ele se encontra. O amor é uma luta entre esse princípio libidinoso e uma oposição a esse princípio pela inibição e separação dos sexos (que a solitária não possui). E, muito além disso, sendo o amor o horizonte e a meta final de todas as coisas, o embrião afirma recapitular todos os estágios da evolução da vida dentro do útero, vagando na correnteza vital, solitário, biologicamente ainda imperfeito até ser lançado em um ambiente hostil, como também o é no caso do octópode. Nesse sentido dialético, afirma ele, então, ser uma representação da meta de superação da vida.

Nesse breve ensaio, com uma fábula sem aplicações morais, convocando-nos para uma reflexão sobre os modelos de mundo pelos quais a existência obtém seus significados, temos um padrão comum ao do *Vampyroteuthis Infernalis*. O Flusser que se apresenta fabulador intenta trazer à tona sua investigação sobre os modelos vigentes de compreensão e representação da realidade, e de como eles condicionam nossas leituras. Nas palavras do embrião, como já citamos anteriormente: “Que o octópode seja ‘darwiniano’, é uma *cosmovisão* que lhe compete” (FLUSSER, 1998, p. 26,27, grifo nosso).

Tal busca por esse tema não é pontual, mas uma questão central de seu pensamento desde a publicação de seu primeiro livro, *Língua e Realidade*, em 1963. A síntese geral é que a língua, sendo o único acesso que temos ao “real”, é ela mesma a própria realidade a qual temos acesso. Enquanto forma, cria e propaga realidade a partir de si mesma; toda a língua também fornece visões de mundo, modelos inescapáveis aos discursos que se realizam dentro delas. Nesse sentido, a civilização ocidental está presa, em alguma medida, por uma visão de mundo que estruturou o mundo moderno. Tal compreensão da língua seria o axioma sobre o qual surgem diversas outras reflexões e conexões filosóficas do autor.

Considerando a filosofia, por exemplo, o que podemos enxergar em Flusser, especialmente no que formula a respeito das relações entre língua e realidade, é um diálogo avançado com a fenomenologia, um desenvolvimento de alguns postulados de Husserl, especialmente no que diz respeito seu *logocentrismo* quanto à realidade:

O que transforma o caos em cosmos é a possibilidade de conversação, é o vai e vem da língua. (...) O intelecto em conversação conserva e aumenta o território da realidade. Realizando-se, realiza”. (FLUSSER, 2004, p. 47)

Tal logocentrismo visa a conectar a realização da língua com os dados exteriores. Segundo JUNIOR e CAPELA:

Para Flusser, aquilo a que damos o nome de realidade chega até nós através de duas formas: dados brutos e palavras. Em princípio, poderíamos separar, dicotomicamente, os dados brutos ou imediatos (a “realidade”) e as palavras, que nomeariam os dados brutos. Teríamos a ideia de uma língua que descreve o mundo objetivamente. No entanto, ele adverte que os dados brutos alcançam o intelecto somente em forma de palavras. Sendo assim, torna-se possível afirmar “que a realidade consiste de palavras e de palavras *in statu nascendi*”. (2016, p. 62)

Assim, os dados brutos podem até existir, mas eles só chegam à mente por meio de palavras. Alguma realidade externa à língua para a qual a língua poderia apontar, para Flusser, seria então impossível, de modo que, nessa perspectiva, sem

dúvida, é a língua, com suas significações e regras, que deve ser tomada como o 'dado' por excelência.

Para Flusser, não somente o mundo das coisas, mas também eu e não-eu (realidade e subconsciente) são revelados nas multiplicidades das línguas, que se tornam, então, representativos acerca da relatividade das categorias de pensamento:

Eu e não-eu são os horizontes ontológicos de toda língua, e portanto inatingíveis, embora parcialmente articuláveis. Como hipóteses extralinguísticas, podem ser eliminados do horizonte da conversação. [...] Essa é uma marca do pensamento flusseriano: considerar também a conversação científica como língua, e, conseqüentemente, como uma modalidade de ficção. O mesmo ele dirá da filosofia, quando afirma que a verdadeira filosofia participa da camada de conversação da poesia. (JUNIOR, CAPELA; 2016, p. 62,63).

Estamos aqui diante de uma tarefa que, apesar de iniciada pelo interesse em reconhecer como as visões de mundo estão implicadas e figurativizadas no discurso, segue rumo ao abismo da própria natureza filosófica da língua e sua relação ambígua com um conceito que se propõe a preceder toda a rede conceitual dos discursos teóricos. Para que não se perca a especificidade da área à qual nos atemos, e assegurar que não estamos em uma penumbra filosófica de interesse alheio ao da linguística e da semiótica, a definição de David Naugle, em "Cosmovisão: a história de um conceito" (2017), soa pertinente:

Eu proponho que uma cosmovisão é mais bem entendida como um *fenômeno semiótico*, especialmente como um sistema de *sinais narrativos* que estabelecem um quadro poderoso dentro do qual as pessoas pensam (razão), interpretam (hermenêutica) e conhecem (epistemologia). (NAUGLE, 2017, p. 20).

É preciso considerar que o conceito de cosmovisão, importante para a construção das figuras e metáforas em Flusser, tem alguma influência de Karl Jaspers. Conforme Naugle, ao analisar "A psicologia das cosmovisões" (1919), de Jaspers, descreve-se uma compreensão dupla de *Weltanschauung* em dimensão subjetiva e objetiva. A primeira no âmbito das experiências práticas e a segunda

acerca de um quadro teórico amplo, sobre o mundo dos objetos formados; desse modo, a primeira dimensão diz respeito às experiências e à subjetividade, no âmbito das “atitudes” (*Einstellungen*); a segunda, do lado objetivo, preocupa-se com a investigação das “imagens do mundo” (*Weltbilder*). Nesse contexto:

Atitudes são os padrões e as estruturas formais da existência mental pelas quais o mundo é experimentado ativamente, contemplativamente, racionalmente, esteticamente, sensualisticamente, asceticamente, ou de outras maneiras. Imagens de mundo, por outro lado, são “a totalidade do conteúdo mental objetivo que um indivíduo possui”. Através dessas atitudes básicas, a pessoa encontra o mundo objetivo e forma uma imagem mental dele. A combinação de atitudes e imagens do mundo constitui uma cosmovisão. (NAUGLE, 2017, p. 167).

Podemos reconhecer, nessa definição, que um quadro amplo, integrativo e unificador está implicado nas leituras e percepções do objeto, em sentido filosófico, e que as próprias teorias de análise são quadros discursivos que se projetam sobre o texto em alguma medida. Pensando nas bases epistêmicas de nossa alçada semiótica, tome-se que Flusser figurativiza o homem e o *Vampyroteuthis* dentro desse amplo quadro de referências no qual as figuras são tomadas metonimicamente, por discursos descritivos, mas ambos são modificados, por meio de analogias, em metáforas que representam tais temas filosóficos.

Para o propósito do momento, precisamos articular essas observações filosóficas com a busca semiótica por estruturas coesivas, que articulam os modos de figurativização e tematização que se manifestam em *Vampyroteuthis Infernalis*. Devemos, para isso, descer ao quadro amplo da pós-história flusseriana, um dos aspectos centrais de sua filosofia. Para isso, reconheceremos, em terminologia própria, três estágios explicativos de sua visão de mundo.

### *I. Sub Species Aeternitatis*

O que podemos identificar no *Vampyroteuthis* é uma exibição de um longo processo discursivo que encontra eco em diversas leituras teóricas de seu autor. E um dos temas mais recorrentes da filosofia da língua flusseriana é sua ligação com o desenvolvimento histórico do pensamento. As redes teóricas estão ligadas à

estrutura da língua e ao desenvolvimento do pensamento ocidental, e o *Vampyroteuthis* nada mais é do que a emergência de uma crise de fé, no sentido de crença epistêmica. Sua imagem diabólica é fruto de um jogo epistemológico sendo desenvolvido nas fraturas da filosofia e do pensamento, das crises e revoluções do progresso civilizacional.

Aqui fazemos referência à expressão *sub species aeternitatis*, de Spinoza, para retornar à época da pré-modernidade e identificar, com Flusser, a ruptura que nos conduziu ao *Vampyroteuthis Infernalis*. Os postulados teóricos evocados fornecerão aspectos da cosmovisão (ou religiosidade ocidental) de modo panorâmico. Para a finalidade desta dissertação, cotejaremos o conceito de *temas* e *figuras* em alguns momentos; considerados como aspectos semióticos, estão relacionados dentro desse quadro amplo do discurso civilizacional. Em outras palavras, tentaremos expor como o *Vampyroteuthis* de Flusser entrecruza o discurso filosófico de seu enunciador enquanto figurativiza uma noção de realidade fabulatória.

Inicialmente, consideraremos o artigo “Pensamento e reflexão” (Flusser, 2002). Nele, encontramos o fundamento do jogo de espelhos no *Vampyroteuthis*. Nesse ensaio, o filósofo apresenta a grande ruptura que separa a modernidade do pensamento anterior, de um mundo que poderia ser conhecido pelo *concursum Dei*. Nessa virada moderna, o mundo duvidoso da matéria e o mundo indubitável do pensamento, conforme estabelecidos por Descartes, se afirmam. Antesse encontravam com a ajuda divina, agora estão articulados na relação sujeito-objeto. Nesse sentido, a distinção cartesiana entre *res cogitans* (coisa pensante) e *res extensae* (coisas extensas) estabelece um sujeito que investe contra o mundo dos corpos “com a dupla finalidade misteriosa de compreendê-lo e modificá-lo” (FLUSSER, 2002, p. 37). É típico então, do método científico, segundo Flusser, “agarrar-se” às coisas, fazendo uso do pensamento, para poder modificá-las.

Este é, ao mesmo tempo, o começo e o fim da Idade Moderna, uma vez que, na ausência do *concursum Dei*, a crise atual do método científico se estabelece. Tal crise está no fato de que o avanço do pensamento ocidental aponta para a constatação de que o fundamento da matéria é o próprio pensamento. Como exemplo agudo, diz Flusser, a física moderna lida mais com os símbolos do pensamento do que qualquer outra coisa – como nêutrons, mésons, etc; torna-se impossível distinguir entre o observador e o observado. Em constatação

*vampyroreuthica*, nossa investida diz mais sobre a rede de pesca do que sobre o fenômeno pescado, os símbolos que apreendem a criatura são teias elaboradas na superfície e não conseguem trazê-la viva à tona, fazendo com que se torne um cadáver. A tecnologia, fruto desse avanço civilizacional, da mesma forma, garante o lazer e a fatura idílica no futuro, mas ainda hoje não supera o tédio e a angústia humana. Se, por um lado, Flusser não nega o progresso tecnológico, por outro, ressalta uma constante uma crise.

Tal articulação cartesiana não é mero acaso; antes, é “fruto de todo um conjunto ético-religioso do qual participamos” (2002, p. 39), e a dicotomia duvidoso e indubitável configura-se como uma extensão dos mitos primordiais, segundo a visão de Flusser, que deram origem à civilização ocidental. Opor pensamento e matéria não é mera distinção epistemológica, antes, conforme afirma Vicente Ferreira da Silva em leitura flusseriana, mas a própria oposição cristã entre o salvável (alma) e o sacrificável (corpo). A dicotomia corpo-alma é o molde de nossa visão de mundo, e apesar das culturas que concebem um mundo espiritualizado (como a indiana e as primitivas), nossas investidas sobre o mundo refletem esse aspecto inescapável.

O molde dicotômico permitiu o êxito da ciência e da tecnologia, mas revelou o abismo do tédio e da futilidade. A menos que esse projeto de conhecimento seja superado, estamos presos dentro de uma divisão entre corpo e alma, sem o *concursum Dei*, que não pode avançar sem se perder em uma crise existencial. Esse tema é figurativizado no *Vampyroreuthis* por sermos nós homens, vistos de sua perspectiva, como uma existência chata. Tal visão tediosa do homem moderno, aos olhos de sua criatura espelhada, é diametralmente oposta ao desejo inerente do seu projeto epistêmico (que é o próprio *Vampyroreuthis*). Do mesmo modo como a relação da criatura submarina com seu entorno é de fruição, visando a “sorver o mundo”, o projeto moderno que busca compreender para modificar “se expande para dentro do mundo dos corpos para devorá-los. O método desse devorar é a ciência e a tecnologia” (Flusser, 2002, p. 40).

Em situação-limite, o pensamento humano não pode aderir a essa visão de “progresso”; o que se vê adiante, caso o faça, são os projetos sangrentos que surgem com a emergência do *Vampyroreuthis*. A única solução é o recuo, ou a reflexão, um movimento contrário no qual o pensamento torna a si mesmo buscando devorar-se. Tal tema recebe seu investimento figurativo nas tendências canibais do *Vampyroreuthis*. Se o progresso não o faz emergir, quando descemos à sua

condição, encontramos o terror da autofagia. Mas, para Flusser, esta é a única solução viável: o movimento interno e a decomposição do pensamento.

Em sentido menos figurado, resta a oposição da ciência e da tecnologia (o avanço), pelo pensamento filosófico (o recuo), pela compreensão dos seus elementos decompostos, de maneira analítica. “Não é com mais ciência e tecnologia que sairemos da situação angustiada que nos encontramos mas com mais filosofia (se é que sairemos)” (Flusser, 2002, p. 40). Assim, para Flusser, as tentativas de tornar a filosofia mais científica (Dilthey e Husserl) são frustradas, pois não compreendem a própria natureza da reflexão e seu postulado de regresso. O quadro histórico exige que a expansão excessiva precisa de certo recuo e consolidação. A filosofia necessita assumir o local da ciência e tecnologia para regredir ao ponto da queda e compreendê-la.

A partir desse ponto, Flusser retoma a ideia da “expulsão do paraíso” como um determinante da origem da divisão e da dúvida, que não havia antes da experiência do fruto proibido e do conhecimento do bem e do mal. Por ter sua natureza mítica, a narrativa da expulsão é de um passado remoto, mas também “um acontecimento que a todos nós aconteceu e sempre acontece de novo” (Flusser, 2002, p. 41). Este é o caso de toda a distinção e de toda a dúvida. Ao duvidar, distinguimos, separamos em dois, e estamos, portanto, sendo expulsos constantemente daquela condição de não-divisão e não-dúvida. Toda a ordenação e todo progresso se dá por meio dessa expulsão desesperada do paraíso. O tema aqui iniciado é tornado fábula-ficcional em “A história do diabo” (Flusser, 1965); e assume dimensões palpáveis quando é instaurado figurativamente pela busca, *ad inferos*, de toda incursão humana rumo ao *Vampyroteuthis Infernalis*.

Neste ponto, podemos prosseguir com a história do pensamento moderno, percebendo que o dilema cartesiano se relaciona com duas postulações básicas de Flusser a respeito de toda a tentativa humana de conhecer e transformar o mundo: dar-se na projeção de um sujeito indubitável, que se lança sobre os corpos dubitáveis, sem o *concursum Dei*; e buscar o progresso e a transformação pela divisão e pela dúvida, sendo expulsos do paraíso. A existência do *Vampyroteuthis* é uma construção desses temas em sua condição de figura “virtualizada” do mundo “real”. Seu programa de uso é a existência dicotômica e bilateral (como no homem) que distingue o mundo; seu programa de base é a expulsão do paraíso rumo ao progresso, que, na prática, significa devorá-lo. Os temas filosóficos de Flusser se

encontram em diversas isotopias que se articulam com sua figura abissal e seu comportamento no mundo.

## *II. Sub Species Modernitatis*

Ao discutir o grande abismo que existe entre teorias, ou ideologias, e a realidade, Flusser estabelece, no século XIX, um abismo de disputas sangrentas, no qual se deu a formulação de uma nova compreensão de mundo, a partir da modernidade, e que assume o lugar dos dogmas religiosos antecedentes. Tal leitura de mundo segue a problemática que se estabeleceu quando o projeto cartesiano, que projetou a ciência moderna se tornou a “visão de mundo” substituta. Em seus próprios termos, as oposições ideológicas internas da modernidade, que deram origem aos horrores da guerra, contavam com uma base comum:

A base “científica” de tal contenda não provém, obviamente, da ciência no sentido rigoroso do termo, mas daquela ciência vulgar chamada “cientismo”, que substitui, nos séculos XIX e XX, o dogmatismo religioso dos séculos precedentes. (FLUSSER, 2011, p. 54).

A constatação prática é um contínuo dos problemas cartesianos anteriormente levantados, sendo o sujeito cartesiano aquele que duvida sem que possa duvidar-se de si mesmo. Com efeito, para Descartes, na visão de Flusser, duvidar e pensar são a mesma coisa. Tal relação acaba por estabelecer, pela correlação sinonímica, que a coisa pensante é indubitável. No ensaio “Da dúvida”, Flusser, ao considerar a dúvida de Descartes como a estrutura que formalizou todo o pensamento e a conversação empírica e racionalista da modernidade, afirma: “Descartes (e com ele quase todo o pensamento moderno) aceita a dúvida como indubitável. Essa fé ingênua na dúvida caracteriza, com efeito, a Idade Moderna cujos últimos instantes presenciamos” (FLUSSER, 2002, p. 47).

Se o mito da expulsão esclarece que o duvidar é a expressão do pensamento do homem no mundo, o projeto cartesiano leva-o até as últimas consequências – e este é o absurdo epistêmico que produz a crise da modernidade e aponta seu fim. Toda a compreensão da Idade Moderna acerca da realidade, de seu conhecimento e da possibilidade de transformação do mundo, é formulação de uma dúvida indubitável:

O pensamento [moderno] é, portanto, um processo absurdo. Duvida para deixar de duvidar, e transforma, nessa tentativa, o duvidoso em dúvida. O processo é absurdo em dois aspectos: é absurdo porque a meta do pensamento é acabar consigo mesmo, e é absurdo porque o pensamento pretende alcançar essa meta pela transformação de tudo em dúvida. (FLUSSER, 2002, p. 47)

Flusser ainda compara tal empreitada com a tentativa de beber o mar para matar a sede: se, em primeiro lugar, é impossível beber o mar, em segundo lugar, ainda que o façamos, a sede só aumentaria. Uma impossibilidade epistemológica e outra existencial estão no horizonte do projeto cartesiano. A grande dificuldade está no fato de que a dúvida concretizada, i.e., o pensamento realizado, é transformação do “duvidoso em pensamento, portanto em dúvida indubitável. Não se pode definir o duvidoso, por que definição acaba com ele” (Flusser, 2002, p. 42). Ao afirmar que toda a meta do pensamento é definir o duvidoso (mundo das coisas não pensantes), a própria definição cartesiana seria inalcançável, o que torna o pensamento impossível; ou sendo hipoteticamente possível alguma definição, ao estabelecer-se a definição, a própria dúvida acabaria, já que o estabelecimento da dúvida cessaria e não haveria mais assunto.

No entanto, se a estrutura cartesiana é inescapável, tal meta pode ser transmutada ao colocar-se a dúvida como o próprio horizonte do pensamento, segundo Flusser. Este é o quadro no qual ele concebe sua ficção filosófica, uma dimensão menos dogmática e mais expansiva, ainda que tenha em sua fronteira final o nada, o indizível. Assim, ao lançar-se sobre a dúvida como novo horizonte, e não o *cogito*, dissolve-se a dicotomia entre pensamento e coisa extensa. Como se daria isto, é a pergunta retórica do filósofo: “O pensamento se expande de acordo com as regras da língua” (Flusser, 2002, p. 43)?

Há um fluxo, uma corrente de frases que se ordenam e, de acordo com as regras linguísticas, distingue e ordena o mundo das coisas concebidas na língua. A própria definição de pensamento envolve esse ordenar e distinguir o duvidoso de acordo com as regras da língua. Como uma teia em direção diversa, com suas malhas lançadas em direção ao indizível, a teia nunca é uniforme e igualmente perceptível. Na física moderna, as formas matemáticas que se apresentam nas regras da língua criam uma densidade que praticamente ofusca o indizível. Encontra-se aí o próprio status da língua enquanto ente transformador do duvidoso.

Em outras camadas da conversação, que não a da física, o caráter puramente linguístico do pensamento não é tão perceptível, e persiste uma esperança (desesperada, segundo Flusser) de que o conhecimento não é um mero modo de falar.

A expulsão do paraíso e o grito de desespero são as analogias de Flusser para esse início do curso do pensamento em conversação na história humana. Com cada palavra e conceito formulado, estamos repetindo o grito da expulsão edênica. A corrente de palavras e o rio da conversação nos afastam dessa origem conforme emergimos do silêncio “primordial e ingênuo que é o paraíso” (Flusser, 2002, p. 44).

Mas o avanço da conversação e da ampliação do horizonte da língua ainda não se fechou. Enquanto o espaço para o espanto diante do nada e do indizível se manifestar como oportunidade de gritar, ou conceituar e criar palavras, a teia da língua ainda permite aberturas, novas palavras e pensamentos. Por outro lado, o fechamento da língua é sempre infernal e insuportável, sinal de decadência e prenúncio da morte. Quando não podem mais surgir novas palavras e pensamentos, em virtude da densidade da língua em desenvolvimento, toda a conversação se torna inautêntica e repetitiva. Em terminologia flusseriana, “conversa fiada” como se tornou a física moderna: afastada das origens da língua, caminhando rumo ao *idem per idem*, o círculo vicioso das equações reduzíveis a zero.

Aqui, encontramos com Flusser a busca do homem pelo próprio homem, desenvolvida na busca do *Vampyroteuthis Infernalis*. É esta a dimensão de todo o pensamento enquanto expansão da língua: afastamento do silêncio do paraíso, em busca de sua superação e de outro paraíso secundário, superação da língua e novo silêncio idealmente almejado. O problema é que tal visão do paraíso secundário é o próprio inferno, como demonstra o estágio atual dos conhecimentos humanos sendo reduzidos a zero. É ele o fim da dúvida, o fim do pensamento e a própria morte. A suposta civilização perfeita advinda desses conhecimentos se manifesta hoje no tédio crescente e na excursão vampyroteuthica que almeja o absurdo da circularidade.

Em suma, todo o pensamento enquanto processo linguístico, em Flusser, reduz “à camada da matemática e da linguagem do simbolismo lógico” tudo aquilo que se tem por ciência e tecnologia hoje (Flusser, 2002, p. 45). É o esgotamento do assunto, um empobrecimento crescente que em breve realizará o paraíso na terra. A única saída possível é a filosofia, a reflexão metódica, que pode abrir novos veios

na tessitura da língua, permitindo novas conversações e um novo rumo para o progresso.

Começamos com a afirmação de Flusser de que a pretensa ciência que busca assumir o papel do dogma religioso das gerações anteriores produziu tragédias sangrentas, ao se instaurar a partir do século XIX e XX. Tal é o aspecto de enxergar o mundo sob o prisma *vampyroteuthico* de um intelecto desperto em último grau, ou *sub species modernitatis*. A radicalização da dúvida, lançando-se sobre si mesma, é o caminho para uma nova direção, abrindo novas possibilidades, enquanto a língua reflete sobre si. Caso contrário, corremos o risco e perder o chão que pisamos, e este é o estado da pós-história.

### III. *Sub Species Vacuitatis*

Em “Pós-História: Vinte instantâneos e um modo de usar” (2011), Flusser segue sua leitura civilizacional, agora lidando com a ruptura da perda do paraíso primário e da busca por um paraíso secundário. A crise de fé é uma realidade premente. A vacuidade dos passos rumo ao futuro é dada e os terrores vampyroteuticos são desnudados por suas marcas recentes. Em tal contexto, ocorre a afirmação do homem atual emulando o período barroco, conforme apontado no início deste capítulo. O quadro geral é de uma crise que não pode negar *Auschwitz*, Hiroshima e as Gulags, sendo os dois últimos variações de um mesmo tema iniciado pelo primeiro. Este é o ponto de constatação: nesses eventos, “todos os nossos ‘modelos’ sofreram naufrágio irreparável” (Flusser, 2011, p. 21). E a afirmação barroca de nossa época consiste na negação da revolução em *Auschwitz*; somos contrarrevolucionários desse fato que derrubou nossa cultura irremediavelmente. O avanço científico, que conduz o homem à Lua, e as tecnologias de manipulação genética apenas tentam encobrir o horror. É o vazio em fingir que a grande crise atual não é de perda da crença na ciência, mas perda da crença no próprio homem.

Transformar homens em objetos foi o curso final, para Flusser, “da tendência ocidental ruma à objetivação” (Flusser, 2011, p. 22). Os modelos de mundo do Ocidente forneceram o padrão de criação de um aparelho: o campo de concentração. A engrenagem dessa máquina de execução era a situação-limite dos valores mais altos da civilização ocidental: os SS se comportavam como ‘heróis’ e os judeus como ‘mártires’; dentes justapostos de uma mesma engrenagem. Se os crimes cometidos anteriormente pelo Ocidente, contra outras sociedades e contra si

mesmo, são, em alguma medida, condenáveis infrações dos modelos de comportamento até então vigentes (anticristãos, anti-humanos, irracionais), Auschwitz é horror colossal que não permite somente autocrítica – como no caso da escravidão africana – mas o reconhecimento que não se tratou de um desvio do modelo, mas o resultado de sua aplicação sistemática. E o grande dilema está dado: uma rejeição *in toto* de nossa cultura seria o arrancar de nosso próprio chão:

Quem procura rejeitar sua própria cultura (como o fez Nietzsche ao rejeitar o judeu-cristianismo), cai vítima de loucura. Quem rejeita os modelos de sua cultura, torna-se incapaz a captar o mundo no qual vive. Quem procura substituir os próprios modelos por outros (por exemplo gritando “hare Krishna”), verificará que tais modelos exóticos foram captados pelos modelos a serem substituídos. (FLUSSER, 2011, p. 24).

Segundo Flusser, os modelos existentes nos condenam à servidão, mesmo depois de desmascarados. A alternativa possível para o dilema seria o suicídio: o progresso pelo progresso. Esta é a postura cínica de continuar em nossas atividades a despeito de tudo. Tal é a predileção dos que querem recalcar o evento e exigir sua superação, não tratar mais dele. Conforme a fábula, é tentar salvar o homem no *Vampyroteuthis*, de elevar o inferno ao céu com a desculpa de habitá-lo.

Ao tratar disso, Flusser aponta para um aspecto de confluência da crença epistêmica da modernidade e dos períodos pré-modernos:

A transcendência revelada pela religiosidade ocidental é o espaço que sustenta o mundo objetivo, e aumenta a confiança nele. Permite espaço para o conhecimento e a manipulação do mundo objetivo. É o espaço dentro do qual são feitas “teorias”, e a partir do qual “técnicas” são aplicadas ao mundo dos objetos. [...] E se a complementariedade atual entre fé e saber vai escavando a nossa confiança em geral, isto é sintoma de quanto religião e ciência repousam sobre o mesmo fundamento. (FLUSSER, 2011, p. 30)

Não há, portanto, uma disjunção entre religião e ciência; antes, trata-se de dois campos cujas intersecções são permanentes, apontando para a inegável complexidade a partir de que se constituem.

### 3.3.2. Semiótica e cosmovisões

Se quisermos analisar o conceito de cosmovisão, presente em Flusser e evocado em *Vampyroteuthis Infernalis*, podemos fazê-lo a partir de uma fundamentação em comum. E esse ponto de contato se apresenta no próprio surgimento da linguística no século XX, quando se configura, de fato, seu estatuto de análise científica da língua. Enquanto teoria científica, a Linguística se apresenta dentro de um viés imanente, considerando a constituição interna da língua e descartando relações com a exterioridade. A tradição estruturalista, reconhecida em Saussure e desenvolvida pela semiótica, instaura-se a partir de tal pressuposto. Podemos apontar, com o *Curso de Linguística Geral*, de Ferdinand de Saussure, que “é necessário colocar-se primeiramente no terreno da língua e tomá-la como norma de todas as outras manifestações da linguagem” (Saussure, 2006, p. 16). Por isso, sua visada inicial se configura pela análise de um caráter sistêmico, tentando encontrar na estrutura a natureza constitutiva do processo linguístico:

A língua é um sistema de signos que exprimem ideias, e é comparável, por isso, à escrita, ao alfabeto dos surdos-mudos, aos ritos simbólicos, às formas de polidez, aos sinais militares etc., etc. Ela é apenas o principal desses sistemas. [...] Se se quiser descobrir a verdadeira natureza da língua, será mister considerá-la inicialmente no que ela tem de comum com todos os outros sistemas da mesma ordem... (SAUSSURE, 2006, p. 24,25)

Ao longo do desenvolvimento da abordagem estrutural, outras teorias e considerações passam a integrar a busca pela relação entre linguagem e pensamento. O estudo da significação, ainda germinal em Saussure, na apresentação de uma semiologia geral, se estratifica, e o interesse pelas relações entre a linguagem e a exterioridade se articulam por meio do próprio sistema linguístico. As relações implicativas, históricas e sociais da relação entre a linguagem e a exterioridade passam a ser incluídas ao recorte epistêmico inicial de Saussure. Nesse sentido, consideramos apropriado recorrer a Cassirer, quando trata da relação entre mito e linguagem, buscando uma confluência entre os tipos de ideias que atravessam o discurso:

Pois, para o espírito, só é visível o que se lhe oferece em configuração definida, e cada configuração determinada de ser tem

sua origem em um determinado modo e espécie do ver, em uma atribuição de forma e significado ideacionais. Uma vez reconhecidas a linguagem, o mito, a arte e a ciência como tais formas de ideação, a questão filosófica básica não é mais o modo como todas estas formas se relacionam com um ser absoluto que constitui, por assim dizer, o cerne intransparente que se encontra por trás delas, mas sim o modo pelo qual, agora, elas se inteiram e condicionam mutuamente. (CASSIRER, 2009, p. 22).

Considerando que Flusser foi influenciado por Cassirer (Hanko, 2017), tal expansão dos estudos de linguagens parece-nos muito mais cômoda ao quadro geral do *Vampyroteuthis Infernalis* e suas relações diversas. O caminho investigativo aberto por Cassirer integra o sujeito e o mundo, a história e a sociedade, especialmente com foco na relação simbólica instituída na língua. Tal relação no processo de desenvolvimento teórico da semiótica passa a reconhecer o locutor e a língua, bem como a abarcar o processo de interlocução, considerando o estudo da enunciação.

Abandonando o enunciado e considerando o processo da enunciação, a teoria reconhece o sujeito que deixa rastros naquilo que diz. A reflexão sobre a subjetividade da linguagem nos coloca diante de um locutor como um sujeito, entretecido na trama da linguagem. Esse campo da subjetividade exigiu da semiótica discursiva o tratamento da articulação das operações enunciativas enquanto afirmação da natureza mediadora da enunciação, entre o sistema social da língua e o indivíduo. Tal constatação é importante para nosso trabalho, pois reconhecemos que as operações enunciativas são prementes no *Vampyroteuthis Infernalis*. Este ainda é o caminho para reservar a subjetividade e o sujeito que se entetece na trama, característicos da obra e fresta de passagem das visões de mundo investigadas por Flusser. Os sistemas de valores e o quadro amplo das cosmovisões, não necessariamente nessa terminologia, passam a integrar a semiótica e são veredas da significação de um mundo de significações.

A formulação científica da semiótica é também ancorada L. Hjelmslev por meio de seu empirismo descritivo. Seus escritos têm influência tanto no estatuto científico-metodológico a ser assumido em correlação dos postulados de Saussure, quanto na influência da separação entre forma e conteúdo no interior de suas teorias (Saraiva, 2017, p.140-148; Fiorin, 1999b).

Reconhecemos, nesse desenvolvimento, um enquadramento epistêmico, típico da abordagem cartesiana, da projeção do homem sobre os objetos do mundo, e que considera essa investida legítima enquanto produtora de saberes; e, ainda, no foco da semiótica no processo de geração do sentido, por meio da enunciação e seus percursos gerativos enquanto articuladores do processo de semiose.

Assim, podemos avançar, considerando que a visão de mundo que ordena o estatuto da semiótica greimasiana

consiste em uma espécie de convergência de diferentes abordagens metodológicas, que tomou como referência os trabalhos de Lévi-Strauss (sobre a teoria do mito), de V. Propp (sobre as 31 funções imanentes ao conto maravilhoso), de Soriau (*As duzentas mil situações dramáticas*, obra de 1950, em que identifica seis funções dramáticas básicas) e no modelo sintático de Tesnière (acerca das funções sintáticas em seus modelos de conexão e translação). (BATISTOTE, 2012, p. 36).

O projeto do lituano Algirdas Julien Greimas envolveu a construção do sentido dentro do texto, iniciando-se por meio de uma semântica estrutural, e almejava refletir sobre a significação de modo científico. O mundo humano é concebido, nessa visada, como um mundo de significação que perpassa as ciências da natureza e as ciências humanas. A dúvida que incide sobre essas ciências e que lhes estatui a investigação diz respeito, mutuamente, ao que significa o homem e o mundo.

Não retomaremos uma apresentação do simulacro metodológico da semiótica greimasiana, como já fizemos brevemente nos capítulos anteriores, apenas constatamos que sua análise interna se tornou consistente em ampla medida. E, por meio das funções do destinador e destinatário, no esquema actancial, manteve-se a porta aberta para que a discursivização, concebida internamente, mantivesse em perspectiva a relação enunciado/enunciação, na direção externa.

Por outro lado, reafirmamos aqui (para polemizar alhures) que um dos pressupostos comuns da semiótica greimasiana está esboçado no pensamento imanentista saussuro-hjemsleviano. É reconhecido o estatuto de ciência da semiótica de Greimas formular-se, segundo Saraiva, em uma imanência epistêmica-

metodológica. Ou seja, “a opção pela imanência, oposta à transcendência, é uma questão epistemológica, e a opção pela imanência, oposta à manifestação, é uma questão metodológica” (SARAIVA, 2017, p. 147).

Tal conclusão é possível mediante a investigação do autor para os conceitos de *imanência*, *texto* e *transposição* e seus papéis na fundação do edifício semiótico e de seu rigor por coerência interna. Em se tratando de *imanência*, o termo se refere tanto ao texto, como objeto dado para a análise e descrição, como também à característica imanentista da própria teoria ao, rejeitar a busca por qualquer horizonte de fundamento ontológico da língua:

Não se trata, veja-se bem, de uma recusa intolerante de toda possibilidade de diálogo entre as disciplinas que lidam com a linguagem. Vale lembrar que Greimas recorre a outras disciplinas para construir seu arcabouço teórico ao apoiar-se nos achados do linguista Luis Hjelmslev, do formalista Vladimir Propp, do sintaticista Lucien Tesnière e do antropólogo Claude Lévy Strauss, para ficarmos apenas nestes. No entanto, o mestre lituano, com a prudência que o caracteriza, se defende do ecletismo submetendo ao seu ponto de vista teórico as questões tomadas de empréstimo, o que pressupõe, segundo o princípio imanentista, a adequação dessas questões ao universo teórico estruturante geral, numa atitude bem saussuriana, segundo a qual o valor nasce da relação. Isto é, se o objeto-problema de preocupação foi incorporado numa totalidade teórica nova não contraditória, então ele se vê modificado nessa transposição e já não é tal qual fora na teoria de origem. (SARAIVA, 2017, 142).

A *transposição* em definição semiótica lida, então, com a afirmação categórica de que não é o sentido do texto o que se busca; tal interrogação se tornaria metalinguística e desviaria o foco da significação que se articula em uma determinada forma ou conjunto de significantes. Do mesmo modo como a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade repousam sobre uma ilusão epistêmica quanto ao conceito de imanência (pois carecem da transposição que formaliza, dá coerência e unicidade ao ponto de vista adotado), ocorre também com a questão do sentido.

Na polêmica de Greimas contra Heidegger e sua ontologia fenomenológica e existencialista, construída sobre a língua, reconhecemos que o que importa para a semiótica é o “ser do sentido” e não o “sentido do ser” – e tal ser não está acessível na substância, inalcançável, mas na forma descritível. Apresenta-se se como articulado, imanente, e é reconhecido como significação, i.e., a apreensão de diferenças no momento da manipulação do sentido.

Em suma, para Greimas, o *Vampyroteuthis* seria a “eterna filosofia”, uma busca pelo “real” que nos arranque da clareza epistêmica da superfície descritiva, metodológica do texto e nos arraste, com Heidegger, para o pesadelo da escuridão de outro ponto de vista, convertendo o semioticista/linguista em mau filósofo. Não podemos fazer aqui alguma afirmação sobre Heidegger sem o devido rigor, mas a polêmica estabelecida por Greimas é um sinal de reflexão contraposta para sua ontologia, e a visão vampyroteuthica aparece nesse jogo de oposição espelhada.

### 3.4. Fato e imaginação

O presente trabalho nasceu de uma inquietação a respeito da tentativa da tipologia bíblica desenvolvida no período vitoriano, especialmente influente no pensamento do crítico de arte John Ruskin, buscar reconectar, a partir de uma visão cristã, a relação entre fato e imaginação, na disputa em curso entre materialismo e idealismo. O desafio foi instigado e virado às avessas pela fábula de Flusser, que, como vimos até aqui, situa entre esses dois polos toda a investida do conhecimento humano e posiciona o *Vampyroteuthis* em seus limites. Algumas confluências entre Ruskin e Flusser são possíveis, pois estão os dois em sintonia quanto a um espírito antimoderno<sup>14</sup>, ou, em terminologia mais recente, guardam sua relação na crítica pós-moderna. Contudo, suas razões são antagônicas.

A tipologia bíblica que influenciou o período vitoriano buscava reconectar os “fatos” – lê-se aqui um realismo técnico calcado no avanço científico – com a “imaginação” espiritual por meio de um simbolismo descoberto nas Escrituras Sagradas. Os dois polos deveriam caminhar juntos no mundo fenomênico. Flusser, porém, situa-se no extremo oposto de qualquer conciliação. Sua leitura de mundo é análoga à dos vitorianos, ao reconhecer uma dimensão religiosa no centro da

---

<sup>14</sup> “Para ele [Ruskin], “modernismo era a condição da arte divorciada das crenças religiosas com as quais estivera unida em matrimônio ao longo de todo o período precedente do ‘medievalismo’” (“Os Antimodernos: Abraham Kuyper e o modernismo como miragem”, MORAES, 2019).

disputa (Flusser, 2002), porém com os valores da biologia e da filosofia coordenando a narrativa. Seu método visa a coordenar as redes da ciência com as visões da fábula. Não é ficção científica, mas ficção filosófica. A fábula serve ao projeto humano de ciência, não o contrário.

Isto posto, o que analisamos até aqui permitiu reconhecer e articular tais polos na visão fabulatória do *Vampyroteuthis*. Há uma Cila classicista e uma Caribe confessional. Há um intelecto desperto científico e um mergulho onírico romântico. E há, por ora, o desafio de reconhecer os conceitos de fato e imaginação e seus papéis nesses dois extremos.

Para isso, recorreremos a algumas definições, que, como demonstraremos, apresentam duas visões distintas.

#### 3.4.1. A visão do *Vampyroteuthis*: a realidade infernal

O dicionário Michaelis define *fato* como:

Evento de cuja ocorrência se tem conhecimento, ou coisa cuja existência não se põe em dúvida: *Seus temores não têm por base quaisquer fatos. Difícil dizer quanto há nessa história de fato e de ficção. [...] Algo cuja existência é inquestionável; realidade, verdade.* (MICHAELIS, 2019).

Quanto à *imaginação*, consta o verbete:

1 Faculdade mental de representar imagens novas ou anteriormente percebidas. 2 Faculdade mental de conceber e criar imagens novas a partir da combinação de ideias. 3 POR EXT Criação literária ou artística. 4 POR EXT Obra ou ideia fantasiosa que só existe na nossa mente, não na vida real; fantasia, mentira. (MICHAELIS, 2019).

Tais classificações são suficientes para retomarmos alguns aspectos do *Vampyroteuthis* e considerarmos como a filosofia ficcional de Flusser ancora os dois termos. Aqui, podemos lembrar que *Vampyroteuthis Infernalis* é uma fábula informada pela biologia, pois esta é, “no presente estágio do seu desenvolvimento”, a “visão do real, que é a visão do *Vampyroteuthis*” (Flusser, Bec, 2011, p. 132).

Mas a visão do real da biologia tende a se descrever por uma fábula, um conto iniciado com uma ‘célula original’ – era uma vez... – que continha virtualmente

todas as formas possíveis sobre a Terra. Como em um jogo de dados do acaso cego, as virtualidades desse programa inicial têm se realizado em lances descontínuos. As várias espécies se afastam uma das outras, realizando suas próprias virtualidades e amputando-se das virtualidades das demais. Os “monstros” se entredevoram e o fratricídio generalizado é o clímax da evolução. O processo de desorganização e entropia prevê a morte de todos os indivíduos, espécies, filos e classes. Pela catástrofe ou pela tendência geral da natureza rumo à desorganização, a vida humana desaparece. Esta é a visão do real, vampyrotêutica e infernal, da biologia, conforme Flusser.

Antes de prosseguir, precisamos considerar brevemente, em viés semiótico, o quadro referencial que nos é dado no texto. Preliminarmente, podemos dizer que tal fábula se encontra plenamente acessível para o simulacro metodológico da teoria semiótica padrão. Podemos observar as categorias de sujeito e objeto na célula original e seu programa primevo; os adjuvantes (o poder-fazer) e oponentes (o não poder-fazer) se apresentam e se revestem por discursos figurativos na realização da virtualidade inicial e se desdobram em virtualidades subsequentes. Os seres animados, dotados de um poder-fazer, se enveredam por oposições e dificuldades sangrentas para a realização do sujeito inicial. Adicionaríamos que os desejos existencial e prático se articulam com a oposição mítica do Acaso. A guerra fratricida da realização do sujeito e a desorganização inerentes ao processo antecipam um desfecho. Todas as transformações narrativas na fábula da biologia podem ser descritas pela modificação da relação dos dois polos iniciais. A relação “sujeito [ + adjuvantes x oponentes ] / objeto” culmina em uma disjunção. Uma disforia infernal, pois é a morte da vida inicial e do sentido.

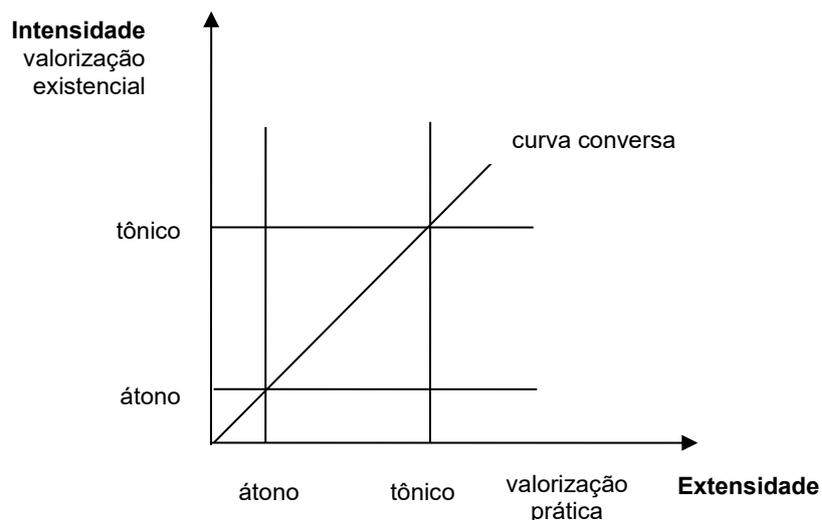
Mas prossigamos, considerando outras leituras subsequentes da fábula. Como dissemos anteriormente, há, na abordagem padrão da semiótica, uma abertura para entrever duas instâncias que estão mediadas pelo sujeito, e completam nosso quadro actancial. O enunciador, que delega funções ao sujeito e o faz pela comunicação com um enunciatário, articula um ponto de vista. Por termos uma visão “infernal” do “real”, consideremos como o enunciador manipula o sujeito e estabelece seu olhar para o enunciatário através das modalizações nos programas narrativos. Posteriormente, aplicaremos o modelo tensivo de Zilberberg (2011).

Greimas estabelece que a semantização durante o percurso narrativo da ação revela valores de dois tipos investidos nos objetos. O *programa narrativo de*

*base* é descritivo e os *programas narrativos de uso* são modais. O *poder-fazer* e o *saber-fazer* virtualizados na “célula original” é objeto modal e “as virtualidades deste programa inicial”, que realizam toda a virtualidade sob a tutela do Acaso, são o objeto descritivo. O objeto do programa de base figurativiza o valor *vida* que pode transformar o estado de *não-vida*, no sentido de realização das virtualidades. A virtualidade inicial figurativiza um *saber-fazer* da célula inicial, sua permanência no processo evolutivo um *poder-fazer*. Portanto, a célula inicial projeta o valor existencial na fábula da biologia; seu programa narrativo de base recebe valorização utilitária.

Se considerarmos os pares de valência tensivos, podemos dizer que a valorização utilitária/prática da vida é da ordem da extensidade, e a valorização existencial na célula inicial (e em todos os micro-universos da fábula) do eixo da intensidade. O aumento da valorização prática (realização de virtualidades) estabelece outras espécies e multiplica a guerra fratricida. O aumento da valorização existencial (realização da própria virtualidade) é realização do sujeito, mas também amputação ou alienação dos demais.

Ao projetarmos a categoria da tonicidade sobre os dois eixos, percebemos que a curva possível do real, para a fábula da biologia é *conversa*, pois o aumento da valorização existencial segue o aumento da valorização prática:



Quadro 3 Valorização existencial e prática da “fábula” da biologia em *Vampyroteuthis Infernalis*.

Poderíamos aqui nos deter em compreender a valorização existencial do real da biologia, segundo Flusser, para envolver alguns procedimentos discursivos. Na investigação, seria viável opor as categorias semânticas desse “real” biológico e de sua valorização considerando a *identidade vs. alteridade*, no quadro das diversas espécies se realizando e se amputando umas das outras; ou no *individualismo vs. coletivismo* da disputa entre virtualidade inicial e as virtualidades do programa; entre *natureza vs. cultura*, do ímpeto evolutivo e a seleção natural; no âmbito da *liberdade vs. opressão* dos monstros em realização e o devorar inter-espécies; no aspecto da *totalidade vs. parcialidade* do projeto biológico e da espécie em realização; no *novo vs. velho* das disputas entre desenvolvimento evolutivo e hereditariedade dos traços genéticos; ou tratando de *vida vs. morte* no aspecto relativo ao “real da biologia” e imaginação.

Uma avaliação inicial parece indicar que a categoria semântica fundamental articula os “fatos” no interior da fábula e relega qualquer outra “imagem do real” para além dela. A visão semiótica confirma a construção da “imagem do real” internamente nos fatos biológicos. Ao considerarmos o estado de morte intercalado pelo estado de vida, temos: morte (tendência à desorganização) => não-morte (objetos inanimados) => vida (primeira célula) => não-vida (fratricídio/catástrofe) => morte (tendência à desorganização). A morte se estabelece antes do reconhecimento do sujeito da disjunção inicial (da primeira célula) e na disforia final (na morte de todos os seres). A imagem do real, que trata da explicação do surgimento da vida, nos remete a uma imagem imaginada, projetada externamente, da morte metaforizada pelo “inferno”. Consideraremos tal aspecto em viés tensivo adiante, mas, antes, uma consideração sobre o termo “imagem” torna-se semioticamente necessária.

Adentramos, invariavelmente, no campo da polissemia da palavra “imagem” para tratar da “visão do real” de Flusser. É preciso reconhecer que é pouco usual a consideração da palavra *imagem* dentro do vocabulário semiótico para tratar, de forma aplicada, de qualquer coisa que não se possa ver. Em geral, o termo se confunde com os domínios do visível ou com a plasticidade da expressão, mas há possibilidades outras no campo dos estudos da linguagem; assim:

Saussure fala de imagem acústica ao referir-se ao significante verbal, e a teoria da literatura fala em construção de belas imagens por meio

da palavra. No caso de Saussure “imagem” diz respeito ao plano de expressão de ordem fonológica... A teoria da literatura, por sua vez, refere-se ao plano de conteúdo, [...] essas belas imagens são conceituais, não são vistas nem ouvidas, mas imaginadas. (PIETROFORTE, 2007, p. 32)

Se não é possível avaliar profundamente esses aspectos, pode-se reconhecer que tal redefinição esclarece sua utilização. Em nosso caso, estamos diante de imagens de conteúdo em domínio semântico. Na fábula da biologia, tais imagens conceituais e imaginadas são manifestações do duplo assomo das valências tensivas, da valorização existencial e utilitária da biologia. E, nesse caso, os “fatos” da visão do real operam como eventos “de cuja ocorrência se tem conhecimento, ou coisa cuja existência não se põe em dúvida”. Eles estabelecem, conseqüentemente, uma visão irrealizável, uma imagem mental aterradora. Nas palavras de Flusser: “Visão vampyroteuthica, infernal, esta” (Flusser, Bec, 2011, p. 132). Em terminologia tensiva, chegamos ao “lugar imaginário onde a intensidade e a extensidade, respectivamente, o sensível e o inteligível, efetuam sua junção” (Zilberberg, 2011, p. 242).

No aspecto da realização lógica, esperada pela fábula, somos levados contrariamente à concessão. A implicação do projeto evolutivo dá lugar à lógica concessiva quando realizada em seu limite, e o andamento das virtualidades e a tonicidade da virtualidade existencial atingem a desmedida, o paroxismo. Rompe-se com o “porque” explicativo. Em linguagem zilberberguiana, o sucesso do pervir que estabelecia a rotina do sujeito realizando suas virtualidades, é interrompido pela “inquietante estranheza” de dois avessos mortais: a disputa sangrenta entre espécies (individualmente alienadas) e a morte pela entropia.

O avanço existencial da célula inicial é marcado pelo imprevisto – enquanto se manifesta –, é realização de uma potencialidade sob o Acaso, que impressiona pelo inusitado e incomum. Seu jogo, porém, de realização pragmática, avança de uma única célula para a complexidade de todos os seres. No ponto da concessão se estabelece o sobrevir, que consideraremos adiante. Mas há uma perda do “chão” existencial e utilitário diante de um contraprograma, um ponto no qual a concessão substitui a simplicidade inicial por uma complexidade inescapável e inexprimível. Não é uma visão beatífica, mas infernal. O paroxismo da sintaxe intensa e extensa estabelece o “aqui” e remove o “alhores”.

Este é o objeto do “real”, que recortamos da conclusão do *Vampyrotheuthis*, concebido no espaço tensivo (Zilberberg, 2011, p. 270). O verbo em português que dá conta de tal descida *ad inferos* na visão vampyrotêutica do real da biologia é o mesmo para explicar o postulado do sobrevir na visada tensiva: “o sobrevir precipita e nos precipita” (Zilberberg, 2011, p. 277). O ponto final da fábula estabelece uma crise fiduciária radical e cumpre a realização repentina daquilo que se considerou irrealizável no projeto da vida: a anulação das competências do sujeito *ex abrupto*. De acordo com Zilberberg, citando V. Brøndal, entendemos que o espanto da visão que sobrevém se estabelece na estrutura da frase exclamativa: as relações positivas (simétrica, transitiva, conexa) introduzem as relações negativas (assimétrica, intransitiva, inconexa) indicando um ponto final da frase e projetando um objeto transcendente, que é justamente a síntese das relações relativas. Tal é a irrupção do indizível, o campo da *interjeição* que Cassirer considera como fundamento da linguagem e primado da consciência mítica (Zilberberg, 2011). O sobrevir pela visão do real da fábula da biologia é o estágio final da narrativa e demarca a manipulação final do sujeito que havia confiado no programa inicial.

Toda a irrupção do sobrevir anteriormente descrita estabelece a função manipulada do sujeito que se precipita (sobrevindo) e revela o funcionamento semiótico da concessão pela dimensão fiduciária. O acontecimento que estabelece a visão do “real” da biologia projeta o sucesso de um contraprograma desastroso para o sujeito. Seria, na visão de Zilberberg, a concessão que permitiria a ultrapassagem da linguagem dentro da própria linguagem, mas não em direção externa de um possível real alcançável pela língua, fazendo com que as palavras possam dizer mais do que jamais disseram (2011, p. 245).

Aqui, podemos recorrer novamente à definição do termo “imaginação” e avançar, pois a concessão nos remete para esse ponto. Os fatos da fábula da biologia, por meio da concessão, evocaram a “faculdade mental de representar imagens” ou “de conceber e criar imagens novas a partir da combinação de ideias”, conforme nossa definição inicial. O percurso figurativo e temático que se constrói, sob o suposto tema da “visão do real”, é na verdade uma “visão infernal”. Para avançar, porém, faremos uma consideração sobre a imaginação a partir de Flusser em outro texto.

Em seu artigo “Mundo Codificado”, Flusser descreve a imaginação a partir dessa ruptura pós-histórica, na qual o mundo ocidental, pela revolução iniciada a

partir da reprodução tipográfica, assume a escrita (ou o texto) como seu modelo de conhecimento da realidade. Foi a vitória da ciência moderna, i.e., a escrita, contra o mundo das imagens primitivas e seus “poderes mágicos”. Entretanto, o surgimento das imagens técnicas a partir das teorias (textos), desencadeou uma nova crise de valores:

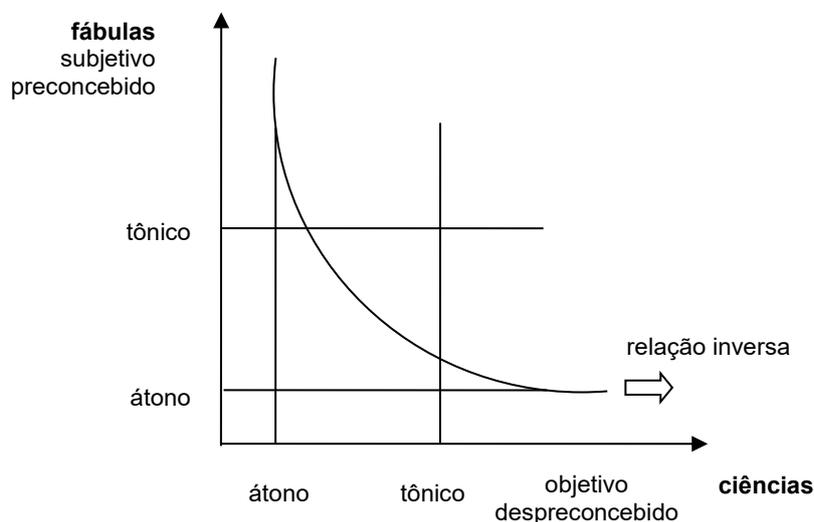
A escrita é um passo de regresso às imagens (*ein Schritt zuruck von Bildern*), pois ela permite que as analisemos. [...] Os códigos eletrônicos são um passo de volta aos textos, pois eles permitem que as imagens sejam compreendidas. [...] Com a volta dos textos para a imagem eletrônica, um novo grau de distanciamento foi alcançado: perdeu-se a “crença nos textos” (nas explicações, nas teorias, nas ideologias), pois eles, assim como as imagens, podem ser reconhecidos como “mediação”. Isto é o que consideramos como “crise dos valores”: o fato de termos retornado do mundo linear das explicações para o mundo *tecno-imaginário* dos “modelos”. (FLUSSER, 2007, 136).

A partir desse ponto, podemos perceber que a fábula da biologia que finaliza o livro, tem por objetivo, conforme as páginas antecedentes, articular novamente o lado intelectual e emotivo no homem, o “superficial” do intelecto disperso e o “profundo” da emotividade, para que o Vampyroteuthis seja reconhecido tanto no núcleo emotivo quanto no lado intelectual do homem, para que possa emergir sem que exploda e o homem possa assumi-lo sem ser achatado. O grande problema é que toda as expedições científicas se despojam da carga emocional dos sonhos, desejos e receios da existência humana. O espírito científico arroga para si uma visão de real que se declara, ou se supõe, *despreconcebida* e *objetiva* (Flusser, Bec, 2011, p. 130).

Esse espírito, como já se apontou alhures, ao final, elabora métodos avançados de pesquisa, ou redes de pesca, que não conseguem pescar o antípoda vivo e palpitante, nem os fenômenos pescados, mas um cadáver despojado de qualquer comoção ou enriquecimento humano, porque “o espírito que o pescou se fechou a ele, antes de tê-lo pescado. O que nos contam tais relatos são contos que mais revelam a rede de pesca que o fenômeno pescado. São contos antifabulosos” (FLUSSER, BEC, 2011, p. 131).

Ao prosseguir seu raciocínio, Flusser assevera que o papel das “ciências fictícias” é superar a objetividade científica em favor de um conhecimento concretamente humano. Não é o caso de escrever ficções científicas, ou de produzir fábulas secretadas por pesadelos e sonhos, pois as redes da ciência são os únicos órgãos acessíveis a nós para a excursão nas profundezas. Por isso, quando se trata do *Vampyroteuthis*, é necessário pescá-lo de maneira fabulosa. Mas, aqui, um pequeno desvio: se anteriormente Flusser defende a pesca do “antípoda vivo e palpante”, agora ele reconhece que mesmo pensando de maneira fabulosa, a investida será “informada pelas ciências que matam o *Vampyroteuthis* e preparam seu cadáver para poder seccioná-lo e pesquisá-lo” (Flusser, Bec, 2011, p.130-131). Esta é uma declaração anterior à fábula que será contada, a da biologia, que é a visão do real. A fábula ilustra e articula os dois polos do conhecimento humano em tensão.

Em visada tensiva, poderíamos dizer que a visão do real da biologia é uma curva inversa. Considerando agora que a extensidade estabelece o eixo do conhecimento científico, o estatuto das coisas, e que as fábulas e sonhos lidam com os estados de alma, teríamos:



Quadro 4 A visão do “real” da biologia.

O que reconhecemos na leitura de Flusser, sobre o avanço das redes de pesca da ciência, está de acordo com suas teorias da crise dos modelos de apreensão da realidade. Esta é a crise dos valores que nos colocou no mundo das leituras de mundo das *tecno-imagens*. Em linguagem da fábula de Flusser, é o

emergir do *Vampyroteuthis* em forma de “morte de Deus” nos textos da teologia; no pensamento programado da cibernética; no cálculo proposicional da análise lógica, no romantismo assassino do tipo “nazismo” da psicossociologia. E aqui, considerando o último exemplo, reconhecemos que a curva inversa prevê que o fluxo fórico tenha, na extremidade oposta do eixo intensivo, fábulas como contraponto das ciências. Ou, em linguagem anteriormente usada, o eixo Caribe, confessional e romântico.

No capítulo antecedente, ao tratar da arte do *Vampyroteuthis* enquanto artifício, Flusser assinalava que a programação não é necessariamente feita por aparelhos, mas os organismos podem funcionar como aparelhos. É o caso da arte total do *Vampyroteuthis*. Se a arte humana visa a (in)formar um objeto, a vampyroteuthica visa a (in)formar o outro; ele transpassa objetos, articula o inefável, violenta o outro para que seja informado. É escritor e escultor, não contra o mármore e a pedra, mas contra o outro e se realiza na violação do outro. Surgem suas novas vivências e reside nisto seu interesse e fascínio. A intersubjetividade e o *feedback* emissor/receptor em diálogo é a essência da arte do *Vampyroteuthis* (Flusser, Bec, 2011, p. 114). Flusser também descreve o gesto da arte do molusco em sua luminescência corpórea, por meio de seus chromaphorios, ao atrair para cópula e ao modelar a nuvem de sépia que molda para transmitir informação em situações perigosas.

Em resumo, esse processo criativo visa à perpetuação da informação genética pela reprodução; e a reprodução de si mesmo, na nuvem de sépia, visando ao engano deliberado, ao artifício e à artimanha. Seu processo criativo, então, lida, em um primeiro momento, com novos modelos de sensação, conhecimento e valor, que alteram sua cor de pele e atraem para a cópula, articulando e transmitindo-os aos outros; em outra instância, ao modelar sua nuvem, outros são atraídos pela sedução e mentira e absorvem as informações do *Vampyroteuthis*. A meta é informar e alterar o outro, impor-lhe informação. Sua imortalidade é obtida pela violência sobre o outro, sua ciência e política são indistinguíveis. São arapucas e estratégias de sua arte, uma arte total que visa à modelação epistêmica, estética e ética do outro. Ou seja:

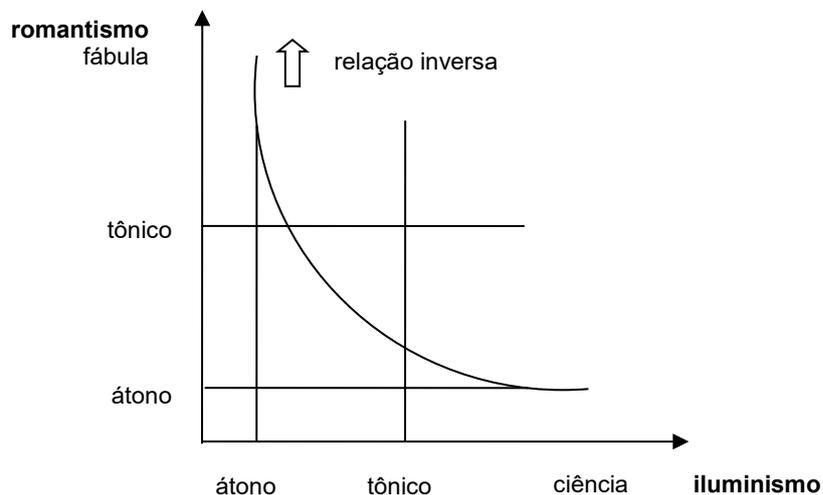
A arte vampyroteuthica é total e totalitarista, porque sua matéria prima não são objetos, mas a sociedade. O motivo da criatividade

vampyrotêuthica, da sua busca por imortalidade, é o ódio do outro. Por isso, “arte” é sinônimo de “engano”. (Flusser, Bec, 2011, p. 117).

Toda essa digressão foi necessária para compreender o risco que Flusser descreve ao trocarmos a ciência pela fábula, o intelecto disperso pelo mergulho onírico e vertiginoso. E, para concluir, em terminologia flusseriana ao descrever a arte total do Vampyroteuthis e sua programação de informações integradas, pode-se afirmar: “Que evitemos todo romantismo. Porque o Vampyroteuthis ilustra a essência do romantismo: o inferno” (FLUSSER, BEC, 2011,, p. 124).

O que articulamos nos parágrafos anteriores, por meio do texto de Flusser, serve para reafirmar que, optando-se por um dos lados entre Cila clasicista e Caribde confessional, encontramos uma resolução disfórica, em termos semióticos, e assombrosa e infernal, no que marca a isotopia do enunciado. Seja na extensidade da ciência e da biologia, pretensamente objetivas, ou no romantismo em estado puro em sua intensidade subjetal ou intersubjetiva, prevalece a disforia.

Em termos visuais, organizando os pares de valência em relação inversa novamente, apenas equacionamos, de acordo com a obra, o projeto da ciência no espectro do Iluminismo:



Quadro 5 A visão “infernal” do romantismo.

A proposta da obra, como se vê, é estabelecer uma condição inescapável, de modo que esbarramos no Vampyroteuthis em todas as incursões humanas: no

extremo da ciência biológica, no romantismo fabular, sejam quais forem as opções assumidas.

Aqui, podemos retornar a expressão “mundo tecno-imaginário dos ‘modelos’”, de Flusser, em “Mundo Codificado”, para considerar como se dá essa consternação “infernai” nos conceitos de fato e imaginação dentro dessas duas opções. Ou, formulando a questão de outra forma, como é possível articulá-los e reconhecê-los mesmo optando por um ou por outro.

Ao retomar a arte total do *Vampyroteuthis*, Flusser faz uma afirmação que nos dá um caminho para identificar o que seriam as “tecno-imagens”. Articulando os eixos de *fato* e *imaginação* agora com a dimensão intensa dos estados de alma, e a extensa dos estados de coisas, podemos perceber que o binarismo com o qual Flusser luta é o da dualidade cartesiana. Este é o dilema da pós-história. O presente momento se dá entre dois polos: o do “racionalismo sombrio (logicismo, informática, cibernética)” e o do “irracionalismo mágico e fanático (*mass media*, ideologias fantasiosas)” (Flusser, 2011, p. 19). O que nos arranca de nosso chão, na linguagem do filósofo, é uma crise epistêmica dos modelos que se estabeleceram, mas deles dependemos até mesmo para tentar construir outros. Flusser nos indica, tanto por seu *Vampyroteuthis* quanto por seu Pós-história, o reconhecimento dessa projeção inescapável, sejam os modelos subjetivantes, de fé, do romantismo ou das fábulas; ou aqueles dos saberes pretensamente objetivos, das ciências e da biologia.

Como exemplo de caso dessa projeção mútua, temos que a imortalidade almejada pelo *Vampyroteuthis*, em sua natureza romântica, está sendo emulada no contexto da cultura humana da informática (Flusser, 2011, p. 120-121). O mesmo “romantismo” que alimenta a programação da informação quanto à perpetuação da informação no molusco, projeta-se sobre o eixo extensivo e torna-se um “racionalismo sombrio” no âmbito da informática e cibernética da cultura humana, ou vampyrotêutica. Mais especificamente, por mais que se avance sobre o eixo racional, quando se trata do avanço da tecnologia da informação, um desenvolvimento racionalista, ele se torna “sombrio” quando está a serviço de um controle intersubjetivo do tipo romântico. Em linguagem vampyrotêutica, todas as expedições humanas, por um lado ou por outro, acabam sendo refletidas – espelhos contrapostos – e encontram-se com o *Vampyroteuthis*.

Por mais que o discurso científico se dirija para um polo em específico, ele terá projeções do outro. Em sentido semiótico, a triagem absoluta, bem como o

conhecimento puro são impossíveis na visão de Flusser. Tal jogo, de espelhos contrapostos, é o único modo de fugir dos “modelos” *tecno-imaginários*. E os espelhos denunciam a projeção de um eixo sobre outro quando o discurso se move do nível da excursão “puramente” científica para aquilo que Flusser considera o nível desejável de um “conhecimento concretamente humano” (Flusser, Bec, 2011, p. 131). A simetria dos espelhos contrapostos é a manifestação do estar-no-mundo, um vaivém de contraposições refletidas tipicamente humana, que mostra a presença do *Vampyroteuthis*. Essa revelação nos permite constatar que “uma vez encontrado o *Vampyroteuthis*, este seja reconhecido não apenas como núcleo do lado emotivo no homem, mas igualmente como sustentáculo do lado intelectual do homem” (Flusser, Bec, 2011, p. 131).

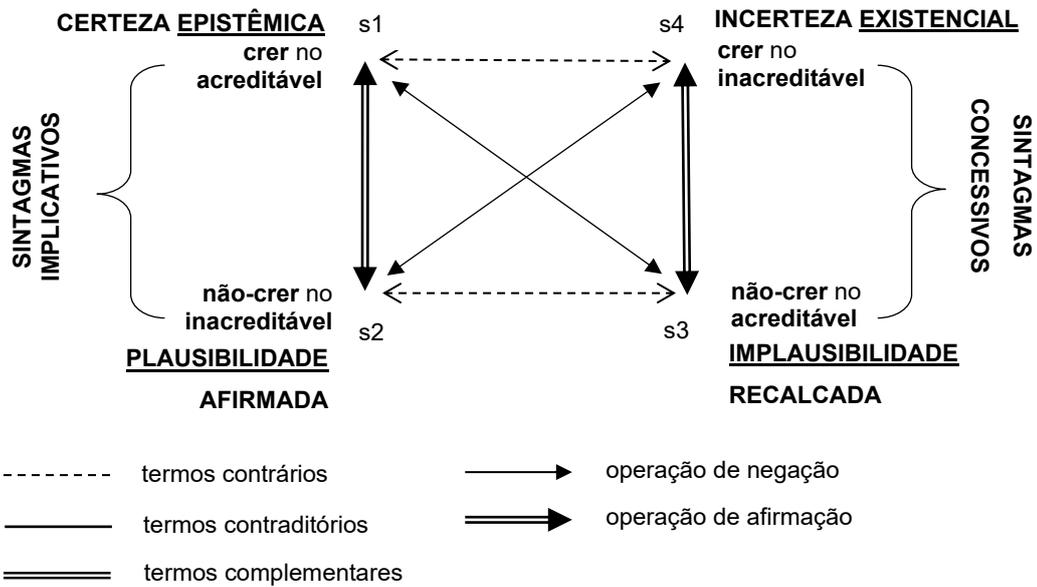
Quando o conhecimento humano não ocorre, o *Vampyroteuthis* fica recalçado na profundidade, até que eventualmente apareça e exploda. Tal constatação espelhada e de projeção dos eixos, em que se constroem as visões, se revela bem articulada como tema profundo do texto. O que nos interessa para este momento é a compreensão de “como” tais modelos estabelecem alguma visão de mundo e mobilizam o imaginário. Se considerarmos que a “visão do real” está articulada e reflete uma visão infernal, temos um desafio semiótico de reconhecer como a significação se constrói para formar esse “real” polissêmico.

Para contrapor o sobrevir que é sinalizado pelo encerramento das fábulas do real, estabeleceremos o modo de eficiência do pervir, “uma das maneiras pelas quais uma grandeza tem acesso ao campo de presença e pode aí se estabelecer” (Zilberberg, 2011, p. 271). Retomando nosso quadro inicial da análise, reconheceremos que as duas visões estão articuladas sobre um programa de uso e um programa de base. Portanto, a valorização existencial é utópica e revela o programa de base, já a valorização utilitária é prática e revela o programa de uso nas duas visões. Em outros termos, a visão biológica explica e organiza o programa de uso, em termos práticos, do avanço da narrativa fabular, partindo da primeira célula para todas as espécies, articulando a “visão do real”. O programa de base, o desejo de realização existencial, quando levado à sua consumação utópica, revela uma “visão infernal”:

	<b>definidos</b>	<b>a visão do “real”</b>	<b>a visão “infernal”</b>
<b>definidores</b>		<b>biológico</b>	<b>vampyroteútica</b>

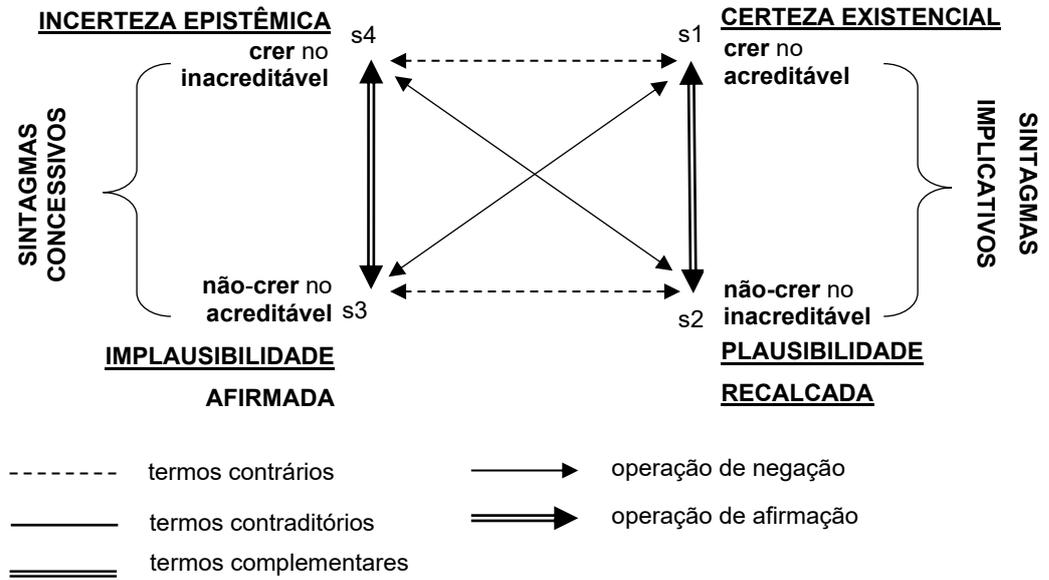
<b>modo de eficiência</b>	Pervir da explicação	Sobrevir da consumação
<b>número</b>	Recorrência das virtualidades do programa (progressivo)	Prevalcimento do contraprograma (imediate)
<b>fidúcia</b>	Certeza epistêmica	Incerteza Existencial
<b>atração</b>	Plausibilidade afirmada	Implausibilidade recalçada

O que podemos observar, especialmente nos definidores da fidúcia e da atração, é um modo de operação pelo qual o Vampyrotheuthis se encontra com a incursão da biologia: o desejo, operado pela atração, esconde (por implicação) e revela (pela concessão) uma implausibilidade recalçada; a crença se movendo do campo da certeza científica (da implicação) para o da incerteza existencial (da concessão) contesta o modelo. O que se observa é que, ao contar a fábula do real da biologia, Flusser nos conduz a uma passagem, uma operação de negação. Articulando os dados no quadrado semiótico, encontramos:



Quadro 5. A visão infernal da certeza epistêmica da biologia

Se estendermos o mesmo modelo, com os devidos ajustes, obtemos a visão infernal do romantismo. Nesse caso, a imagem modelo projetada do real se inicia pelo estabelecimento de uma experiência inefável a ser articulada: uma certeza existencial. Articularemos os termos de maneira espelhada, conforme a fábula:



Quadro 6. A visão infernal da certeza existencial romântica

A visão do *Vampyroteuthis* se ancora em uma crise fiduciária, na qual sujeito e objeto não se mostram confiáveis, pois suas realizações se firmam no campo diametralmente oposto, das negações dos sobrecontrários (s1 vs. s4).

Retomando o que temos articulado até aqui, podemos concluir que os dois lados que articulam a visão do real projetam dois valores sobre a sua fábula: um projeto existencial, de existência utópica da primeira célula. Tal estrutura básica ocupa o papel de um programa narrativo de base em todo o *Vampyroteuthis*. O alvo de toda existência utópica é a vida, mas o processo pragmático da visão da ciência está articulado sobre uma valorização prática e utilitária, que é a realização das virtualidades do programa evolutivo estabelecido entre inexistência inicial e inexistência final, a morte pela oposição interna interespecie e pela tendência natural do retorno à entropia.

A grande crise esboçada por Flusser, como conclusão de sua obra, indica que todos os *programas narrativos de uso*, e todas as modalizações do *programa narrativo de base*, estabelecem que essa visão do “real” é uma visão “infernal”. Isto porque a sua realização pragmática é perfeitamente crível, mas sua realização existencial é inacreditável. Este é o ponto em que consideramos a abordagem tensiva, para compreender como tal significação díspar se constrói, em que o “irreal” para além da biologia exige um outro modelo, ou uma outra fábula. Desse modo, percebemos que os “fatos” incontestáveis, que organizam a apresentação do

Vampyroteuthis ao longo de toda a narrativa, estavam ancorados nesse programa narrativo anterior.

A imaginação, a irrealidade existencial da fábula vampyrotêutica, nos projeta para o *modo de eficiência* do sobrevir da semiótica tensiva, que nos impõe uma crise fiduciária. Tal crise é identificada quando observamos o modo de eficiência do pervir, com o qual identificamos o projeto estável e do campo da extensidade, almejado pela ciência. Percebemos que o que Flusser, enquanto enunciador, faz é espelhar a visão existencial por meio de uma “fábula da biologia” e produzir uma imagem altamente complexa, que se precipita sobre o enunciatário. E, a partir desse ponto, reconhecemos que um dos eixos principais de articulação desse espelhamento envolve tal crise *fiduciária*.

Convertendo nossos termos, para uma leitura mais próxima da terminologia adequada no campo da ciência e filosofia, percebemos que /certeza epistêmica/ vs. /incerteza existencial/ contempla os polos contrários dessa crise de crença na *doxa*. A projeção permitiu articular nos subcontrários a /plausibilidade afirmada/ vs. /plausibilidade recalçada/ que são os dois contrários dos definidores de atração opostos na definição de pervir e sobrevir. O efeito dessa composição é a permanência do modelo do quadrado de aposição inicial, mas também a articulação da visada tensiva nos eixos subcontrários. A experimentação desse modelo permite que, observando o fluxo fórico, constatemos que a construção das ciências não se dá apenas nos termos neutros {s2,s3} (como se supõe, e nega o próprio Flusser), mas envolve uma imagem totalizante que articula, invariavelmente, segundo a fábula vampyroteuthica, uma relação complexa entre crença epistêmica e crença existencial no âmbito dos sobrecontrários {s1,s4}. A formulação desse modelo permite articular a noção da fábula biológica na visão “romântica”, construída no capítulo anterior, para reconhecer o processo de espelhamento do *Vampyroteuthis* em todas as incursões do conhecimento humano.

No caso do modelo romântico, percebe-se que a /certeza existencial/ se torna o paradigma oposto e sobrecontrário da /incerteza epistêmica/ {s1,s4}. A construção de um modelo se consolida por meio dos subcontrários da /plausibilidade recalçada/ vs. /implausibilidade afirmada/ {s2,s3}. No caso da visão romântica infernal, o *Vampyroteuthis* tem uma nova sensação, conhecimento e valor – nesse caso, existencialmente crível {s1}, sua meta final é a perpetuação (imortalidade) do modelo e seu método é a atração do outro pela mudança de pele (para a cópula) ou

uso da nuvem de sépia (para o engano); em todos os casos, ele projeta sua imagem sobre o outro.

O que observamos como a /plausibilidade recalçada/ {s2} é sua negação do outro, ou repulsa pelo outro; e sua /implausibilidade afirmada/ é a projeção sobre o outro {s3} – características alusivas ao romantismo, conforme o texto. O resultado final desse programa de conhecimento, ancorado em polo confessional, é a /incerteza epistêmica/ {s4}, apresentada na obra como perpetuação “intersubjetiva”, atravessando o outro, negando-o para a imortalização das informações ou modelos de sensação projetados pelo *Vampyroteuthis*.

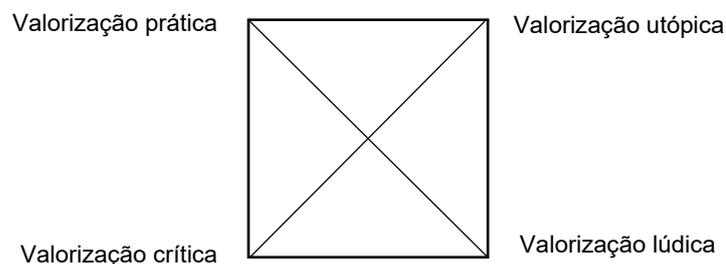
Quando consideramos que tal imagem romântica é tomada por Flusser para tratar de uma programação integrada em organismos, não em aparelhos, na era computacional da “perpetuação de informações”, há uma ampliação do significado dos termos “tecno-imaginários” (dos modelos explicativos) e “racionalismo sombrio” (da informática e cibernética). Ambos foram incorporados nesta pesquisa pela inserção dos escritos teóricos de Flusser, mas nos ajudam nesse ponto. O que percebemos é que o “tecno-imaginário” resume o processo aqui descrito, e o “realismo sombrio”, o resultado prático.

Se considerarmos que as “visões de mundo” são estabelecidas por meio do processamento das imagens conceituais, percebemos uma composição constante e mútua influência. Em termos tensivos, a história, se extensiva, articula uma mistura que pode ilustrar, nesse caso, a dupla projeção de Cila e Caribde nos discursos, modelos e processo humanos. Apesar de o racionalismo ser muito mais facilmente articulável com o projeto da informática e cibernética, por seu caráter lógico-sistêmico, a predicação “sombrio” é uma expressão desse caráter romântico. Mesmo sem vê-lo, em alguma medida, Flusser, em sua fábula, expeliu o *Vampyroteuthis* dos algoritmos de controle social que perpetuam informações “atravessando” o outro.

A suspeita comum, experimentada em algum grau, é que as palavras faladas próximas de um *smartphone* (ou *gadget* já na expressão de Flusser) são captadas, projetadas pela computação e retornam em forma de conteúdo sugerido nos próximos acessos. O modo “sombrio” como isso se processou, ilustra o fato de que não há neutralidade ou triagem epistêmica absoluta. Os modelos computacionais e os modelos românticos de negação do outro se articulam nesse “racionalismo sombrio”. A mesma análise poderia ser feita quanto ao “irracionalismo fanático” da *mass media* e das *ideologias fantasiosas*, mas, para o presente

momento, temos uma estrutura que nos ajuda a entender como os conceitos de “fato” e “imaginação” se articulam na fábula.

O desafio premente é prosseguimos em direção ao processo de figurativização que é articulado dentro do programa narrativo de uso, esquematizado no quadrado semiótico, utilizando a tipologia de valorização de Floch (Pietroforte, 2015, p.32-33). Aqui o fazemos de forma completa, em termos contrários e subcontrários:

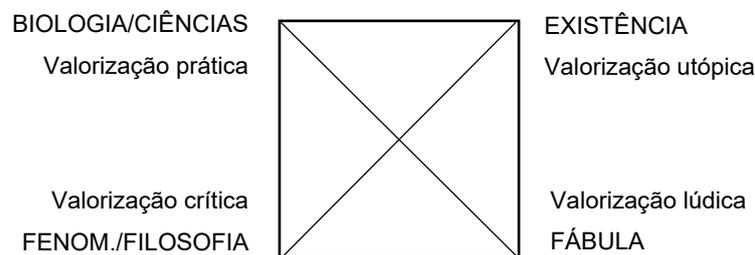


Quadro 7. Os tipos de valorização do “real” no quadrado semiótico

Nossa investigação visa a reconhecer o modo pelo qual a valorização do “real” dos modelos vampyroteuthicos se revela em objetos modais, apontando os diferentes mecanismos sintáticos que produzem figurativizações desses valores. Entendemos que, no caso de *Vampyroteuthis Infernalis*, diversos temas são figurativizados através de metáforas e expressões polissêmicas. Entretanto, o que nos interessa é reconhecer como um ponto de vista é estabelecido e articula certo desvio, produzindo analogias e conotações relacionadas a outros tipos de discurso.

No caso do *Vampyroteuthis*, podemos observar que a incidência de tipologia de valorização estaria de acordo com dois tipos de discursos contraditórios da *biologia* e da *fábula*, de forma inicial. No primeiro caso, está a recorrência central, eixo principal das isotopias que se apresentam entre a figura submarina descrita e uma taxonomia biológica: “gênero octopodal”, “espécies”, “classificação taxonômica”, “classe”, “subclasse”, “filo”, “Mollusca”, “Eucoleumata” para ficar nos exemplos *ad hoc* (Flusser, Bec, 2011, p.13-15). Tal tipo de discurso científico/biológico de classificação e descritivo é de eminência prática. No segundo caso, a fábula é evocada no último parágrafo do primeiro capítulo, ao tratar da perspectiva do romance ser escrita “do ponto de vista molusco”, e nos remete ao seu aspecto lúdico (Flusser, Bec, 2011, p. 19).

Quanto aos demais termos contraditórios, da valorização crítica e utópica, vemos que o ponto de vista crítico pode ser associado com as reflexões tanto da fenomenologia quanto de outros campos de saber que são arrolados na narrativa de Flusser: por exemplo, “estar-no-mundo”, “dialética”, “reflexão não-transcendente”, “ser-conosco (*Mitsein*)”; todos já estabelecidos ao longo do primeiro capítulo. A valorização utópica aparece relacionada especialmente com os termos “destino”, “estrutura existencial”, “caminho”, “realizar-se”. Portanto, ajustando nossos termos ao quadrado de valorização, teremos:



Quadro 8. Os tipos de valorização e seu campo epistêmico de discurso

Ao observarmos a construção da narrativa, vemos que uma criatura abissal é figurativizada pelo seu valor do ponto de vista biológico. Nosso enunciador a descreve como criatura biológica a ser classificada e reconhecida como espécime distante do homem. O discurso, porém, assume todas as valorizações da tipologia descrita e se estabelece como articulado de um ponto de vista fabulatório. Se considerarmos a definição de fábula do dicionário Michaelis, temos:

- 1 LIT Pequena narrativa em prosa ou em verso em que se aproveita a ficção alegórica para sugerir uma verdade ou reflexão de ordem moral, com intervenção de pessoas, animais e até entidades inanimadas: “As cigarras cantavam nas árvores e as formigas trabalhavam na terra, bem como na fábula do grande La Fontaine” (EV).
- 2 Narração imaginária, ficção artificiosa.
- 3 LIT Narrativa ou conjunto de narrativas de ideação mitológica; mito.
- 4 Enredo ou urdidura de qualquer obra de ficção.
- 5 O que é objeto de mofa, de zombaria: Suas vitórias esportivas da juventude são a fábula do momento no clube.

6 Fato contrário à verdade; invencionice, mentira: “Chegou ao extremo de aclamar-se imperador [...]; imaginou para isso uma revolução [...]. Cá fora, porém, todas as suas proezas eram fábulas” (MA6) (MICHAELIS, 2019).

Do ponto de vista da definição, sendo tão ampla, poderíamos desclassificar nossas qualificações quanto à tipologia da valorização. Uma vez que a fábula pode ser eminentemente prática (lição de moral), considerar aspectos críticos com certa validade (sugerir uma verdade) e promover certa finalidade existencial, como os bestiários da Idade Média; nossa definição não pode ser tão ampla. Aqui estamos reconhecendo a fábula de Flusser como enredo e trama de ficção, narração imaginária e ficção artificiosa. Por isso, é corretamente possível equacioná-la como contraditória e negação da valorização prática.

O que nos interessa, para nossa compreensão neste momento, é reconhecer que todo o processo imaginativo de Flusser é estabelecido a partir de um ponto de vista ficcional. Não se trata aqui de avaliar a veridicção quanto ao uso das terminologias e expressões, mas perceber uma clara articulação de pontos de vista que são dispares. A fábula que se apresenta tem um propósito de recobrir de valores uma figura, instanciada do mundo natural, mas representada sob diversos enfoques valorativos. Tal constatação não é nova para esse estágio de consideração, mas revela que a crise fiduciária e de valores, conforme dada no texto, é uma crise de pontos de vista, ou de visões de mundo que “sustentam” os fatos dentro do discurso que se constrói a partir delas.

A fábula de Flusser contrapõe a visão factual de uma epistemologia altamente desenvolvida na ciência com certa recorrência ao termo “infernial” do desespero existencial. Não há *poder-fazer* ou *saber-fazer* que possam superar o encerramento da fábula da visão do real da biologia. Seu uso do termo projeta o nome da criatura em declinação latina, mas o uso narrativo nos coloca diante de uma conotação religiosa.

O *Vampyroteuthis* figurativiza a visão de Flusser ao tratar do *barroquismo* de nossa era presente, pós-Auschwitz. É a representação de uma crise de fé. Em seu “Pós-história”, o capítulo terceiro apresenta o “Nosso céu” e discute profundamente a mudança da experiência religiosa operada em nossos dias (Flusser, 2011, p. 29-36). É um conflito, segundo Flusser, da relação entre *fé* religiosa e *saber* científico. A

expressão mais pertinente dessa crise de fé envolve os dois definidores levantados aqui: a *fidúcia* e a *atração*. Ou, como reformulados, a */certeza epistêmica/* vs. */incerteza existencial/* e as *plausibilidades* ou *implausibilidades* que as afirmam nas *valências subcontrárias*. Do ponto de vista dessa crise, Flusser nos considera *contrarreformistas*, lutando por uma fé perdida na ciência, na religião e no próprio homem:

Somos “católicos” no sentido de existir atualmente consenso comum (kat holos), consciente ou inconsciente, quanto a posição ontológica do homem. É ele ente sem fundamento, e ente objetivável. Em tal consenso se abriga determinada religiosidade negativa, o espelho da religiosidade do Ocidente. (FLUSSER, 2011, p. 36).

Flusser se coloca como herdeiro da tradição Iluminista ao questionar a natureza religiosa de nossa era. Os primeiros “pais” eram “ingenuamente ateus”, nós somos “novamente profundamente religiosos, embora o sejamos perversamente” (Idem, Ibid.). O que percebemos é que a sua leitura filosófica se projeta na fábula como luta religiosa espelhada, ou, mais especificamente, como cosmovisão religiosa negativa do Ocidente. Há uma crise que procura “preservar a confiança no saber científico por atitude religiosa” (idem, p. 34). Nesse particular, tanto o nosso desespero quanto ao homem, como nossa confiança nele, “está matando Deus, isto é: todas as formas de confiança” (idem, p. 35). Em resumo, vai-se do “Sub Species Aeternitatis” para o “Sub Species Vacuitatis”.

Assim, pode-se reconhecer que toda a relação de Flusser com o conceito de fato e imaginação está articulada e implicada no conceito de “visão de mundo” ou de religiosidade. A visão do real, e a imagem imaginada semioticamente, ou os modelos tecno-imaginários de Flusser convergem nessa natureza da uma religiosidade negativa e espelhada, em crise de *fidúcia*, *atração* e *valores*. Para a continuidade de nossa análise, precisamos avançar brevemente sobre a visão esboçada pelo uso da tipologia bíblica no período vitoriano antes das conclusões. Ela é, como nosso contraponto, a visão celestial, estabelecida no período vitoriano por seu uso secular e religioso na “Visão de Pisga”, ou a visão de Moisés sobre o Monte Nebo (Dt 3:27; 34:1-3), conforme descreve G. Landow (1980).

### 3.4.2. A visão de Pisga: a realidade celestial

Então subiu Moisés das campinas de Moabe ao monte Nebo, ao cume de Pisga, que está em frente a Jericó e o SENHOR mostrou-lhe toda a terra desde Gileade até Dã; E todo Naftali, e a terra de Efraim, e Manassés e toda a terra de Judá, até ao mar ocidental; E o sul, e a campina do vale de Jericó, a cidade das palmeiras, até Zoar. E disse-lhe o Senhor: Esta é a terra que jurei a Abraão, Isaque, e Jacó, dizendo: À tua descendência a darei; eu te faço vê-la com os teus olhos, porém lá não passarás. (BÍBLIA, Deuteronômio 34,1-4).

A visão da Terra Prometida por Moisés, conforme nos faz ver Landow (1980), é complexa e está situada em um quadro de punição e recompensa, sucesso e falha, carregado de muitas ironias em potencial. Sua leitura dentro do contexto vitoriano se aplicou de diversas formas, abrangendo o contexto religioso, pessoal, político em virtude de sua estrutura complexa e possibilidade de adaptação do uso original. Em geral, observamos com ele:

A visão de Pisga é um ajuntamento, uma confrontação, do humano e divino, do temporal e do eterno, que ocorre imediatamente antes da morte do profeta que deu sua vida para servir a Deus e seu povo escolhido. Portanto, permanece simultaneamente como a culminação, recompensa e punição pelos atos daquela vida. (LANDOW, 1980, p. 205, tradução nossa).<sup>15</sup>

A explicação bíblica para tal confrontação se encontra em Deuteronômio 32:51-52, quando Moisés é advertido:

Porquanto transgredistes contra mim no meio dos filhos de Israel, às águas de Meribá de Cades, no deserto de Zim; pois não me santificastes no meio dos filhos de Israel. Pelo que verás a terra diante de ti, porém não entrarás nela, na terra que darei aos filhos de Israel. (BÍBLIA, Deuteronômio 32:51,52).

---

<sup>15</sup> "The Pisgah sight is a coming together, a confrontation, of the human and the divine, the temporal and the eternal, that occurs immediately before the death of the prophet who had given his life to serving God and His chosen people. Therefore it stands simultaneously as the culmination, reward, as punishment for the acts of that life."

O contexto do episódio em Cades envolve a irritação de Moisés com o povo de Israel, estando descrito no livro de Números, capítulo 20, e implicando uma recorrência das situações de murmuração traçados ao longo de todo o livro. Depois da libertação do Egito, a caminhada pelo deserto envolvia dificuldades a serem vencidas pela dependência da condução divina. Sinais miraculosos, batalhas contra inimigos, peregrinação e escassez eram o plano de fundo. Na ausência de água na terra de Cades, a assembleia se apresenta a Moisés e Arão e acusa-os de os terem levado àquele lugar para que eles e seus rebanhos morressem. A resposta do Senhor para Moisés, diante de sua oração junto de Arão, acarreta comparecer diante da comunidade. A ordem era: “fale àquela rocha, e ela verterá água. Vocês tirarão água da rocha para a comunidade e os rebanhos beberem” (Bíblia, Números 20, 8). Moisés ergue o braço e bate, ou “fere”, duas vezes sobre a rocha; então, dela jorra água. A reprimenda imediata do Senhor vem em forma de uma sentença: eles, Moisés e Arão, não conduziram mais o povo à entrada na Terra Prometida.

Conforme Landow (1980), tanto rabinos quanto os exegetas cristãos afirmam que a aparentemente dura punição de Deus enfatiza que não importa quão poderoso e abençoado seja um homem, ele nunca estará acima da lei de Deus. No decorrer do cristianismo, a leitura exegética passou a reconhecer um paralelo entre a rocha sendo golpeada e Cristo. Tal leitura é reforçada pelo escrito do apóstolo Paulo, ao abrigar uma possível alusão ao episódio de Meribá, já no Novo Testamento:

Portanto, irmãos, não quero que ignoreis que nossos antepassados estiveram todos debaixo da nuvem e todos passaram pelo mar. Em Moisés, todos eles foram batizados na nuvem e no mar. Todos comeram do mesmo alimento espiritual, e todos beberam da mesma bebida espiritual, *porque tinham a sede saciada pela rocha espiritual que os acompanhava*, e essa *rocha* era Cristo. (BÍBLIA, King James Version, 1 Coríntios 10,1-4, grifo nosso).

A partir dessa relação espiritualizada, algumas referências complexas são desenvolvidas na leitura vitoriana da passagem, as quais passaremos a considerar *en passant*.

A primeira manifestação dessa relação complexa diz respeito a Henry Melvill, pregador anglicano, que via no episódio uma analogia intrincada entre os temas da

lei e da graça. Do mesmo modo como a lei exigia a punição pelos pecados, Cristo foi golpeado em sua crucificação, pagando esse preço. O ato de Moisés, maior representante da lei mosaica, deveria simbolizar a necessidade de ferimento da rocha que era Cristo; com a irritação e ao fazê-lo por duas vezes, Moisés obscureceu a rede complexa de eventos do plano divino de salvação. Para Melvill, o fato de Moisés ter aparecido no monte da transfiguração ao lado de Cristo tem valor para demonstrar que, apesar do episódio, a entrada na Terra Prometida não deveria acontecer em vida para Moisés.

A visão, então, dentro do esquema tipológico desenvolvido pelo pregador anglicano, diz respeito ao modo como os cristãos devem morrer em Deus. Como a visão de Pisga, os olhos, no leito de morte, devem estar sobre Belém, sobre o jardim do Getsemani – local da prisão de Cristo –, sobre o Calvário – monte da crucificação. Não era a visão gloriosa da terra dos cananeus que satisfazia e encorajava o líder que estava morrendo, mas a visão [tipológica, prefigurativa] daquele que haveria de trilhar e santificar essa cena por meio de seu sangue e suas lágrimas [Cristo]. Do mesmo modo, o cristão, em seu leito de morte, deveria colocar seus olhos na visão do paraíso, para ser confortado. Sua visão deve estar sobre a manjedoura, o jardim e a cruz. “Oh, devemos todos... morrer com Moisés em Pisga, para despertarmos com Moisés no paraíso” (Landow, 1980, p. 207)<sup>16</sup>. Diversos hinos compostos no período reforçam tal compreensão tipológica da visão de Pisga.

Movimentamo-nos agora para outro exemplo que demonstra o uso desse esquema tipológico em aplicação secularizada. O romance *Alton Locke* (1950), escrito por Charles Kingsley (1819-1875), apresenta seu herói no momento de morte percebendo que nunca chegaria a pisar nas margens da América. “Sim! Eu vi a terra! [...] o maravilhoso, jovem e livre novo mundo! – uma maravilha e uma alegria – que eu nunca deveria ter visto!” (Landow, 1980, p. 208)<sup>17</sup>. Ele, então, é consolado por ouvir os companheiros emigrantes com alegres vozes, e exclama que todos os trabalhadores poderão “sair do Egito e da casa da servidão, da erma e vociferante

---

<sup>16</sup> “O that we may all... lie down with Moses on Pisgah, to awaken with Moses in paradise.”

<sup>17</sup> “‘Yes! I have seen the land!’ [...] the great young free new world! [...] a wonder and joy – which I shall never see’.”

escravidão do deserto e competição, das casas de trabalho e prisões, para uma boa e larga terra, uma terra que mana leite e mel” (LANDOW, idem, p. 209)<sup>18</sup>.

Tal exclamação é uma referência ao livro de Êxodo, um tipo utilizado por Kingsley em contexto político que provê uma figura de algumas formas análoga à de Moisés. Locke era parte de um povo escravo, adquirira uma consciência privilegiada da sua posição, e, apesar da tentação de permanecer na classe média, ele escolhe, como Moisés, permanecer do lado de seu povo e avançar sua causa. Seu êxodo consiste em promover uma imigração, apesar de não ser um líder: seus escritos vão inspirar outros trabalhadores nessa direção. A morte de Locke, afirmando sua “eterna libertação” e celebrando o bom tempo por vir, é, para Landow, uma percepção clara do quanto o tipo bíblico foi transformado em uma grande abertura para a versão evangélica da “morte feliz”. Com a diferença de que a visão da América por Locke é um antítipo da visão de Moisés de Canaã.

Landow ainda destaca o contexto político dessa aplicação da Tipologia Vitoriana em relação às posições e outros escritos de Kingsley, especialmente de sua relação com o modo pelos quais os trabalhadores eram tratados na Inglaterra. O uso feito em *Alton Locke* sugere uma diversidade de entonações e modos com os quais o tipo poderia ser aplicado, indo muito além da mera substituição de Cristo [enquanto antítipo] por qualquer outra ideia ou noção:

Sete elementos básicos constituem a cena de Pisga e estes podem ser modificados (e são usualmente secularizados) pelas manipulações deles: (1) a presença de Deus para aquele que tem a visão de Pisga; (2) o momento da vida daquele que recebe a visão, quando tal sinal ocorre; (3) a posição física, usualmente do topo da montanha ou lugar elevado, do qual o profeta observa; (4) sua remoção do objeto visualizado, sua separação da terra prometida; (5) seu isolamento de outro povo; (6) o contentamento da visão, a natureza da terra prometida, o tipo de grau de compensação que ela oferece; e (7) a natureza do objeto visto – se, em outras palavras, é

---

<sup>18</sup> “...come out of Egypt and the house of bondage, and the waste and howling wilderness of slavery and competition, workhouses and prisons, into a good land and large, a land flowing with milk and honey.”

um objeto a ser obtido no tempo (no futuro) ou fora dele (na eternidade). (LANDOW, 1980, p. 211, 212, tradução nossa)<sup>19</sup>.

Um último uso da tipologia em direção ou formulação diversa, no período vitoriano, vem do próprio Ruskin e de sua concepção de beleza enquanto teofania. Sua experiência de beleza Alpina [do original “Alpine beauty”] vem mais especificamente de uma estesia, expressada por meio de uma “visão celestial” que ele teve sobre um alto monte. Em uma escura tarde de julho, ele se deitou perto de uma fonte no meio do caminho entre Chamouni e Les Tines, sob um céu “escuro não pela noite, mas pela tempestade. O precipício sobre mim perdeu-se a si mesmo no ar, de minha cabeça cerca de cinquenta pés acima – não em nuvem – mas, em escuridão, atmosfera afixa” (*apud* LANDOW, 1980, p. 216, tradução nossa)<sup>20</sup>.

A experiência completa e sua formulação enquanto teoria estética, para Landow, é uma modificação da Visão de Pisga. O que essencialmente acontece em Ruskin é um colapsar do tipo no antítipo, do terreno sobre o celestial, para convergir no modo pelo qual, de fato, a beleza serve como uma janela para a eternidade. Esse é um exemplo claro do que aconteceu com a tipologia ao longo do século XIX, sendo estendida para uma tipologia de “símbolos naturais”, de uso importante no romantismo do período. Para Ruskin, todo tipo seria estabelecido divinamente; tal relação simbólica nasce naturalmente do fato de que todas as leis do universo encontram eco no Deus que é o sumo bem do universo. Qualquer percepção deleitável de beleza, nesse sentido, será apenas uma reverberação de um aspecto divino.

Considerando a relação entre fato e imaginação nesse modelo interpretativo, faremos apenas algumas considerações a partir do panorama e dos breves exemplos de caso, reportando-nos ao modelo central de nossa análise: a obra *Vampyroteuthis Infernalis* e as relações do binômio ali estabelecidas.

---

<sup>19</sup> “Seven basic elements comprise the Pisgah scene, and it may be modified (and is usually secularized) by manipulating any of these: (1) the presence of God to the one who has the Pisgah sight; (2) the time in the viewer’s life when such a sight occurs; (3) the physical position, usually a mountain top high place, from which the prophet gazes; (4) his removal from the viewed object, his separation from the promised land; (5) his isolation from other people; (6) the content of the vision, the nature of the promised land, and the kind or degree of the compensation they offer; and (7) the nature of the viewed object to human time – whether, in other words, it is something to be attained in time (in future) or outside time (in eternity).”

<sup>20</sup> “...dark not with night, but with storm. The precipice above me lost itself in the air within fifty feet of my head – not in cloud – but in the dark, motionless atmosphere.”

Em primeiro lugar, podemos reconhecer, no modelo do Flusser, a simetria diametralmente oposta do modelo vitoriano. Seu octópode é antipodal, e as relações estabelecidas por ele são de uma religiosidade negativa. No caso vitoriano, os “fatos” (bíblicos, figurais e naturais) são considerados tipos, e se conectam com um antítipo [Cristo ou um substituto secularizado] por uma relação que envolve um exercício de analogia e imaginação. Tal esquema estabelece uma visão positiva da religião dentro do evangelicalismo britânico.

Em segundo lugar, podemos perceber que toda a relação de Flusser com a religiosidade negativa do Ocidente se encontra na relação que estabelecemos entre um programa narrativo de base, descritivo, e um programa narrativo de uso, modalizado em diversos aspectos, especialmente articulando um ponto de vista existencial. Todos os fatos dados no programa narrativo dessa leitura flusseriana revelam, ao fim, uma relação antipodal ancorada no *Vampyroteuthis*. No caso vitoriano, há uma similaridade, ao considerarmos o programa meta-narrativo que articula as potenciais aplicações da Tipologia Vitoriana. Ou seja, há uma estrutura da narrativa cristã, ou polo articulador meta-narrativo, com uma ênfase na pessoa de Jesus Cristo e em sua revelação como o antítipo [cumprimento e elemento unificador] de todos os tipos, que o prefiguram e lhe fazem referência, previamente ou posteriormente. As variações identificadas não violam essa meta-narrativa, mas lhe dão contornos e ênfases diversas.

Também podemos perceber que o assomo é experimentado de maneira diversa pelos sujeitos dentro dessas estruturas de significação. A visão vampyrotêuthica é um sobrevir, dado que o eixo da valorização existencial dos programas de uso, que se revelam dentro de um contraprograma irrealizável pelo programa de base, é precipitação *ad inferos*. A visão da Tipologia Simbólica Vitoriana é o sobrevir de uma epifania, emulado quando a narrativa mais imediata dos fatos ou tipos se articula com a meta-narrativa antitípica; é epifania e realização *ad caelum*.

Por fim, podemos notar que toda essa leitura semiótica e comparativa aponta para um tipo de abordagem semiótica que se articula em *meta-análise* da articulação discursiva, a qual antecede os usos metodológicos das visões de mundo que se entremeiam em todas as abordagens e almejam construir uma imagem articulada e coesa do objeto em análise. Nesse sentido, estamos conscientes que a presente apresentação não é suficiente para esta análise; assim, nas considerações finais,

junto à síntese que visa a articular todo o trabalho, buscaremos articular a validade desse uso.

Com Flusser e com a tipologia vitoriana, percebemos que os “fatos” podem ser articulados dentro de outros quadros de referências semióticos, e podem estar a serviço de outras imagens ou imaginações projetadas sobre eles. O desarranjo existencial x utilitário de programas em conflito parece apenas atualizar a necessidade de avaliação dos modelos explicativos que temos à disposição. Apesar de os estudos sobre o mito estarem circundando e sendo traduzidos para a abordagem, especialmente a tensiva, de alguma forma, o estudo das cosmovisões parece carecer de uma avaliação semiótica mais abrangente, especialmente o modelo que Flusser parece ter obtido de Karl Jaspers, que articula modos cosmovisionais de compreensão totais do mundo com modos de ação (Naugle, 2017). Ou, em terminologia aqui recorrente, programas narrativos de uso e de base, que figurativizam a relação do sujeito com o objeto sob perspectivas diversas, concessivas ou implicativas, existencialmente excitantes, incômodas ou dentro do pervir da nulificação e esgotamento da conversação científica usual.

Se tal constatação não fosse aqui sinalizada, estaríamos traindo a fábula de Flusser, uma vez que o objetivo da obra é a realização de uma ciência concretamente humana, e seu *telos* é tratar do homem e suas investidas sobre o mundo visando a compreendê-lo e transformá-lo, ainda que em desespero e precipitação. Se nos negarmos a projetar o objeto vampyrotêuthico sobre as malhas da rede de pesca semiótica, negaremos seu microcosmo de sentido que é um pequeno simulacro fabular do “mundo de significados” que almejamos compreender. Se o desafio de *Vampyroteuthis Infernalis* não inspirar espanto, é sinal que já estamos lidando com seu cadáver sobre a mesa, apenas preocupados com a articulação de nosso instrumental. É preciso fazê-lo emergir. É o convite da fábula direcionada ao instrumental teórico-metodológico da semiótica e a seus operadores. É o convite de toda a fábula.

***De te fabula narratur.***

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O binômio fato e imaginação é figurativizado no *Vampyroteuthis* pela relação com o homem, na expedição por apanhá-lo nas redes do conhecimento. A fábula é metáfora para duas visões de mundo concorrentes que tentam capturar o *Vampyroteuthis* esbarrando em seus limites, que, na verdade, traduzem os limites da própria língua. Trata-se de um jogo de espelhos, e todos os conceitos são “extrapolações de relações” concretas. A fábula de Flusser tematiza os dilemas do pós-modernismo e do relativismo epistêmico na modernidade, fazendo uso de conceitos da história e de uma fenomenologia própria.

Se considerarmos a produção do sentido de forma imanente na fábula, evocando os desenvolvimentos semióticos, podemos afirmar, com Flusser, que seu *Vampyroteuthis* é pescado como cadáver a ser dissecado no esquematismo padrão e reconhecido como realização da lógica concessiva prevista na visada tensiva. A estrutura supostamente invariante estabelecida pela semiótica *standard*, que se recobre de complexidades e variantes na narrativa, são aparatos da rede semiótica greimasiana que esclarece a oposição dos espelhos de Flusser, mas não o compreendem em sua totalidade. Escapa pela malha padrão a vitalidade de sua figura assombrosa, a própria imagem a ser refletida.

Por outro lado, uma nova articulação tensiva parece nos direcionar a um outro aspecto da investigação, mais aberto para a estesia e para a experiência embaraçosa que é esbarrar no *Vampyroteuthis*. O sofrimento humano é ressaltado, seus dilemas podem ser concebidos concessivamente, seu espanto pode ser codificado. A figura *vampyroteuthica* é, então, apresentada em análise com toda a sua existência sombria e espantosa, o fluxo fórico nos garante a apreensão da intensidade vertiginosa da empreita. Há grande proveito nessa nova incursão. O cadáver de estrutura passa a ser corporificado, mas o *Vampyroteuhis* ainda lhe escapa em algum sentido epistêmico. O postulado da obra é denunciar a natureza ficcional e limitada dos avanços das teias do discurso científico. Embrenham-se pelos dados brutos, nomeiam os fenômenos, articulam pensamentos e precisam avançar, caso contrário se esgotam.

O que observamos em *Vampyroteuthis* é que há sempre um binarismo premente, mesmo ao tentar avançar a discussão teórica, pois as bases epistêmicas

são as mesmas dentro da conversação científica. Note-se, na proposta tensiva, ainda que tentando superar uma “dicotomia estanque” dos termos contrários, não se pode negar totalmente sua existência: se o eixo da intensidade e extensidade se articula de forma fundante para dar conta do fluxo fórico, o esquematismo ainda se funda em um binarismo tímico inescapável. Ainda mais, se: de um lado temos a semiótica padrão, que propõe articular o processo de significação no âmbito narrativo, presumindo um nível discursivo em hierarquia superior, relacionando o actante discursivo e sua dimensão autoral, empenhado em um fazer persuasivo, privilegiando o inteligível; do outro, percebemos a epistemologia tensiva se movendo para a estesia que rege o discurso, portanto, reconhecendo no sensível um antecedente e um pressuposto do inteligível.

Uma constatação semelhante pode ser feita a respeito da relação entre afirmação do sujeito do desejo e sua negação pelos termos contrários na semiótica standard e da relação entre o estado de alma e o estado de coisas na visada tensiva. Não é este o binarismo fundante do pensamento cartesiano? Quando observamos, por exemplo, que a dicotomia entre o mundo do intelecto (ente indubitável que duvida), do mundo das coisas (ente sempre em dúvida), para Flusser, é uma reformulação avançada da cosmovisão judaico-cristã da separação entre corpo e alma que se estabeleceu na linguagem filosófica Ocidental por meio de Descartes, opondo sujeito e objeto, reconhecemos, com ele, que há um dilema teórico latente. Cabe uma investigação posterior, nesse aspecto, dos enquadramentos epistêmicos que fundamentam as duas abordagens semióticas.

Em resumo: de modo análogo, até aqui percebemos que fato e imaginação se articularam, no *Vampyroteuthis*, opondo um realismo biológico e um romantismo confessional. Tal binarismo manifesta uma semelhança muito grande com o jogo de oposições construído dentro do simulacro metodológico da semiótica padrão e tensiva, mas ambas as abordagens também estão enquadradas dentro desse binarismo inescapável que Flusser considera um risco. Se considerarmos o sujeito cartesiano oposto ao mundo, como análogo do sujeito do desejo e disposto entre um estado de alma e um estado de coisas, estamos diante de um jogo de binômios coincidentes. Tal reconhecimento ainda se torna premente quando observamos que o jogo de espelhos laterais, entre os dois lados do conhecimento humano, também revela um espelhamento vertical de uma religiosidade invertida, como Flusser postula em seu “Pós-História”. A partir dessa segunda consideração conclusiva,

temos ainda um jogo de oposições que se articula no quadro da certeza epistêmica e nos leva a considerar o tema das cosmovisões na contraposição entre a postura *ad inferos* do Vampyroteuthis e a ascese *ad caelum* da tipologia bíblica estabelecida no período vitoriano.

Podemos encontrar, em nossa análise, aquilo que se desenvolve em um exercício de alteridade no âmbito da epistemologia e do método científico: os fatos, pretensamente objetivos, e os modelos, ou imagens de mundo, são dois lados de uma busca por significação. Tal exercício de alteridade nos coloca diante de compromissos teóricos que se revelam nos métodos e abordagens científicos. O termo *cosmovisão*, tanto em Naugle (2017) quanto nas abordagens da “visão do real” na literatura formulada por Flusser (2002), é sugestivo em apontar como os compromissos pré-teóricos acabam por enquadrar e orientar as manifestações teóricas que tentam apreender a “realidade”, seja ela dos dados em análise, seja em sentido amplo.

Em nossa consideração, especialmente olhando para o capítulo 3, percebemos que o campo da *doxa*, em sentido semiótico e tensivo, é o campo fundante das concessões e do sobrevir. A predileção de Flusser pelo *para/doxa* fica estabelecida por seu jogo de espelhamentos, apontados nos subcontrários e sobrecontrários, fundada nos termos de (in)certeza e (im)plausibilidade, disputados tanto existencial quanto epistemologicamente por toda incursão do pensamento. A grande percepção que podemos obter de Flusser é que ele articula tais oposições em uma fábula que pretende dar uma “lição de moral”, ainda que o negue, bastante hermética no próprio status da ciência humana pós-histórica.

Em termos práticos, isso significa reconhecer que o dilema entre um programa narrativo de base e os programas narrativos de uso, que revelam uma crise fiduciária, estão instaurados primariamente no cerne da episteme e dos métodos científicos. Se Flusser está correto, e cabe uma investigação posterior, existem implicações para todas as teorias, incluindo a própria linguística e, em especial, para a semiótica. Em desdobramentos, poderíamos avaliar o quanto a *fidúcia*, não enquanto simulacro para reconhecer um contrato estabelecido no texto, mas enquanto compromisso teórico que baliza referências modelares para a construção de visões de mundo, também modelou certos compromissos epistêmicos do enquadramento e do instrumental semiótico. As possibilidades para aberturas e novas considerações analíticas parecem nos saltar aos olhos quando percebemos

que o reconhecimento desses modelos que se fundam e se articulam no âmbito *intrateórico* podem ser postos em cena, como os espelhos contrapostos de Flusser. A sinalização de uma religiosidade negativa, quando vista também sob o prisma do contraponto religioso da tipologia bíblica, parece nos deixar um vasto campo que correlacione cosmovisão, senso de realidade e compromissos fiduciários e doxais para além das teorias e também nelas mesmas. O desafio possível é ainda considerar um avanço semiótico que possa se ocupar do processo de formulação do discurso científico da articulação entre compromissos epistêmicos e práticas metodológicas, ou, em linguagem já estabelecida, entre os programas narrativos de base e de uso.

O que nos propusemos a fazer aqui envolveu uma ampla articulação de conceitos e temas, todos eles ancorados a partir dos termos *fato* e *imaginação* e *pós-história* na narrativa fabular de *Vampyroteuthis Infernalis*, fazendo um contraponto e uma aproximação analógica com o histórico método hermenêutico do período vitoriano. Diversas dicotomias foram escancaradas, dissolvidas e rearticuladas em um jogo implicativo ou concessivo, mas, sobretudo, de investigação semiótica.

O que podemos concluir, provisoriamente, é a possibilidade de entrever, nas frestas das dicotomias de *pós-história* e do *Vampyroteuthis*, um campo amplo de observação e análise ainda a ser explorado. Profundidades a serem apanhadas pelo desenvolvimento de novas redes. Fios a serem tecidos para que o desconhecido inominável possa ser nomeado e incluído na conversação humana. Não que a espessura da malha da rede científica tenha que ser adensada, como se a rede e não a pesca assumisse a finalidade maior, mas para reconhecer que aquilo que escapa entre os fios é o que motiva um novo lançamento e uma nova exploração. Lucia Santaella considerou Flusser “o explorador de abismos” e Gustavo Bernardo fala de um “nomear espantado dos fenômenos” como o grande mote da filosofia de Flusser. Sua filosofia se relaciona com a poesia, prima pela abertura e não pelo fechamento em si. Nas palavras de Northrop Frye, a imaginação ocupa um local central em todo mito e rearticula as possibilidades de escaparmos das “imagens imaginadas” que se cristalizam em estruturas da mente humana, organizadas pela língua:

Esse é o mundo revelado pela filosofia, pela história, pela ciência, pela religião e pelo direito, que representam um modo mais organizado de usar as palavras. Essas matérias são fontes de conhecimento e informação, mas são também estruturas, coisas feitas de palavras por um poder da mente humana que constrói e edifica. Esse poder é a imaginação, e essas matérias seus produtos. (FRYE, 2017, p. 133).

Tal postura sinaliza que Flusser não está sozinho aos nos alertar sobre os modelos que “moldam” nossa visão das coisas e daquilo que consideramos “fatos”, sem entrar no mérito de discussão ontológica ou terminológica do conceito de realidade. Apenas reconhecemos com ele, no presente momento, que ainda muitas coisas escapam pela malha de nossa rede conceitual; em outras, é necessário avaliar se a malha não fechou a rede em si mesma. É preciso resgatar um conhecimento humano mais concreto que participe da “vacuidade” pós-histórica sem negá-la, como se estivéssemos apenas rumo ao progresso pelo progresso, ou sem assumi-la como norma e precipitar-se no abismo epistêmico. Ainda que aparentemente inconclusa, a presente “fábula” investigativa se finda aqui, esperando por uma resposta de seus eventuais interlocutores e demais pares. A fábula de Flusser fala acerca de todos nós e nos convida fazer o mesmo.

## REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007, 5ª ed.
- AUERBACH, Erich. “A cicatriz de Ulisses”. In: \_\_\_\_\_. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. 6 ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- BAITELLO Jr., Norval. *Vilém Flusser e a terceira catástrofe do homem ou as dores do espaço, a fotografia e o vento*. *Flusser Studies*, n. 03, novembro de 2006. <Disponível em: <http://www.flusserstudies.net/archive/flusser-studies-03-november-2006>, acesso 20 de abril de 2017>
- BERNARDO, Gustavo. *A dúvida de Flusser: filosofia e literatura*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2002.
- \_\_\_\_\_. *O ser que nega*. *Flusser Studies*, n. 15, maio de 2013. <disponível em [www.flusserstudies.net/archive/flusser-studies-may-2013](http://www.flusserstudies.net/archive/flusser-studies-may-2013), acesso em 20 de abril de 2017>
- BATISTOTE, Maria Luceli Faria. *Semiótica Francesa: busca de sentido em narrativas míticas*. Campo Grande: UFMS, 2012.
- BATLICKOVA, Eva. *Em Busca dos Fundamentos do Pensamento de Vilém Flusser*. *Ghrebh-*, n. 11, p. 172-183, março de 2008.
- BIDLO, Oliver; ENDEBO, Nelson Schuchmacher (trad.). *O Hominizado: comunicação e existência em Vilém Flusser*. *Revista Eco Pós* v. 19, n. 1, 2016.
- FATO. *Michaelis: Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. Disponível em <<http://michaelis.uol.com.br/busca?id=pAxp>>, acesso em 27 de junho de 2019.
- FLOCH, J.-M. (1987). *Semiótica plástica e linguagem publicitária*. Significação: *Revista De Cultura Audiovisual*, (6), 29-50. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-7114.sig.1985.90495>.
- FIORÍN, José Luíz. *Enunciação e semiótica*. *Letras*, UFMS, v. 33, p. 69-97, dez. 2006. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/letras/article/viewFile/11924/7345>>. Acesso em: 28 jan. 2018.
- \_\_\_\_\_. *O sujeito na semiótica narrativa e discursiva*. *Todas as Letras*, v. 9, n. 1, 2007. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/649/579>>. Acesso em: 29 jan.2018.

- FIORIN, José Luiz. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Sendas e veredas da semiótica narrativa e discursiva*. DELTA, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 00, Feb. 1999. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-44501999000100009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501999000100009&lng=en&nrm=iso)>. acesso em 27 June 2019.
- FLUSSER, Vilém. *Da Ficção*. O diário de Ribeirão Preto, s/p, São Paulo, 26 de agosto de 1966.
- \_\_\_\_\_. *Em Busca de Significado*. In: LADUSÃNS, Stanislavs. Rumos da filosofia atual no Brasil em autorretratos. São Paulo: Loyola, 1976, pp. 493-506.
- \_\_\_\_\_. *Da religiosidade*. São Paulo: Escrituras editora, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Natural:mente: vários acessos aos significados da natureza*. São Paulo: Duas cidades, 1979.
- \_\_\_\_\_. *Ficções filosóficas*. São Paulo: Edusp, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Língua e Realidade*. São Paulo: Annablume, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Mundo codificado*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- \_\_\_\_\_. BEC, Louis. *Vampyroteuthis Infernalis*. São Paulo: Annablume, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Pós-história*. Vinte instantâneos e um modo de usar. São Paulo: Duas cidades, 2011.
- FRYE, Northop. *A imaginação educada*. Campinas, SP: Vide Editorial, 2017.
- GREIMAS, Algirdas J.; COURTÉS, Joseph (2008) *Dicionário de semiótica*. Trad. Alceu D. Lima, Diana L. P. De Barros, Eduardo P. Cañizal, Edward Lopes, Ignacio A. da Silva, Maria José C. Sembra, Tieko Y. Miyazaki. São Paulo: Contexto.
- GREIMAS, A.J. (1984). *Semiótica figurativa e semiótica plástica*. *Significação: Revista De Cultura Audiovisual*, (4), 18-46. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-7114.sig.1984.90477>
- HANKE, Michael. *A comunicologia segundo Vilém Flusser*. Galáxia, n. 7, p. 59-72, abril de 2004.
- \_\_\_\_\_. *Comunicação e Lebenswelt, racionalidade e experiência estética: uma discussão interdisciplinar e pragmatista*. Galáxia (São Paulo, online), ISSN 1982-2553, n. 35, mai-ago., 2017, p. 106-118. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-2554129276>

\_\_\_\_\_. *The Communication and Media Theory of Vilém Flusser, Pioneer of Media Studies in Brazil and Germany*. Trabalho apresentado ao 23º Congresso Brasileiro de Ciências da Computação, Manaus, 2013.

IMAGINAÇÃO. Michaelis: Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Disponível em <<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=imagina%C3%A7%C3%A3o>>, acesso em 27 de junho de 2019.

KORSHIN, Paul. *Typologies in England, 1650-1820*. EUA, Nova Jersey: Princeton University Press, 1982.

KÜNSCH, Dimas A; MENEZES, José Eugenio de O. *Ficção Filosófica, ensaio e compreensão em Vilém Flusser*. Líbero, v. 19, n. 37-A, p. 71-80, jul./dez. de 2016.

LANDOW, G. P. *Victorian types, victorian shadows: biblical typology in Victorian Literature, Art and Thought*. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1980.

JÚNIOR, Rafael Miguel; CAPELA, Carlos Eduardo Schmidt. *Entre língua e realidade: Vilém Flusser no reverso de uma urdidura estruturalista*. Eco Pós, v. 19, n. 1, p.56-70, 2016.

KÜNSCH, Dimas A; MENEZES, José Eugenio de O. *Ficção Filosófica, ensaio e compreensão em Vilém Flusser*. Líbero, v. 19, n. 37-A, p. 71-80, jul./dez. de 2016.

MENEZES, José Eugenio de O. *Para ler Vilém Flusser*. Líbero, v.13, n.25, p.19-30, jun. de 2010.

MIGUEL, Alcebiadez Diniz. *O monstro e o espelho (O Vampyroteuthis Infernalis, de Vilém Flusser, e a Identidade Espelhada)*. Letrônica, Porto Alegre, v. 6, n. 2, p. 782-797, jul./dez., 2013.

SANTOS, Mario Ferreira dos. *Filosofia e cosmovisão*. São Paulo: É Realizações, 2014, pp. 133-155.

SUSSMAN, Herbert L. *Fact into Figure: typology in Carlyle, Ruskin, and the Pre-Raphaelite Brotherhood*. Ohio State University Press, 1979.

TAUCHEN, Jair Inácio. *O tema da "pós-história" em Vilém Flusser*. 2015. 105f. (Dissertação de Mestrado), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, PUC-RS, Rio Grande do Sul.

TEIXEIRA, Lucia. *Entre dispersão e acúmulo: para uma metodologia de análise de textos sincréticos*. Gragoatá, [S.l.], v. 9, n. 16, jul. 2004. ISSN 23584114. Disponível em: <<http://www.gragoata.uff.br/index.php/gragoata/article/view/586>>. Acesso em: 13 ago. 2018.

ZILBERBERG, C. *Elementos de Semiótica Tensiva*. Trad. Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit, Waldir Beividas. São Paulo: Ateliê editorial, 2011.